

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO,
CULTURA E AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

MAYRA LEAL DO NASCIMENTO

TORCIDA, SUBSTANTIVO FEMININO:
interações e relações de gênero nas torcidas do clássico
Remo x Paysandu

BELÉM- PARÁ
2020

MAYRA LEAL DO NASCIMENTO

TORCIDA, SUBSTANTIVO FEMININO:
interações e relações de gênero nas torcidas do clássico
Remo x Paysandu

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação

Linha de Pesquisa: Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia

Orientadora: Dra. Rosaly de Seixas Brito

BELÉM-PARÁ
2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

L433t Leal do Nascimento, Mayra
TORCIDA SUBSTANTIVO FEMININO: Interações e relações
de gênero nas torcidas do clássico Remo x Paysandu / Mayra Leal
do Nascimento. — 2020.
188 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Rosaly de Seixas Brito
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em
Comunicação, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade
Federal do Pará, Belém, 2020.

1. Futebol. 2. Torcida. 3. Gênero. 4. RexPa. 5. Interações. I.
Título.

CDD 301.14

MAYRA LEAL DO NASCIMENTO

TORCIDA, SUBSTANTIVO FEMININO:
interações e relações de gênero nas torcidas do clássico
Remo x Paysandu

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

RESULTADO: () APROVADO () REPROVADO

Data: 26 DE MARÇO DE 2020

Profª. Dra. Rosaly de Seixas Brito (PPGCom/UFPA) - Orientador

Prof. Dr. Fábio Fonseca de Castro (PPGCOM/UFPA)

Profª. Dra. Telma Amaral Gonçalves (PPGSA/UFPA)

Profª. Dra. Ana Carolina Soares Costa Vimieiro (PPGCOM/UFMG)

BELÉM-PARÁ
2020

A todas as mulheres que se inquietaram, não se calaram, que resistiram.

Às mulheres que lutam por seu espaço no futebol e na vida.

AGRADECIMENTOS

Ao pensar em gratidão, lembro de uma música do Gonzaguinha que diz: “Toda pessoa sempre é a marca das lições diárias de outras tantas pessoas.” E eu não poderia finalizar esta etapa tão importante sem agradecer aos que nesta jornada deixaram suas marcas em mim e me fizeram uma pessoa melhor.

Inicialmente agradeço à Universidade Federal do Pará, que não é uma pessoa mas me permitiu ser quem sou. Instituição que me acolheu pela primeira vez quando eu tinha 17 anos, vindo de outra cidade e sem saber muita coisa da vida. Me deu uma profissão, conhecimentos, amigos, amores. Me recebeu novamente para que eu cursasse o Mestrado em Comunicação, permitindo ampliar minha visão de mundo e me dando educação pública da melhor qualidade para que eu desenvolvesse essa pesquisa e crescesse como pessoa.

Não encontro palavras para agradecer à minha orientadora, professora Rosaly Brito, grande referência e inspiração para mim, como pesquisadora, jornalista e mulher. Com doçura, leveza e amizade, me guiou durante este percurso, abraçando minha ideia de pesquisa, me apontando caminhos possíveis e ajudando a aguçar meu olhar como pesquisadora. Muito obrigada por tudo!

Agradeço ao PPGCom por ter proporcionado condições para que essa pesquisa fosse realizada, desde as disciplinas ofertadas, eventos e palestras que trouxeram conhecimentos essenciais para essa construção, até todo o apoio com questões burocráticas.

Obrigada a todos os professores com quem tive a chance de aprender durante esses dois anos. Agradeço porque mesmo em meio a um contexto político de ameaças, continuam lutando e acreditando no poder da educação.

Muito obrigada ao professor Fábio Castro, com quem tive a chance de aprender em sala de aula por várias vezes durante o mestrado. Suas disciplinas foram cruciais para o desenvolvimento deste trabalho. Obrigada por aceitar participar da minha banca e pelas contribuições desde o início desse processo.

Obrigada à professora Telma Amaral pelas colaborações ao trabalho, com leitura atenta desde a pré-qualificação e sugestões que enriqueceram a pesquisa. Obrigada também por fazer da banca um momento mais leve.

Muito obrigada à professora Ana Carolina Vimieiro pela generosidade e doçura com que me recebeu quando a procurei e pelas importantes contribuições no exame de qualificação.

Obrigada à Capes pelo apoio financeiro para esta pesquisa, por meio de concessão de bolsa de estudos.

Ainda com a música do Gonzaguinha na cabeça, “é tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho por mais que pense estar”. Gostaria de agradecer aos meus pais Wilna e Edilson, meus maiores amores, por nunca me deixarem sozinha, e mesmo distantes fisicamente me apoiarem e sonharem comigo. Obrigada por serem minha fortaleza e abrigo onde o meu coração descansa. Obrigada aos meus irmãos Mayná e Edilson e ao meu sobrinho, Pedro, por serem ponto de apoio em vários momentos da minha vida.

Obrigada ao Guilherme, meu grande amor e parceiro de vida, por não ter deixado que a experiência da dissertação fosse solitária, sendo minha companhia desde a ida para o campo até às madrugadas de escrita. Obrigada por cuidar de mim e por dividir os dias comigo. Agradeço também aos meus sogros Gina e Guilherme, que tornaram-se minha família em Belém nos últimos anos. Obrigada pela acolhida e por todo o apoio.

Obrigada aos amigos do PPGCom, especialmente Gersika, Bianca, Suzana e Elson, com quem dividi muito mais do que a sala de aula. Muito feliz de tê-los encontrado neste percurso.

Agradeço os amigos da vida, não citarei nominalmente para não correr o risco de esquecer alguém. Muito obrigada a todos que foram refúgio e alegria durante esses dois anos. “Quanta sorte é poder chegar nessa vida com vocês!”.

Obrigada a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, principalmente àqueles que abriram caminho para eu chegar até as interlocutoras da pesquisa: Beatriz Reis, Deby, Suzana Magalhães, Matheus Pampolha, Bianca Leão, Mamute, muito obrigada pela indicação das torcedoras.

E, principalmente, a minha gratidão às oito mulheres que tiraram um tempo para conversarem comigo sobre suas experiências e seus sentimentos. Obrigada por dividirem suas histórias e por confiarem nesta pesquisa!

“Se realmente queremos mudanças, precisamos de todo mundo se posicionando contra o racismo, contra a homofobia, pela igualdade de pagamentos. Temos grandes oportunidades, temos grande sucesso, uma grande plataforma. Temos a oportunidade de usar esse jogo lindo para realmente mudar esse mundo para melhor.”

(Megan Rapinoe)

RESUMO

A dissertação traz uma análise das relações de gênero e interações das torcidas do Clube do Remo e do Paysandu Sport Club, a partir de metodologia de inspiração antropológica. Com o objetivo de analisar como as questões de gênero se manifestam nas interações constitutivas do ser torcedora destes clubes e nas performances das torcidas do clássico, a pesquisa alia observação participante nas arquibancadas em dias de RexPa a entrevistas semiestruturadas com torcedoras que frequentam o estádio. A observação participante foi realizada em ambas as torcidas, durante clássicos disputados no Estádio Mangueirão, em Belém, nos anos de 2018 e 2019, permitindo a apreensão de fenômenos e experiências coletivas. Já as entrevistas foram feitas com oito interlocutoras - quatro torcedoras do Remo e quatro do Paysandu - com trajetórias e perfis diferentes, considerando suas subjetividades e experiências pessoais e articulando-as com os dados observados em campo. A perspectiva de análise adotada parte de uma abordagem relacional da comunicação e de gênero e permite identificar práticas e rituais coletivos e individuais de torcida, interações construídas no âmbito do torcer, relações sociais e de afeto que envolvem as experiências e como questões de gênero e poder estão implicadas em todo esse processo. Entre os principais conceitos acionados estão os de performance e performatividade; de comunicação e interação tendo o corpo como cerne; o de poder e matrizes de dominação; e discussões sobre gênero. Compreende-se o estádio como ambiente comunicacional que permite a vinculação entre os corpos e evidencia-se a relação entre mulheres e futebol ao longo da história até os dias atuais, discutindo-se as relações de poder construídas nesse esporte e as estratégias de resistência adotadas. Assim, foi possível identificar que as questões de gênero se manifestam nas trajetórias individuais das torcedoras, ora por meio de adequação a uma performatividade masculina dominante, ora pela utilização de estratégias para demarcar o lugar da mulher no futebol. Estas estão presentes nas experiências tanto de afeto quanto de desrespeito e em situações estruturais do estádio de futebol. Em relação às performances da torcida, foi possível verificar como as opressões de gênero aparecem por meio de silenciamentos, masculinidades e homofobia. O percurso de pesquisa também permitiu visualizar o papel dos afetos no torcer e a dimensão sensível que envolve esta prática.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Torcida. Gênero. RexPa. Interações

ABSTRACT

The dissertation brings an analysis of the gender relations and interactions of the fans of Clube do Remo and Paysandu Sport Club, based on an anthropological methodology. In order to analyze how gender issues are manifested in the constituent interactions of being a woman fan of these clubs and in the performances of fans of the classic, the research combines participant observation in the stands on RexPa days with semi-structured interviews with fans who frequent the stadium. The participant observation was made in both bleachers during classics played at the Mangueirão Stadium, in Belém, in the years 2018 and 2019, allowing the apprehension of phenomena and collective experiences. The interviews were conducted with eight women - four fans of Remo and four of Paysandu - with different trajectories and profiles, considering their subjectivities and personal experiences and articulating them with the observations in the field research. The analysis perspective adopted is based on a relational approach to communication and gender and allows the identification of collective and individual practices and rituals, interactions built in this scope, social and affective relationships that involve experiences and as issues of gender and power are involved in this whole process. Among the main concepts used are those of performance and performativity; of communication and interaction with the body as the core; of power and domination matrices; and gender discussions. The stadium is understood as a communicational environment that allows the connection between bodies, it also shows the relationship between women and soccer throughout history to the present day, discussing the power relationships built in this sport and the adopted resistance strategies. Thus, it was possible to identify that gender issues are manifested in the individual trajectories of the women fans of soccer, sometimes through adaptation to a dominant male performance, or through the use of strategies to demarcate the place of women in soccer. These are present in the experiences of both affection and disrespect and in structural situations of the soccer stadium. In relation to the fans' performances, it was possible to verify how gender oppressions appear through silences, masculinities and homophobia. The research path also made it possible to visualize the role of affects in the act to be soccer fan and the sensitive dimension that this practice involves.

KEYWORDS: Soccer. Soccer fans Gender. RexPa. Interactions

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - Rebelião Feminina da Pavilhão 6.....	53
IMAGEM 2 - Torcedoras pedem respeito.....	54
IMAGEM 3 - Torcedoras remistas em manifestação na arquibancada.....	56
IMAGEM 4 - Jogador Nicolas veste a camisa “Não é não”.....	57
IMAGEM 5- Torcedoras do Paysandu levantam cartazes de protesto.....	57
IMAGEM 6- Apresentação da mascote Leona.....	58
IMAGEM 7- Estádio Olímpico Mangueirão.....	61
IMAGEM 8- Torcedores no pré-jogo no estacionamento do Mangueirão.....	62
IMAGEM 9 - Confusão na fila para entrar no Mangueirão.....	63
IMAGEM 10- Entrada do estacionamento do Portão B2.....	63
IMAGEM 11- Subida da rampa no lado A.....	65
IMAGEM 12- Subida da rampa no lado B.....	65
IMAGEM 13- Torcida do Remo cantando.....	67
IMAGEM 14- Torcida do Paysandu cantando.....	68
IMAGEM 15- Leos Azulinas no Mangueirão.....	68
IMAGEM 16- Bicolindas no Mangueirão.....	69
IMAGEM 17- Torcida Remoçada.....	72
IMAGEM 18- Torcida do Remo no lado A do Mangueirão.....	75

IMAGEM 19- Torcida Camisa 33.....	75
IMAGEM 20- Torcida Terror Bicolor.....	77
IMAGEM 21- Torcida Lobos do Esquadrão.....	78
IMAGEM 22- Torcida do Paysandu no Lado B do Mangueirão.....	79
IMAGEM 23- Banda Alma Celeste.....	80
IMAGEM 24- BAC levantando a bandeira LGBT.....	81
IMAGEM 25 - Casal bicolor assistindo o jogo.....	83

LISTA DE QUADRO

QUADRO 1 - Interlocutoras da pesquisa.....	117
--	-----

SUMÁRIO

PRÉ-JOGO: ENTRANDO EM CAMPO	14
2. PENSANDO SOCIALMENTE O FUTEBOL: APONTAMENTOS HISTÓRICOS E REVISÃO DE LITERATURA	30
2.1 O futebol na cultura brasileira: entre o espetáculo e o social	30
2.2 Origem e sentidos do ato de torcer	32
2.3 Um olhar sobre o futebol e as torcidas paraenses	35
2.4 Questões de gênero no futebol	41
2.5 Mulheres na torcida	47
3. ARQUIBANCADAS PERFORMATIVAS: PERCEPÇÕES DE CAMPO SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO REXPA	60
3.1 Hoje tem RexPa!	60
3.2 Torcidas em campo: a divisão socioespacial do estádio	70
3.3 Entre leas e bicolores: considerações sobre a presença feminina	82
3.4 As interações na arquibancada	87
3.5 A construção do(a) sujeito(a) torcedor(a): da performatividade às performances	93
3.6 Masculinidades dominando o jogo	104
4. AFETOS, PERTENCIMENTOS E DESRESPEITOS: AS EXPERIÊNCIAS DE MULHERES TORCEDORAS DE REMO E PAYSANDU	115
4.1 “Sou torcedora desde o berço”: as origens do torcer nas trajetórias das interlocutoras	119
4.2 “Tu nunca tá sozinha ali”: companhias, conversas e relações da torcida	130
4.3 “Todo mundo na vida deveria ter essa experiência”: o estádio e o encontro entre os corpos	141
4.4 “Sempre tenho que ter uma camisa do clube, ou uma camisa da torcida”: os elementos visíveis do torcer	147
4.5 “Eu não sou vagabunda”: experiências de violência e desrespeito	152
4.6. “A gente tá se igualando a eles”: percepções individuais sobre a presença e comportamento das mulheres na torcida	159
4.7 “É uma coisa que tu sabe que vai ser pra vida inteira”: sentimentos e pertencimento clubístico	165
5. APITO FINAL - ESSE LUGAR TAMBÉM É MEU: TENSÕES, ALEGRIAS, RESISTÊNCIAS E DESCOBERTAS	171
REFERÊNCIAS	178
APÊNDICE A - Roteiro de perguntas	185

1. PRÉ-JOGO: ENTRANDO EM CAMPO

“Mulher não entende de futebol”, “Futebol é para homens”. Acredito que toda mulher que gosta, acompanha ou joga futebol já ouviu uma dessas frases. Como mulher que sempre gostou de futebol, acompanhou os jogos e torceu, comentários desse tipo sempre me incomodaram.

Gostar de futebol foi algo que veio desde criança, naturalmente, muito por influência do meu pai com quem assistia com frequência os jogos pela televisão. Não é à toa que torço pelos mesmos times que ele. Como morei no interior até os 16 anos, acompanhava mais o futebol nacional midiaticizado que chegava na minha casa pela televisão. Na minha cidade, apesar da proximidade com a capital, o futebol paraense não tinha a mesma força e importância que em Belém. Todos tinham um clube paraense de coração, mas acompanhavam com mais frequência os clubes do eixo sul-sudeste. Inclusive, a primeira camisa de time que ganhei era do Flamengo. Tinha 7 anos.

Comecei a acompanhar o futebol paraense e a torcer de fato quando passei a morar na capital, tanto que a minha primeira vez em um estádio foi tardia, aos 18 anos, por dois motivos principais: eu nunca havia tido a oportunidade de ir antes e havia sido construído para mim um discurso de que aquele era um lugar hostil para mim, como mulher. No meu primeiro RexPa, segunda ida ao estádio, me apaixonei pelo campo. Foi quando pude ver que ali a paixão pelo futebol se materializava e que aquela experiência de estar junto da torcida era única e inebriante.

Desde que passei a frequentar o estádio de futebol, o fiz acompanhada por homens, familiares, namorados, primos, amigos. Uma vez ouvi, em um momento meu de euforia e insatisfação com o time, um familiar dizer que não me reconhecia quando eu estava na arquibancada, brincando ele acrescentou que eu estava me comportando como um moleque. Aquela situação não me incomodou na hora, mas depois ficou na minha cabeça. O que seria se comportar como um moleque? E o que seria se comportar como eu mesma, uma mulher? Que tipo de comportamento era esperado de mim naquele lugar?

Passei um tempo frequentando o estádio regularmente. Com o distanciamento das antigas companhias, me afastei daquele ambiente e continuei acompanhando o futebol mais pela televisão e com menos frequência do que antes. Sempre que me deparava com a saudade do campo, eu justificava a minha não ida pelo fato de eu não ter companhia. Aos poucos, essa

motivação também foi me incomodando: por que eu não posso ir para o estádio sozinha, quando outros homens com quem convivo fazem isso tranquilamente? Por que o estádio é um lugar permitido para mim, mas dentro de algumas condições? Essas reflexões sempre estiveram presentes de forma pessoal, mas aos poucos fui percebendo que aquelas eram questões que, apesar de me atravessarem individualmente, não diziam respeito somente a mim.

Faço esses questionamentos e pequeno relato pessoal para posicionar meu lugar de fala e o ponto de partida das inquietações que motivaram essa pesquisa. Ao considerar as relações de gênero nas torcidas de futebol, estou olhando para situações que também me transpassam como sujeito e torcedora. Voltei a frequentar o estádio para a realização da pesquisa em curso e agora com um papel social a mais, o de pesquisadora, no qual novos comportamentos e situações me são colocadas por meio da observação e da minha própria presença ali.

Esta dissertação tem como sujeito as torcidas de futebol do Clube do Remo e do Paysandu Sport Club, com foco nas mulheres frequentadoras do estádio. Ambos os clubes são da capital paraense, Belém, e protagonizam uma rivalidade histórica. O RexPa - como é conhecido - é o clássico mais disputado do mundo¹, movimentando torcidas apaixonadas, que lotam os estádios para assistir aos jogos. O trabalho se debruça sobre a análise de como a construção do ser torcedora está atravessada por questões de gênero, a partir da observação das formas do torcer das duas maiores torcidas paraenses, em dias de clássico, e das experiências relatadas por torcedoras em entrevistas.

Inicialmente, é preciso questionar: onde estão as mulheres no futebol? Parto da hipótese, fundada em dados históricos, de que elas sempre estiveram presentes no esporte, entre invisibilidades e opressões. Seja nas arquibancadas ou dentro das quatro linhas. Há registros de times femininos de futebol desde o início do século passado, em uma história marcada por preconceitos e proibições. Foram mais de 40 anos de impedimento legal para que as mulheres praticassem o futebol profissionalmente. O decreto do antigo Conselho Nacional de Desportos que durou de 1941 a 1983 estava embasado na ideia de que esportes como o futebol eram prejudiciais à feminilidade e ao corpo da mulher. Se em 2019, ano em que desenvolvi parte desta pesquisa, vimos o Mundial de Futebol Feminino da FIFA ter uma

¹ Até fevereiro de 2020, os times já se enfrentaram 752 vezes.

projeção midiática e comercial inédita e a Seleção Brasileira de futebol feminino contar com um apoio maior da torcida, é preciso se questionar: por que só agora?

A história mostra que, mesmo presentes desde o início, as mulheres sempre tiveram suas participações regradadas. Nas arquibancadas, torciam lenços pois não deviam gritar, a euforia não era um comportamento considerado adequado para as moças do século XX. E o que mudou desde então?

Nas arquibancadas paraenses, seja em torcidas organizadas ou frequentando o estádio sem integrar nenhum grupo específico, não há dúvida de que as mulheres compõem boa parte da torcida. A presença das mulheres nos estádios há muito tempo deixou de ser uma novidade, o que está em questão nesta pesquisa é em que condições essa presença se dá, considerando os diversos atravessamentos do ser mulher em um espaço de hegemonia masculina.

Não dá para compreender o futebol como fenômeno cultural sem considerar o contexto social em que ele se insere. O futebol apresenta relações de poder e gênero fortemente construídas, que estão ligadas à história desse esporte no Brasil e também ao fato de que ainda estamos longe de alcançar uma equidade de gêneros na sociedade.

É tensionando essas questões, a partir da interface entre a comunicação e outros campos do saber, como a sociologia, a filosofia e principalmente a antropologia, que construo esta pesquisa. Quando compreendemos o gênero como categoria de análise, há várias questões aí implicadas. Essa definição de papéis sociais e padrões de comportamento pautados no determinismo biológico produz sentidos na intersubjetividade, na construção de relações sociais e nas formas como representamos a nós mesmos. Os corpos são atravessados por discursos e materializações de poder e tenho como premissa de que isso se reflete nos rituais e modos de torcer construídos nas arquibancadas, principal espaço de observação deste trabalho.

A inserção no campo para fins de pesquisa- não somente como torcedora, conforme experiências anteriores - me permitiu apreender e observar alguns desses processos: interações, discursos, representações, ritualizações, danças, vestuário e performances. Essas observações alinhadas às entrevistas permitiram visualizar observações como estes processos incidem sobre as experiências individuais do torcer e vice-versa.

Desta forma, tenho como principal questão de pesquisa: Como as relações de gênero se manifestam nas interações constitutivas do ser torcedora do Remo e do Paysandu e nas performances das torcidas no RexPa?

Partindo desta problemática, o objetivo geral do trabalho é analisar como estas relações de gênero se manifestam nas interações constitutivas do ser torcedora do Remo e do Paysandu e nas performances das torcidas no clássico, levando em consideração suas interações e práticas do torcer, a partir de observação participante e das experiências relatadas por torcedoras em entrevistas semiestruturadas.

Nesse percurso, pretendo identificar o papel das interações nas torcidas do RexPa no território do estádio de futebol e sua influência nas manutenções e negociações de poder; analisar de que forma o corpo, como veículo de comunicação, é atravessado por lógicas de poder, que refletem nas suas técnicas e formas de representação de si; identificar e fazer uma descrição sensível dos rituais e padrões de comportamento da torcida paraense; e, por meio de pesquisa bibliográfica, identificar as transformações e permanências na história da cultura futebolística no Brasil e no Pará, ressaltando estratégias e iniciativas de resistência das torcedoras no campo de futebol.

A pesquisa em curso tem metodologia de inspiração antropológica e consiste em observação participante dos fenômenos e processos interativos em campo, a partir de inserção nas torcidas do Clube do Remo e Paysandu Sport Club, além de entrevistas semiestruturadas com torcedoras. Pelo caráter qualitativo da pesquisa, considero importante me posicionar como alguém que faz parte da situação analisada, pelo fato de eu ser mulher, em um ambiente de interações masculinizadas, e por ser torcedora de um dos times, tornando-se necessário reconhecer que minha presença ali cria novas interações e socialidades.

A partir de Da Matta (1978) considero que a minha subjetividade também é um dado sistemático da interpretação.

Seria possível dizer que o elemento que se insinua no trabalho de campo é o sentimento e a emoção. Estes seriam, para parafrasear Lévi-Strauss, os hóspedes não convidados da situação etnográfica. E tudo indica que tal intrusão da subjetividade e da carga afetiva que vem com ela, dentro da rotina intelectualizada da pesquisa antropológica, é um dado sistemático da situação. (p.6)

Essa reflexão que faço também é trazida por Guber (2001) ao analisar as relações de gênero presentes na investigação etnográfica. A autora afirma que a informação obtida por

uma mulher em uma pesquisa pode não ser a mesma daquela coletada por um homem, e analisa como as características de gênero estão encarnadas no pesquisador: “El investigador siempre tiene un sexo y cuando va al campo es incorporado, inexorablemente, a las categorías locales de gênero”. (p. 120)

A inserção no campo de pesquisa, que é o Estádio Olímpico Mangueirão², se deu em dias de clássico, nos jogos entre Remo x Paysandu. O foco da observação são as interações e performances construídas nas arquibancadas de ambas as torcidas, mas trago também dados de observação realizada antes mesmo de adentrar os portões, na parte de fora do estádio, no caminho e no seu entorno.

A apreensão desses sentidos e situações *in loco* me permitiu uma posição diferenciada e sentimentos múltiplos, visto que passei a enxergar o ambiente do estádio de futebol para além do papel de torcedora, que antes desempenhava. Em campo, me posiciono como espectadora do jogo, mas me desafio a olhar principalmente para o que está ao meu redor, para os que estão ali nas arquibancadas comigo. É aquele processo que Da Matta (1978) define como a transformação do familiar em exótico:

O problema é, então, o de tirar a capa de membro de uma classe e de um grupo social específico para poder — como etnólogo — estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir (ou recolocar, como fazem as crianças quando perguntam os "porquês") o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação. (p.4).

Há também aqui um esforço de, como diz o antropólogo José Guilherme Magnani (2002), “olhar de perto e de dentro”, identificando, descrevendo e refletindo sobre os detalhes que compõem o fenômeno observado. Entendo que integrando as torcidas e sendo também um dos atores sociais de um todo observado, posso obter os “insights” sobre os fenômenos, ao mesmo tempo em que vivencio o processo e rituais daquela experiência no estádio.

É importante ressaltar que essa apreensão dos fenômenos é sempre um esforço interpretativo. Por isso, situo este trabalho na interface da comunicação com a antropologia interpretativa. Apoio-me em Geertz (1989), quando ele define que as três principais características da descrição etnográfica são a) o fato de ela ser interpretativa; b) que essa interpretação “consiste em saltar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis”; e c) que ela é microscópica (p. 31). A

² O Mangueirão é o maior estádio do Pará, com capacidade atual para 32 mil espectadores. O estádio é público e foi inaugurado em 1978. Por ser o maior, é o único do estádio que comporta jogos com grandes públicos.

observação dos fenômenos em microescala permite estabelecer conexões com uma escala macro. O universo da pesquisa antropológica é microscópico pois lança luz sobre um contexto específico a fim de ajudar a iluminar uma questão universal.

Em vista disso, tenho a consciência de que as observações me permitem ter uma interpretação dos fatos, e nunca uma verdade absoluta. Compreensão em muito apoiada nas ideias trazidas por Velho (2013, p. 76) e que destaco aqui: “por mais que tenha procurando reunir dados “objetivos” e “verdadeiros” sobre a vida daquele universo, a minha subjetividade está presente em todo o trabalho”.

Durante a experiência de campo, adotei como instrumento o diário de campo, o que me auxilia a ter uma descrição dos fenômenos mais próxima da realidade. Para gerar mais adequação ao ambiente e à situação em que me encontro, optei por uma versão mais tecnológica. Escolhi utilizar o bloco de notas no celular, no intuito de provocar menos estranhamento naqueles que dividem a arquibancada comigo. A partir dos dados coletados e registrados no diário de campo, me propus a fazer o que Geertz (1989) chama de “descrição densa”, no esforço de apreender os significados dos mais simples gestos, expressões corporais e comportamentos.

As observações de campo me deram diretrizes e novos questionamentos para as entrevistas que realizei com torcedoras de ambos os times. Acredito que essa metodologia é cíclica, pois as observações de campo permitiram a formulação de questões para as entrevistas, enquanto estas trouxeram um novo olhar sobre fenômenos já observados e outros ainda não percebidos. É importante dar conta daquilo que é dividido individualmente e de que sentidos são atribuídos a essa experiência, quais as regularidades e peculiaridades possíveis de se identificar.

As entrevistas foram importantes para compreender que além das experiências comuns e coletivas daquele ambiente, há também as individuais. Pude ouvir as histórias das torcedoras com o futebol, suas relações com o estádio, suas práticas e rituais do torcer, suas experiências enquanto torcedoras, como vivenciam suas paixões pelos clubes e suas percepções sobre a presença das mulheres na torcida. Foram realizadas oito entrevistas semi-estruturadas, com um roteiro de perguntas abertas e algumas questões socioeconômicas para conhecer melhor cada entrevistada.

Procuro, como orienta Gilberto Velho (2013) evitar generalizações a respeito das minhas entrevistadas, e sim complexificar relações e comportamentos, pois sei que, no

contexto do estádio, essas torcedoras desempenham papéis e participam de rituais semelhantes, mas trazem consigo suas próprias realidades. Nesta perspectiva, entrevistei mulheres com trajetórias de vida e de torcida diferentes, podendo assim considerar suas subjetividades e particularidades.

Pretendo contribuir com uma agenda de pesquisa que ainda precisa se fortalecer no campo da comunicação, conforme levantamento que fiz para este trabalho. O levantamento feito nos sites e repositórios virtuais de todos³ os Programas de Pós-Graduação em Comunicação do Brasil, listados na Plataforma Sucupira da Capes⁴ chegou ao resultado de 120 dissertações e 25 teses concluídas que reúnem a interface comunicação e futebol.

A maior parte destes trabalhos tem a mídia como centro e locus da análise. São 104 dissertações e 17 teses ligadas a temas como análises de coberturas, jornalismo esportivo, representações midiáticas e construção de imagens e discursos na imprensa e publicidade. Entre as 16 dissertações que consideram a comunicação para além de seu âmbito midiático, estão trabalhos sobre comunicação organizacional e marketing (6), sobre o significado social do futebol (2), sobre os laços afetivos da torcida (1) e sobre instalações do Museu de Futebol em São Paulo (1). Em relação às teses, há duas pesquisas sobre comunicação organizacional.

Após a realização do Mundial de Futebol da Fifa no Brasil, a Copa 2014, também houve um crescimento no número de trabalhos sobre futebol e comunicação. Foram 26 dissertações abordando o evento nos Mestrados de Comunicação, 19 delas sobre questões midiáticas, como coberturas e representações, e 7 que trazem situações ligadas à Copa, como as modificações na cidade, os protestos contrários à sua realização em algumas cidades, entre outros. Entre as teses, 9 das 25 têm como abordagem central a Copa de 2014, sendo 5 sobre aspectos da mídia e 4 sobre os assuntos mais gerais.

Em relação aos dois temas centrais desta pesquisa que são as torcidas e o gênero no futebol, notei que ainda há escassez de trabalhos que abordem as temáticas em programas de comunicação. Há apenas 6 dissertações com foco nas torcidas de futebol e essas levam em consideração abordagens como a midiática da torcida, sua organização, representação e

³ Foram considerados apenas Mestrados Acadêmicos e Doutorados. Trabalhos de conclusão de Mestrados Profissionais não entraram no levantamento.

⁴ Foram visitados todos os sites e repositórios dos cursos avaliados e reconhecidos pela Capes, de acordo com a tabela que consta na Plataforma Sucupira: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoIes.jsf?areaAviacao=31&areaConhecimento=6090000>

laços comunicacionais. Já as questões de gênero são foco de apenas 3 trabalhos e abordam, por sua vez, a audiência feminina de programas esportivos, a representação de atletas e jogadoras e discursos sobre o futebol feminino na mídia. Entre as teses, a proporção é maior. São 5 trabalhos sobre torcidas, que abordam temas como as comunidades virtuais de torcedores, as sonoridades da torcida, a convergência das mídias no estádio e a comunicação ritual das torcidas. Não há registro virtual de teses sobre comunicação e futebol que traga o gênero como questão central.

Além do levantamento sobre as temáticas dos trabalhos, levantei dados sobre suas autorias. Das 120 dissertações, 50 foram escritas por mulheres e das 25 teses, 9 são de autoria feminina. Os dados também apontam para uma concentração das pesquisas em comunicação e futebol na Região Sudeste do país. Mais da metade das dissertações e das teses são oriundas da região. São 72 pesquisas de mestrado e 19 de doutorado sobre a temática produzidas no Sudeste. A Região Norte aparece em penúltimo nessa produção, atrás apenas da Centro-Oeste que não registrou nenhum trabalho.

São três trabalhos sobre futebol nos mestrados de comunicação do Norte do Brasil, dois deles estão no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia na Universidade Federal do Pará⁵. Ambos trazem uma semelhança, a análise de objetos de estudo locais, mostrando como um fenômeno que é nacional adquire aspectos regionais e especificidades próprias. Por isso, acredito que pesquisar comunicação e futebol neste contexto, dá continuidade a uma temática que tem sua abordagem iniciada no programa, ao mesmo tempo que traz elementos novos, pois considera o gênero como categoria de análise central, uma abordagem ainda não trazida nas pesquisas anteriores.

Sendo o futebol um tema que pode e vem sendo estudado nos mais diversos campos científicos, como a antropologia, a história, a sociologia, é importante destacar aqui porque estudar a temática em um programa de comunicação. Muitos estudiosos e profissionais se referem à comunicação como uma disciplina com caráter interdisciplinar ou transdisciplinar, por suas interfaces com diversas áreas do conhecimento, como a sociologia, a antropologia, a psicologia, a cultura, a linguística, entre outras.

José Luiz Braga, importante pesquisador brasileiro na área, ao refletir sobre a constituição do campo da comunicação rejeita a ideia de interdisciplinaridade, preferindo adotar, em seu lugar, a perspectiva de interfaces (2011). O autor explica que em todas as

⁵ Os trabalhos podem ser conferidos no site: <https://www.ppgcomufpa.com/dissertacoes>

pesquisas que estabelecem interfaces com outras áreas, “uma questão se põe como fundamental para assegurar possibilidades de avanço de conhecimento em Comunicação e de contribuição comunicacional para as CHS⁶: o que há de comunicacional nessa interface?” (2011, p. 64-65). Braga (2011) destaca a necessidade de a pesquisa em comunicação *desentranhar* o comunicacional na observação dos fenômenos sociais.

As formas de torcer expressas em processos como interações, discursos, representações, rituais, performances, entre outros, têm caráter social, cultural e, acredito, primordialmente comunicacional. Nessa perspectiva de desentranhar o comunicacional de um fenômeno que é social, considero aqui o paradigma relacional, que apreende os processos a partir de sua perspectiva interacional, como constitutiva da sociedade.

No paradigma relacional, a comunicação está na base da construção social. É possível compreendê-la como um fenômeno dotado de ação, de práxis, em um modelo praxiológico (QUÉRÉ, 1991). Neste modelo, a comunicação é entendida como parte constituinte da vida em sociedade. Essa concepção “depende da constituição de um mundo comum pela ação, ou como se diz às vezes nas ciências sociais, do esquema da construção social da realidade” (QUÉRÉ apud FRANÇA 2003, p. 40).

A comunicação praxiológica está inserida na esfera da ação e da experiência humana, cumprindo “um papel de constituição e de organização - dos sujeitos; da subjetividade e da intersubjetividade; da objetividade do mundo comum e compartilhado” (FRANÇA, 2003, p. 40). À medida que nos comunicamos e interagimos com novos seres em novos ambientes, damos novos sentidos às coisas e a nós mesmos.

Ao consultar a obra de Dewey (2010), é possível perceber como esse contexto influencia nas dinâmicas de socialidade, em que a interação com algo ou alguém permite uma experiência estética, na qual somos afetados e modificados. O resultado dessa experiência é um “entre nós” no qual “a interação dos dois constitui a experiência total vivenciada e o encerramento que a conclui é a instituição de uma harmonia sentida” (p.122). Entendo que a ideia dessa compreensão comum nem sempre se dá no plano da harmonia, no significado estrito da palavra. O resultado dessas interações de sujeitos com mundos partilhados ou distintos gera uma dinâmica intersubjetiva, que muitas vezes está na dimensão dos conflitos e dissensos.

⁶ Ciências humanas e sociais

À medida que nos comunicamos e interagimos com novos seres em novos ambientes, damos novos sentidos às coisas e a nós mesmos. No caso da experiência vivenciada por meio do futebol, esta se torna diferenciada quando o território é o estádio, no que se refere aos rituais, comportamentos e sentimentos. As arquibancadas permitem uma experiência estética na qual estão envolvidas diferentes relações sociais.

Para refletir sobre essas interações e processos comunicativos, as formulações de Georg Simmel também foram importantes, principalmente no que se refere às questões ligadas às socialidades e sociabilidades, sendo esta última a forma lúdica da sociação.

Se a sociedade é concebida como a interação entre indivíduos, a descrição das formas de interação é tarefa de uma ciência específica, em seu sentido mais estrito, assim como a abstração geométrica investiga a simples forma espacial de corpos que existem somente empiricamente como formas de conteúdos materiais. Caso se possa dizer que a sociedade é a ação recíproca entre indivíduos, então a descrição das formas dessas ações recíprocas constituiria a tarefa da ciência social no sentido mais próprio e rigoroso de “sociedade”. (SIMMEL, 2006, p. 33).

Ao trazer a ideia de sociação e diferenciar o individual do coletivo, Simmel reflete sobre como a massa é capaz de sensibilidades, paixões e reações próprias da coletividade e que não são observadas na esfera individual. O autor fala sobre um estado sociológico de inebriação, uma “elevação extremada do sentimento, dada somente pelo estar junto” em que “cada indivíduo também arrebatado, ao mesmo tempo que é arrebatado” (p. 53). Situações, sentimentos e comportamentos que são possibilitados pela interação, pela socialidade, pelo estar com o outro e pelo ser com e para o outro.

O diálogo entre essas interações e socialidades e como elas produzem e reproduzem rituais é refletido a partir de Erving Goffman. Os estudos de Goffman (2009) sobre representação de si e dramatização nos ajudam a refletir sobre o processo comunicativo para além dos elementos verbais, introduzindo também características não-verbais como gestos, formas de agir, vestuário e diversos aspectos que permitem que o sujeito represente a si mesmo. Para Goffman (2009), a representação do eu é regida por normas sociais e culturais, pelo que o outro espera de nós.

Pensando metodologicamente sobre a pesquisa a partir de Goffman, apoio-me no pressuposto de que somos sujeitos em constante construção a partir da relação com o outro e das experiências vivenciadas em determinado contexto. Castro (2015), ao traçar possibilidades metodológicas para o estudo das interações sociais na comunicação, destaca que uma metodologia amparada pelo pensamento de Goffman opera com três planos de

análise: “do contexto, das regulações e da dinâmica da troca” (2015, p. 9), elementos nos quais tenho me debruçado para analisar os fenômenos observados em campo. Do contexto, a análise do ambiente em que essas interações ocorrem, no caso o estádio de futebol, sua espacialidade e atmosfera de sentimentos e simbolismos que rondam o clássico paraense. Das regulações, ao considerar que essas interações são permeadas por relações de poder que regulamentam e instituem padrões de comportamentos. E da dinâmica da troca ao considerar as interações como constituintes da intersubjetividade, de algo comum.

As formulações de Goffman sobre comportamentos em lugares públicos (2010) também são importantes para compreender como essas representações e interações se dão por meio dos “ajuntamentos” no estádio de futebol, visto que aqueles torcedores muitas vezes não se conhecem, mas partilham de sentimentos e códigos de conduta comuns. Goffman também permite pensar a interação para além da linguagem, evidenciando o corpo como instrumento fundamental para a comunicação, moldado para reproduzir regras sociais e padrões de comportamento.

A expressividade do indivíduo (e, portanto, sua capacidade de dar impressão) parece envolver duas espécies radicalmente diferentes de atividade significativa: a expressão que ele transmite e a expressão que emite. A primeira abrange os símbolos verbais, ou seus substitutos, que ele usa propositadamente e tão-só para veicular a informação que ele e os outros sabem estar ligada a símbolos. Esta é a comunicação no sentido tradicional e estrito. A segunda inclui uma ampla gama de ações, que os outros podem considerar sintomáticas do ator, deduzindo-se que a ação foi levada a efeito por outras razões diferentes da informação transmitida (GOFFMAN, 2009, p.12)

Norval Baitello Junior (1999, 2008, 2012) constrói sua pesquisa com base na ideia de que a comunicação é primordialmente a vinculação entre corpos, em um processo no qual corpo é mídia. Ao trazer as formulações do autor para esta pesquisa, pude analisar o estádio como um ambiente comunicacional, onde corpos se conectam e se comunicam em uma linguagem própria dali. Reflexões que serão exploradas com mais ênfase no terceiro capítulo.

A comunicação para além da linguagem verbal é refletida por Braga (2015) na busca de qual seria o grau zero da comunicação, como os sujeitos se comunicavam antes de criarem códigos linguísticos e se comunicam até mesmo quando falam idiomas diferentes. Com base em Gabriel Tarde, Braga propõe a imitação como esse grau zero, indo além de sua característica biológica e entendendo-a como algo constituído socialmente na intenção de

produção de sentido. Segundo o autor, “a imitatividade instintiva oferece à espécie, em sua própria imprecisão processual, compartilhamento e capacidade inferencial” (p.14).

A imitação é um código muito presente nas torcidas. Talvez seja até um dos processos comunicacionais mais acionados nos rituais do torcer. Quem frequenta o estádio já sabe quais são os padrões de comportamento, o que a torcida irá cantar em cada situação, quais expressões corporais podem indicar insatisfação com o time, ou alegria e comemoração, por exemplo. Uma pessoa que for ao estádio pela primeira vez talvez fique sem saber o que fazer no primeiro momento, mas quando certas situações que provocam reações na torcida forem se repetindo, ela observa e incorpora, aos poucos, aqueles padrões de comportamento, da mesma forma que associa as letras dos cantos que a torcida entoar. Com o tempo, se sentirá à vontade para entoar os mesmos cantos e imitar certas expressões, tornando-se parte daquela cena.

É preciso ressaltar que todo código que passa pela imitação precisou ser inventado. Alguém o criou primeiramente antes de ele passar pelo processo de compartilhamento e ser repetido até ser internalizado como um padrão. Nas torcidas, as formas de torcer se repetem ou se assemelham às de outras torcidas. É comum ouvirmos que a torcida de um time imitou a de outro, por estar praticando rituais semelhantes, cantando a mesma música readaptada ou utilizando artefatos comuns de outras torcidas. Braga (2015) chama atenção para o fato de que não há invenção pura, nem pura imitação, é tudo fluxo.

Para o autor, a imitação é um código quase vazio, mas que viabiliza a criação de outros códigos que possam aperfeiçoar a comunicação e se mantém presente e ativo em todo o relacionamento humano. Nessa perspectiva, a comunicação seria então aquilo que ocorre no espaço entre sua ‘base zero’ – processo biológico, e, no outro extremo, um estado imaginário de ‘perfeição matemática’ que eliminaria as diferenças e os processos tentativos, gerando exclusivamente articulações lógicas pré-formalizadas. As articulações entre o compartilhamento biológico e o processo comunicacional permitem assumir que não há determinismo social nem biológico impositivo sobre a comunicação humana (p.15).

Quando se propõe a analisar as técnicas do corpo, Marcel Mauss (2003) reflete sobre como o imitador cria com o imitado uma situação de prestígio. Ele usa o exemplo da criança, que imita atos bem-sucedidos que ela viu serem efetuados por adultos, pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela. A reflexão nos leva a refletir como as técnicas do

corpo, por mais que aparentem ser biológicas, estão transpassadas por técnicas de poder e mecanismos de normalização.

Mauss chega à compreensão de que as técnicas corporais não são somente biológicas, elas são ensinadas, aprendidas, agregando também aspectos culturais e psicossociais. O autor indica alguns princípios para classificar essas técnicas. Para Mauss (2003), elas estão ligadas a variações de idade, à capacidade de rendimento, à transmissão da forma dessas técnicas, e ao sexo. Para exemplificar as técnicas ligadas ao sexo, o autor fala sobre o ato de fechar os punhos e o de socar, que são diferentes em homens e mulheres. Ele aponta para a possibilidade dessas técnicas estarem ligadas também a questões psicológicas e sociais, mas reconhece que seria necessário um aprofundamento nessa discussão.

Quando Mauss escreveu sobre as técnicas do corpo, em 1950, ainda não se falava sobre os estudos de gênero, termo que segundo Donna Haraway só surgiu em 1963⁷. Ao tensionar a teoria para compreender as relações de gênero, essa percepção nos permite inferir como as expressões, rituais e performatividades de gênero estão na esfera da interação. O sexo pode até estar dentro de um determinismo biológico, da esfera da natureza, mas o gênero é um efeito social, que precisa da imitação e da comunicação para criar inteligibilidade e produzir sentido dentro de determinado contexto cultural, agindo também como um processo comunicacional.

Na perspectiva teórica que estou traçando, discuto esta ideia com base nos estudos de gênero e sexualidade de Judith Butler (2003). De acordo com a filósofa, os sujeitos são produzidos discursivamente, logo o gênero também é discursivamente construído. Produzido pela linguagem, ele é materializado pelas performances que, por sua vez, são invenções e estratégias de gênero. Sendo assim, o sexo é uma invenção performativa do gênero, é por si seu produto final. O gênero inventa o sexo a partir de atos performativos, seu efeito substantivo é produzido e imposto por práticas reguladoras, dentro de estruturas de poder. Estes sistemas de poder produzem sujeitos que passam a representar dentro de regulamentos e limitações e do exigido por padrões culturais.

É a performatividade de gênero que dita como cada pessoa deve se comportar, com base em seu sexo biológico. Para Butler, qualquer possibilidade de gênero, sexo e desejo

⁷ Haraway, Donna. Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, 22, 2004, p. 201-247

parte de uma experiência condicionada por discursos culturais hegemônicos e estruturas de poder, no caso o binarismo e a heterossexualidade compulsória.

Sendo a performatividade o que regula e potencializa o gênero, observo como essas identidades e comportamentos ligados ao sexo e gênero são produzidos por meio das performances. Assim, recorro aos estudos da Antropologia da Performance, a partir de Richard Schechner, para quem performances existem enquanto ação, interação e relação. Schechner mostra como as performances não estão apenas nas artes ou nos rendimentos esportivos, mas também na vida cotidiana, o que também envolve treino para aprender padrões de comportamento. De acordo com o autor, toda ação humana pode ser considerada performance que, por sua vez, é feita por padrões de comportamentos restaurados. Essas performances da vida cotidiana fazem acreditar, criam a realidade que encenam, em um fluxo contínuo (2006).

Tanto as considerações que trago aqui de Butler, quanto as de Mauss apontam para relações de poder e dominação sobre os corpos. A concepção de poder da filósofa tem como fonte as formulações de Michel Foucault (1979) de que o corpo social surge a partir da materialidade do poder exercido sobre ele. Foucault traz diretrizes para pensar como se dá a vigilância do corpo, exemplificando que isso ocorre desde a relação entre pais e filhos, na qual o corpo se torna algo que está em jogo, passando também pela relação entre o indivíduo e as instâncias de controle. O autor exemplifica como o poder está na base de várias construções sociais e defende a necessidade de compreendê-lo para além do nível ideológico, a partir dos efeitos que ele exerce sobre o corpo. Conforme Butler, esse poder é subjetivado e incorporado à nossa psique.

A ideia de corpos disciplinados segundo técnicas corporais e padrões de comportamento é discutida também por Guacira Louro (2000), sob um recorte de gênero. A autora traz exemplos de como há uma pedagogia da sexualidade, em que os corpos e indivíduos são educados desde muito cedo para seguir e reproduzir o padrão normativo vigente. Padrão este que estratifica e atribui rótulos identitários, pois ao mesmo tempo em que “define, separa e, de formas sutis ou violentas, também distingue e discrimina” (p. 9).

Uma definição sucinta e clara sobre a relação gênero e sexo e a forma como ela é permeada pelo poder é essa trazida por Louro:

Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição

dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres— também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (p. 6)

Nas estruturas de poder, o discurso hegemônico produzido acaba gerando universalização e generalização. Ao criticar a criação de identidades, Butler (2003) chama a atenção para como o patriarcado constrói categorias universalizantes, enxergando pessoas que estão sob a mesma performatividade de gênero como se fossem iguais, sem levar em consideração outros aspectos de sua vida e marcadores sociais da diferença.

Essa é uma crítica que se fortalece nas autoras feministas negras, ao questionarem que os corpos são atravessados por experiências e marcados socialmente por estruturas de poder e subordinação, o que nos faz concluir que não é possível discutir apenas a categoria gênero, o sujeito traz em si também outras marcas de sua vivência pessoal que influenciam sua experiência social, como as de classe e raça. Neste contexto, surge a ideia da interseccionalidade, termo cunhado por Kimberle Crenshaw, que funciona como “uma estrutura provisória que nos permita identificar a discriminação racial e a discriminação de gênero, de modo a compreender melhor como essas discriminações operam juntas” (2004, p. 8).

Essa perspectiva interseccional é trazida neste trabalho a partir do Pensamento Feminista Negro de Patrícia Hill Collins (2019), para quem as opressões interseccionais atuam sempre por meio de matrizes de dominação. Domínios estes que podem ser estruturais, disciplinares, hegemônicos e interpessoais. Aciono essa divisão para analisar as experiências de desrespeito vividas por torcedoras no estádio e como elas estão pautadas em opressões interseccionais.

Há um mito que faz parte do senso comum de que numa torcida de futebol todos são um só, uma nação. Porém o estádio de futebol está demarcado claramente por formas de poder quando observamos sua divisão espacial. Não estou considerando aqui a torcida que senta nas cadeiras - o que tornaria essa separação ainda mais díspar -, a própria arquibancada é dividida por essas estratificações, como já citei anteriormente. Se essas torcedoras e torcedores são atravessadas por outras formas de poder e este poder age sobre a regulação de

seus corpos e dos comportamentos, é preciso complexificar o olhar sobre as relações que ali se configuram.

Não dá para acreditar que todas as mulheres que frequentam o estádio sofrem as mesmas opressões, essas vão variar de acordo com a classe, cor, biotipo, idade, orientação sexual, vestimentas, entre outros marcadores. Os estádios de futebol são, sim, um espaço hegemonicamente de masculinidades, mas é preciso fazer o mesmo exercício de olhar para esses homens sem universalizá-los. Dessa forma, também agregando a este trabalho discussões sobre as políticas das masculinidades, suas hegemonias e subalternidades, a partir de autores como RW Connel (1995) e Miguel Vale de Almeida (1995). Considero fundamental observar, contrastivamente, as construções do gênero feminino e do masculino.

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro traz uma contextualização do meu objeto de pesquisa, unindo dados históricos com os oriundos de observação. Neste, traço um panorama sobre o significado social do futebol no Brasil e no Pará, sobre a origem das torcidas e como as relações de gênero se dão neste esporte, cruzando a história e chegando aos dias atuais, passando por estratégias de resistência e de politização das torcidas. Na oportunidade, também apresento revisão de literatura das pesquisas mais relevantes sobre o assunto publicadas no Brasil.

Já o segundo capítulo une as observações de campo com o referencial teórico adotado sobre interações e socialidades. A partir da descrição dos fenômenos apreendidos em campo, é feita a abordagem sobre corpo, performances e performatividades; sobre as relações de gênero no estádio e seus efeitos, como homofobia, domínio masculino e silenciamentos.

Enquanto o terceiro traz uma análise mais profunda sobre as entrevistas realizadas. A partir das trajetórias individuais e histórias contadas pelas torcedoras, são construídos eixos analíticos nos quais são discutidos o lugar dos afetos na torcida, as relações construídas, os rituais acionados na hora de torcer, assim como as experiências de desrespeito vividas e estratégias de resistência adotadas. As perspectivas e experiências trazidas pelas entrevistadas são articuladas com as observações de campo, complexificando os fenômenos.

2. PENSANDO SOCIALMENTE O FUTEBOL: APONTAMENTOS HISTÓRICOS E REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O futebol na cultura brasileira: entre o espetáculo e o social

É difícil dimensionar o impacto social e cultural que o futebol tem no Brasil. Ele mobiliza paixões, valores, institui e modifica padrões de comportamentos e está na base das mais diversas relações sociais no país, fazendo parte do imaginário brasileiro. Apesar de ter sido inventado na Inglaterra e trazido para o Brasil no fim do século XIX, o futebol, que começou como um esporte elitizado, tornou-se um símbolo da identidade brasileira, ajudando a instituir uma ideia de brasilidade e patriotismo.

Essa construção ideológica é destacada por Gastaldo (2006, p. 5) ao relatar que o futebol foi eleito como um dos símbolos da cultura brasileira durante o primeiro governo de Vargas (1930-1945), ao lado de outras manifestações culturais relacionadas à cultura negra - samba, religiões afro-brasileiras.

Para Roberto Da Matta (1994), o futebol funciona como instrumento de dramatização de vários aspectos da sociedade brasileira. Um deles é o fato de ser um “código de integração social”, sendo uma das poucas experiências que permitem a criação e a mobilização de coletividades. Outro aspecto trazido pelo antropólogo é a capacidade que o futebol tem de proporcionar ao povo a experiência de igualdade e justiça social, levando em consideração que as regras valem para todos e que a junção entre talento e desempenho pode propiciar o sentimento de vitória e êxito, uma sensação nem sempre experimentada em uma sociedade tão desigual e estratificada como a brasileira.

Essa análise do futebol a partir da noção de drama é criticada por diversos estudiosos. Para o antropólogo Luiz Henrique Toledo (2001), por exemplo, o trabalho de Da Matta sobre o futebol minimiza a experiência etnográfica, “marcando uma perspectiva sociológica e até mesmo ensaística sobre o tema” (p. 143). Na análise de Toledo, este modelo proposto por Da Matta exagera ao tentar estabelecer uma relação entre o futebol e a experiência democrática, pois apesar do sentimento identitário coletivo que este esporte proporciona, é difícil estabelecer um princípio de igualdade ainda que momentâneo em uma sociedade tão hierarquizada.

Ao olhar para a empiria da presente pesquisa, é possível visualizar a ideia de Da Matta quando ele se refere ao futebol como espaço de coletividades e experiências comuns, porém a crítica feita por Toledo fica ainda mais evidente quando se leva em consideração que mesmo em um ambiente em que se compartilha um sentimento comum, as relações de poder e desigualdade continuam fortemente presentes. É difícil acreditar em uma experiência completa de igualdade social, quando se leva em consideração a formação histórica deste esporte, construída com base na afirmação de diferenças de gêneros e de papéis sociais biologicamente definidos.

É preciso frisar também o forte impacto econômico do futebol. Da Matta (1994) destaca que ao mesmo tempo em que o futebol “orquestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares”, ele é “uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, dentro dos mais extremados objetivos capitalistas e burgueses” (p. 12).

Esse impacto econômico está ligado a uma das matrizes do futebol: a do espetáculo. O antropólogo Arlei Sander Damo (2005), em trabalho etnográfico sobre a formação de jogadores, divide o futebol no Brasil em quatro matrizes principais: a) bricolada, que é a do futebol como lazer, recreação, o futebol de “pelada”; b) a comunitária, que está em um intermediário entre o futebol amador e o dos grandes clubes, um exemplo que contempla essa matriz são os chamados times de várzea; c) a escolar, que se refere ao futebol praticado nas escolas nas aulas de educação física; e a d) espetacularizada, que é a centralizada pela FIFA e suas afiliadas. O objeto de estudo deste trabalho situa-se nesta última, visto que estamos tratando de um fenômeno que envolve os dois principais clubes do estado em campeonatos organizados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e Federação Paraense de Futebol (FPF), afiliadas da Federação Internacional.

Damo aponta quais fatores permitem e influenciam a matriz espetacularizada do futebol. Para o autor, a mais importante é sua organização de forma monopolista e centralizada pela FIFA e suas afiliadas. É esse sistema que organiza campeonatos e estabelece normas entre os clubes, controla a circulação de atletas e boa parte do comércio de imagens, instituindo assim o que o autor chama de uma “gramática incorporada em forma de disposições para a prática de uma linguagem universal” (2005, p. 39).

Outra característica dessa matriz espetacularizada trazida por Damo (2005) é a divisão social do trabalho. Com base em Toledo (2002), o autor segmenta os agentes do campo de

futebol do espetáculo nas seguintes categorias: os profissionais, categoria que abrange jogadores, técnicos, juizes e trabalhadores que não necessariamente atuam dentro do campo mas viabilizam a competição como espetáculo; os especialistas, como profissionais da imprensa e atores sociais responsáveis pela midiática e decodificação do esporte em narrativa universalista; os torcedores, aqueles “que impõem ao futebol a ‘circularidade das emoções’”; e os dirigentes, “que detêm o controle político e econômico do futebol de espetáculo” (p. 39).

Essas configurações demandam uma excelência performática. É aí que reside a diferença entre o futebol e outros espetáculos, como teatro e cinema. Damo ressalta que na matriz espetacular desse esporte, a beleza do espetáculo é conferida pela competitividade, o que eleva os níveis de tensão e conflito. Para o autor:

A exibição na forma de um confronto espetacularizado, que tende à separação entre vencedores e perdedores, é fundamental para a produção e circulação das emoções dos torcedores, antes, durante e depois do espaço-tempo do jogo propriamente dito [...] (2005, p. 40)

Por fim, o autor resume quatro características principais para compreender o futebol como espetáculo: a) a constituição do público, incluindo os aspectos sensíveis dos torcedores; b) os dispositivos usados na preparação dos profissionais do e para o espetáculo; c) a mediação que recria a experiência do espetáculo; d) e os agentes políticos, administrativos e econômicos.

É sobre o item “b” que Damo debruça sua pesquisa. Alguns pesquisadores, como Édison Gastaldo, constroem suas análises a partir da característica “c”, pensando a midiática do esporte e sua influência na construção social da realidade espetacular e na cultura das torcidas. O aspecto que me interessa é o fator “a”, a constituição da torcida, seus rituais e performances, a partir de um recorte de poder e gênero.

2.2 Origem e sentidos do ato de torcer

É difícil precisar o surgimento das torcidas, mas por trás do torcer por um time estão implicadas paixões, pertencimentos, competitividade, desejo de vitória, ou de apenas estar junto. É o futebol um dos esportes que mais mobiliza torcedores e estes são capazes de interferir diretamente no andamento e até nos resultados de jogos.

Santos e Helal (2016), ao fazerem um breve histórico sobre a formação do futebol, evidenciam como a cultura da torcida foi exportada para o mundo juntamente com o esporte. De acordo com os autores, os primeiros espectadores de futebol dizem respeito a um “público assistente” que se aglomerava ao redor dos locais de prática desse esporte. Seria assim, um “embrião daquilo que hoje entendemos como torcida” (p. 57).

Com o tempo e com o crescimento do interesse do público pelos jogos, ficou difícil separar o jogar do torcer, o espetáculo para acontecer precisava de espectadores que, por sua vez, foram ganhando cada vez mais importância e destaque, como assinalam Santos e Helal (2016). Para demarcar o espaço desse espectador, cordas e barras foram utilizadas para delimitar o campo e o local da torcida. Logo depois, essas demarcações ganharam cunho econômico, com vendas de ingressos para os jogos.

Quando o futebol chegou ao Brasil era a elite que praticava e assistia às partidas do esporte. A presença das mulheres de classes mais abastadas era comum, o campo era um lugar de encontros. Uma das histórias tomadas como verdade por diversos estudos e pesquisadores de futebol relaciona essa presença feminina nos estádios com a origem do termo “torcida”. Essa versão pode ser encontrada em artigos de jornal, científicos e livros. Entre eles, o livro “A torcida brasileira” (2012), de Bernardo Buarque de Hollanda e Luiz Henrique Toledo que relata que a expressão começou a aparecer em crônicas esportivas do século XX se referindo ao gesto das espectadoras que frequentavam os primeiros estádios cariocas. Nervosas com o jogo, elas torciam seus lenços nos momentos de tensão da partida, criando assim um novo verbo que passou a ser associado à plateia apaixonada que acompanha e vibra pelo seu time. A primeira utilização do termo teria sido feita pelo poeta e escritor Coelho Netto em coluna esportiva após jogo do Fluminense.

Apesar de convincente, há outras versões sobre a origem do termo. O pesquisador Jean Lauand traz exemplo de como o verbo “torcer” já era empregado com o sentido atual antes mesmo do futebol chegar ao Brasil, já aparecendo em jornais do século XVII. Torce então, segundo a pesquisa de Lauand, estaria ligado a um “extremo de fé, que leva a torcer a si mesmo (não só cara, corpo, olhos, mas torcer por dentro e até as entranhas)” (2016, p.10)

Estando ou não o termo ligado à presença feminina, sabe-se que as torcedoras sempre estiveram presentes. Esse público assistente que deu origem às torcidas era formado em boa parte por mulheres. Damo (1998) ressalta que quando o futebol foi trazido ao Brasil por Charles Miller, veio com ele não só uma prática esportiva e suas exigências, mas também

“um modelo de sociabilidade, de associacionismo e pertencimento” (p. 42). Neste modelo, coube aos cavalheiros os “*teams*” e às mulheres a “*assistance*”.

Há vários fatores históricos, políticos e sociais que ajudam a entender o por que o futebol com o tempo passou a ser considerado um esporte para homens. No que se refere a essa dominação masculina na torcida, alguns autores trazem elucidações. Para Santos e Helal (2016), a presença da classe trabalhadora foi crucial para a formação cultural da torcida:

A formação da cultura torcedora popular, por sua vez, também nasce num contexto de tomada dos estádios por uma classe trabalhadora masculinizada que conquistava aos poucos o direito ao tempo livre, com a redução da jornada de trabalho, como a que desembocaria no mote “8 horas de trabalho, 8 horas de descanso, 8 horas de lazer”. Ainda que muitas mulheres já fossem trabalhadoras assalariadas desde muito novas, ao contrário dos homens, não tinham o seu “tempo livre” designado ao lazer, fosse ele gratuito ou pago. O lugar da mulher fora da fábrica era reservado ao trabalho reprodutivo, dentro do ambiente doméstico. O tempo livre era dividido social e sexualmente como o próprio trabalho (p. 58)

A negação do espaço público às mulheres e conseqüentemente o afastamento delas das torcidas também é refletido por Damo (1998) a partir das considerações de Guedes (1982). Damo contesta a ideia da autora de que como havia pouca prática - e até proibição - do futebol feminino, as mulheres não entendiam de futebol e por isso não se identificavam como torcedoras, pois para torcer seria preciso entender do jogo, o que só seria possível pela prática. Para Damo, torcer vai muito além de gênero, prática, ou domínio das técnicas do jogo. Entender de futebol para o autor está no plano subjetivo, seria como num sistema de signos no qual os jogadores são os emissores e os torcedores, os receptores, decodificando subjetivamente cada lance, que por si só já possui um sentido.

Apesar de torcida ser uma palavra no singular e denominar um coletivo, ela não é uma categoria única. Damo (1998) chama a atenção para como há distinções entre seus membros. Cada torcedor tem um nível diferente de pertencimento e conhecimento sobre o clube e toda essa diversidade precisa ser respeitada. Até porque já se foi a época em que existia o torcedor-símbolo, figura que, segundo Toledo (1994), está na base da origem das organizadas. O torcedor-símbolo era aquele que representava a torcida de um time, personalizando esse grupo, tendo prestígio entre os outros torcedores, junto ao clube e na imprensa. Hoje, a torcida é formada por indivíduos múltiplos, “não há, portanto, como forçar um ‘tipo ideal’ de torcedor que possa ser generalizado” (DAMO, 1998, p. 65).

Toledo (1994) chama a atenção para o fato de que a condição de torcedor permite outras vivências, sociabilidades que transcendem aquelas impostas ao indivíduo em seu papel

de cidadão comum. Arlei Damo fala de uma temporalidade diferente no futebol e que vai muito além de 90 minutos de jogo:

É o tempo do cotidiano, ligado ao espaço da casa e da rua, do trabalho e do lazer, onde se "discute futebol". Nesse tempo é que se circulam as anedotas, os mitos, enfim, é onde se inventam as tradições que aproximam futebol e sociedade e garantem ao primeiro um encadeamento histórico. Sem a dialética do evento e da tradição, o futebol seria apenas uma seqüência ilimitada de jogos; não seria sequer um ritual e tampouco disjuntivo pois o evento não teria o que atualizar e a tradição não teria como fazê-lo." (1998, p.69)

Ser torcedor é apenas uma condição entre tantos papéis sociais desempenhados, “o torcedor é o trabalhador, o estudante, a dona de casa, o malandro, o marginal, o policial, o dirigente, o político” (TOLEDO, 1994, p. 12). E essa condição de torcedor ultrapassa o espaço destinado ao futebol, está presente no uso da camisa e acessórios do time, nas casas decoradas e pintadas com as cores do clube, na bandeira estendida na frente de casas e em varandas, em símbolos, códigos, conversas cotidianas.

Para a compreensão do lugar em que essa pesquisa foi realizada, faço agora uma contextualização breve sobre o futebol no Pará e trago pesquisas e problematizações sobre a relação entre gênero e futebol no Brasil.

2.3 Um olhar sobre o futebol e as torcidas paraenses

Gastaldo (2002) destaca que, para além da seleção brasileira que catalisa a unidade nacional da torcida, e está no imaginário como uma “representante” do povo brasileiro, o interesse dos brasileiros pelo futebol tem também grande aspecto da regionalidade. O torcedor cria com o clube local uma sensação de pertencimento social e afetivo, enquanto que com a torcida é criado um sentimento coletivo compartilhado e mediado pelo amor ao time.

No Pará, é comum vermos como essa identificação com o clube ultrapassa a barreira do regional. Historicamente, há uma tendência entre os torcedores de eleger dois times de coração, o paraense e mais um, geralmente do sudeste ou sul do Brasil. Vários fatores estão implicados nesta escolha, um deles é a midiaticização do futebol e a centralidade dessa mídia. Muitos dos programas esportivos - sejam no rádio ou na televisão - transmitem os jogos e produzem mais informações sobre os times do eixo sul-sudeste. Estes grandes clubes recebem maior destaque por estarem mais bem posicionados no ranking nacional, por estarem espacialmente localizados nas mesmas regiões em que estes programas são produzidos e por deterem boa parte do capital financeiro que circula no futebol brasileiro,

recebendo maiores cotas de TV e patrocínios. Há quem inclusive deixe de acompanhar assiduamente os times paraenses, em vista da má fase vivenciada pelos clubes do estado, vindo a torcer mais pelo time de fora.

Em análise de pesquisa da década de 1990 divulgada pela Revista Placar e que revela quais são as maiores torcidas do Brasil, o antropólogo Arlei Damo reflete sobre o porquê de times do sudeste brasileiro ocuparem o ranking da preferência dos torcedores (1998). Apesar da pesquisa apontar uma tendência dos torcedores em optarem por clubes de suas cidades ou estados, esta tendência é maior nas cidades onde os clubes possuem projeção nacional e menor onde os clubes possuem apenas projeção regional. Para Damo, torcer por outros clubes que não fazem parte de sua região, é uma forma do torcedor se sentir parte “efetiva, interessada e exitosa no cenário do futebol brasileiro”. (1998, p.38). O autor também destaca a influência da mídia nessa escolha, exercida por rádios como a Nacional e Tupi, pioneiras na transmissão esportiva.

Mas se para alguns, essa torcida dupla pode ser interpretada romanticamente como uma forma de ultrapassar as fronteiras regionais por meio do futebol, para boa parte da torcida, o torcedor misto é um problema a ser combatido. O assunto tem sido cada vez mais assuntos de debates, críticas e até protestos. Em outubro de 2019, o Fortaleza, um dos quatro clubes nordestinos na série A do campeonato brasileiro realizou campanha de combate aos “mistos”, quando recebeu o Flamengo em partida disputada na Arena Castelão, na capital cearense. O clube anunciou que o restaurante temático do torcedor no estádio não venderia mais a pizza sabor “mista”, como uma forma simbólica de repúdio aos “torcedores mistos”. Além disso, a torcida montou um mosaico com o Cristo Redentor, símbolo carioca, vestido com a camisa do Fortaleza⁸.

A iniciativa reacendeu o debate sobre os torcedores que dividem sua paixão entre dois times, gerando bastante discussão nas redes sociais. No Pará, o tema foi objeto de reflexões na crônica esportiva⁹ e assunto de debate entre representantes das diretorias dos clubes¹⁰. Entre as críticas feitas aos “torcedores mistos” paraenses está a acusação de despadroneização

⁸ Fonte: <https://veja.abril.com.br/esporte/fortaleza-recebe-flamengo-e-faz-campanha-contra-torcedores-mistos/>; <https://veja.abril.com.br/esporte/opiniao-fortaleza-valoriza-futebol-regional-ao-criticar-torcedores-mistos/>

⁹ Colunista esportivo paraense utilizou o episódio para trazer a discussão sobre os torcedores mistos no Pará. O mesmo texto foi publicado no Jornal Diário do Pará. <https://blogdogersonogueira.com/2019/10/20/a-insustentavel-leveza-da-paixao/>

¹⁰

Fonte: <https://www.oliberal.com/esportes/futebol/diretorias-de-remo-e-paysandu-debatem-sobre-os-torcedores-mistos-1.206854>

das torcidas nos estádios ao irem para o campo com camisas de outros times. Em pesquisa sobre a torcida remista Camisa 33, Aline Freitas (2017) conta como esta situação já gerou xingamentos e agressões físicas. A autora também mostra que mesmo em meio a tantas polêmicas, há um movimento contrário, torcedores que não se incomodam com a torcida dupla e que acreditam que a mobilização para exigir que se torça apenas para o clube do estado é bairrismo e ajuda a afastar torcedores do estádio.

Das oito interlocutoras desta pesquisa, apenas uma demonstrou ter um segundo time, além do paraense. Mas fez questão de reforçar como pensar sobre esse processo permitiu com que ela amasse mais ainda o time da cidade:

A minha família também é flamenguista e o Flamengo é meu segundo time. Morei um tempo em Porto Alegre, morei três anos e aí também eu era muito flamenguista e muito remista. Lá quando eu via que a galera era ou Inter ou Grêmio, eles não tinham um segundo time, eles eram ou Inter ou Grêmio, ou algum time do interior se você fosse do interior. E aí eu percebi o quanto às vezes a gente desvaloriza o nosso futebol aqui. Porque às vezes tu pergunta pra alguém "pra que time tu torce?" "ah, eu sou corinthiano, eu sou flamenguista", e às vezes nem sabe o que tá acontecendo, diz que torce pelo Remo e Paysandu, mas nem...Prefere torcer pro time de fora. Aí eu voltei muito mais remista do que quando fui. (Carla, torcedora do Remo, informação verbal)¹¹

No que se refere aos times paraenses são o Clube do Remo e o Paysandu Sport Club os detentores de grande parte da torcida do estado, principalmente na região metropolitana, no norte e nordeste do Pará. Os times da capital, Belém, protagonizam uma rivalidade histórica e o REXPA é o clássico mais disputado do mundo, com 752 partidas já disputadas até abril de 2019. Ainda que os times não apresentem bons desempenhos em nível nacional (atualmente os dois se encontram na série C do Campeonato Brasileiro), eles contam com duas grandes e apaixonadas torcidas que lotam os estádios para assistir aos jogos. Em ranking nacional de 2018¹², o Clube do Remo estava na 7ª posição de ocupação média de público no estádio. O Paysandu encontrava-se na 14ª. Em 2019, ambos os times caíram algumas posições, ainda assim continuaram entre os 20 primeiros, acima de clubes da elite nacional e que disputam a série A do campeonato brasileiro.

¹¹ Entrevista realizada em janeiro de 2020. A transcrição das entrevistas tentou reproduzir de forma mais fiel possível a fala das entrevistadas, por isso o uso de linguagem mais coloquial.

¹² Dados disponíveis no site: <http://app.globoesporte.globo.com/futebol/publico-no-brasil/index.html>

A história dessa rivalidade vem do início do século XX, com a fundação do Paysandu, que nasceu como uma dissidência do rival, “foi criado por atritos entre agremiações que queriam chegar à final para disputar o campeonato paraense contra o Remo” (ANTHUNES; SOUZA, 2012, p. 8). O Clube do Remo foi fundado em 1905, e o Paysandu, em 1914. Ambos os clubes surgem na *belle époque*¹³, contexto que, segundo Gaudêncio (2007, p. 20), é marcado pelas “ambiguidades, metamorfoses, encantamentos proporcionados pelo avanço tecnológico juntamente com seus significados no discurso de progresso e civilização que se destacam nos rituais da modernidade”. Os esportes também faziam parte dessa modernidade. De acordo com o autor, as relações econômicas e culturais com a Europa inserem na Amazônia práticas esportivas como remo, boxe, natação, atletismo e o futebol, antes mesmo do século XX. Gaudêncio relata que ambos os clubes foram criados por membros das elites de Belém, como políticos e pessoas de alta classe, que queriam através deste esporte implantar ideias de higiene e civilização inspiradas nos padrões europeus. De acordo com o autor, é possível falar em uma *belle époque esportiva*, na qual havia a intenção de separar a sociedade por setores e tentativa de diminuir o acesso dos setores menos abastados às novidades esportivas que chegavam da Europa.

Inicialmente os festivais esportivos eram o local de encontro da alta sociedade e classe política, mas com a popularização do futebol, a criação da Federação Paraense de Desportos em 1931 e a profissionalização do esporte no início dos anos 1940, foram sendo criadas “verdadeiras nações” em torno das torcidas dos Clubes do Remo e Paysandu Sport Club (Gaudêncio, 2007). O historiador relata que

Nos anos seguintes os jogos entre esses dois rivais tendeu a se exaltar e aumentar a participação de policiamento, público masculino, mulheres, dentre outros sujeitos sociais que assistiam às partidas. O fato é que apesar do aumento do número de clubes no decorrer dos anos e com a ampliação dos festivais futebolísticos que vão sair do âmbito dos “sportmens” e invadir os bairros periféricos de Belém, as disputas, a fama desses dois rivais vão permanecer e se ampliar proporcionando verdadeiras peijas com pescaria de juizes, disputas pela posse da bola de forma acirrada, gols de mão, disputa da partida no escuro, brigas generalizadas entre torcedores e jogadores, ações agressivas do policiamento nos jogos, principalmente nos campos do Remo e Paysandú, dentre outras características de um Re x Pa [...] (2007, pp 62-23)

¹³ Em uma explicação breve e superficial, foi o período entre o fim do século XIX e início do século XX que em Belém está ligado ao ciclo econômico da borracha e que trouxe para a capital paraense ideais de modernização baseados em modelos de progresso e civilização europeus

A rivalidade entre Remo e Paysandu, desde então, faz parte do cotidiano e das conversações na cidade de Belém. Em dia de dérbi, o clima de tensão fica ainda mais evidente. Quando se fala em RexPa, pensa-se não só no jogo, seus lances e resultados; mas também em um conjunto de rituais, encenações e interações específicas do clássico, que começam longe dos arredores do campo - nas casas, nos bares, nos bairros, no trajeto, nas redes sociais digitais. Adentrando os portões do estádio, outras sociabilidades e comportamentos se materializam. Em clima de festa e de tensão, os times se enfrentam em campo, enquanto as torcidas se confrontam nas arquibancadas.

Ambos os clubes possuem estádios particulares. O do Paysandu é o Estádio Leônidas Sodré de Castro, popularmente conhecido como Curuzu, um dos mais antigos do Brasil e que antes de pertencer ao clube era o estádio público da cidade, sendo comprado pelo Paysandu em 1918, quatro anos depois de sua fundação e do surgimento do campo. É lá que o Paysandu manda seus jogos. Já o do Remo é o Estádio Evandro Almeida, conhecido como Baenão, inaugurado em 1917. O Baenão está em obras, por isso o Remo tem jogado no Estádio Estadual Olímpico Jornalista Edgar Augusto Proença, o Mangueirão.

Por ser o que comporta um público maior, é no Mangueirão que os dois times se enfrentam nos campeonatos paraense, regional ou nacional. Portanto, para compreender a relação construída ali, é preciso caracterizar esse ambiente, levando em consideração suas dimensões espaciais que lhe conferem caráter espetacular. É o que, a partir da leitura da categoria espetáculo feita por Jesús González Requena (1995), podemos chamar de física do espetáculo. É preciso observar de onde o espectador assiste ao espetáculo, qual é sua posição e limitações em relação a ele, para compreender quais papéis esse espectador assume.

O modelo de cena apresentado por Requena que corresponde ao do estádio de futebol é o circense. Ele existe há séculos e se caracteriza por possuir um palco fechado e intransponível, no qual o evento-espetáculo ocupa o centro e seus espectadores se colocam ao redor em disposição circular ou elíptica. De acordo com o autor:

El escenario clausurado del espectáculo el que definía un centro nuclear en el que una determinada gesta tenía lugar en torno al cual, incluso con un margen amplio de desplazamiento, se disponían los espectadores, en forma notablemente arbitraria, pues sólo había una prohibición: la de franquear la frontera del escenario. (1995, p. 69)

Há que se considerar que no cenário do estádio de futebol a posição do espectador perde um pouco o caráter de arbitrariedade. O espaço dispõe de lugares privilegiados, como

cadeiras e tribunas, e mesmo que todos os lugares da arquibancada estejam disponíveis pelo mesmo valor financeiro para todos, há códigos de condutas que determinam previamente o lugar dos diferentes grupos sociais e torcidas.

Essa demarcação territorial a partir de classes sociais sempre esteve presente no campo de futebol. No clássico *O negro no futebol brasileiro*¹⁴ que narra a história do racismo no futebol e da profissionalização deste esporte na primeira metade do século XX, Mário Filho relata que a separação do público das arquibancadas, frequentadas por membros da elite, e as gerais, compostas, em sua maioria, por estudantes negros e pobres ficava ainda mais forte por meio de um sistema de cartão. Os torcedores das arquibancadas recebiam um cartão para que ao se locomoverem pelas áreas comuns os funcionários do estádio pudessem diferenciá-los dos demais. Apesar de não ser necessário, pois as diferenças já estavam nas roupas e na cor da pele, o uso do cartão simbolizava um prestígio a mais a quem o detinha. (1964, p. 20)

Gaudêncio (2007, p. 108) também retrata essa divisão territorial e de classe na composição do estádio do “Baenão”, campo do Clube do Remo. Em 1917, quando foi inaugurado, estavam delimitados os locais que cada indivíduo deveria ocupar, sendo as áreas de segunda classe para as camadas populares e a de primeira classe reservada para as elites.

No estádio do Mangueirão, a mais evidente estratificação física ocorre na separação entre as cadeiras e a arquibancada. Mas a divisão e sobreposição de classes está presente de forma menos óbvia embora nem tão sutil, nas arquibancadas. Tanto na torcida do Paysandu, quanto do Remo, há lugares previamente definidos de acordo com torcidas organizadas, que, por sua vez, carregam consigo marcadores sociais de classe social e raça.

Pude observar que essas diferenças estão expressas em diversos elementos: a) as roupas usadas, se são oficiais do clube, piratas, ou uniforme de torcidas; b) as formas de chegar no estádio, quem chega de ônibus, quem vai de carro e estaciona fora, quem vai de carro e estaciona dentro; c) o lugar em que assistem o jogo, compondo as organizadas, sendo as principais a Terror Bicolor e a Remoçada, que são formadas em sua maioria por uma

¹⁴ Apesar das críticas feitas à obra, como as de Antônio Jorge Soares (1999) que defende que as informações trazidas por Mário Filho estariam mais no campo do romance do que propriamente no da história e de que os leitores utilizam essas informações sem que ela esteja fundada em dados empíricos e sem consultar outras fontes, optou-se por utilizar *O negro no futebol brasileiro* como referência. Nessa perspectiva, concordo com Helal e Gordon Jr (1999) quando argumentam que embora Mário Filho tenha construído e não descrito uma história, os episódios narrados por ele nos permitem ter acesso à história e a determinado contexto social, até porque foram construídos com base nos relatos da tradição oral, que é por si só uma legítima e importante metodologia.

população de periferia, ou sentando próximo a essas organizadas, integrando torcidas inspiradas em barras bravas¹⁵, como Alma Celeste e Camisa 33, formadas por pessoas de classe média, ou se posicionando próximo a elas; entre outras questões que descreverei e analisarei no segundo capítulo.

Para além da divisão nas arquibancadas, a física espetacular do estádio se caracteriza por uma questão ainda mais marcante: a clausura do palco central (REQUENA, 1995). Quem está na arquibancada não pode entrar no gramado, o espaço é sagrado e restrito aos profissionais que trabalham no e para o jogo. Um torcedor invasor que tenta furar essa barreira pode ser penalizado e o clube, advertido. Mas apesar de esse cenário não permitir a reversão de papéis, as torcidas produzem seus próprios espetáculos nas arquibancadas, que, claro, só existem por causa do espetáculo central. Os comportamentos e rituais dos torcedores também assumem caráter espetacular, boa parte deles tendo como matéria o corpo e suas expressões.

Sendo as lógicas do poder inscritas discursivamente no corpo, a partir de marcadores sociais da diferença que constroem hierarquias entre classe, raça, origem e gênero - a categoria analítica central deste trabalho - faz-se necessário situar e demarcar como as relações de gênero se manifestam no universo do futebol através da história e da cultura.

2.4 Questões de gênero no futebol

“Diz-se que um menino brasileiro, ao nascer, recebe um nome para honrar, uma crença religiosa para seguir e um time de futebol para torcer” (p.9). A frase que retrata essa construção identitária é do historiador Gutterman (2006), no livro “O futebol explica o Brasil”, em que analisa a relação entre o esporte, a política e a sociedade. Colocar o futebol mulheres no mesmo patamar do nome próprio e da religião na vida de uma pessoa mostra como, no Brasil, ele está enraizado nas relações sociais e, principalmente, na base das socialidades masculinas, quando a frase evidencia que a tradição é comum entre os meninos.

A ligação da história desse esporte a uma cultura masculina é analisada por diversas pesquisas e autores no Brasil. Na comunicação, um nome importante é o de Édison Gastaldo. Em pesquisa sobre as sociabilidades construídas entre torcedores homens a partir de

¹⁵ Segundo Freitas (2017, p.28), as barras bravas são caracterizadas “por acompanharem os jogos sempre de pé, cantando durante os 90 minutos visto que os torcedores acreditam serem os representantes da alma do time e, para eles, a torcida é o 12º jogador, por isso precisam estar sempre presentes no estádio”.

experiência de recepção do futebol midiaticizado, em bares de Porto Alegre (2006), o autor defende a ideia de que as sociabilidades, as quais ele denomina como relações jocosas futebolísticas, são construídas a partir de rituais de interação e performances de masculinidade. Para Gastaldo (2006), o futebol está inserido em um “circuito de sociabilidade cotidiana, marcada por um forte viés de gênero” (p.1) e, apesar do crescimento da presença feminina no campo e arquibancadas, “o mundo do futebol continua a ser hegemonicamente um território masculino” (p. 5).

Há também pesquisas que investigam as masculinidades a partir dos afetos, como a de Andrada Bandeira (2012), que discute como os amores representados nos estádios de futebol atravessam as construções de masculinidades dos torcedores. Para o autor, ao mesmo tempo em que o amor constrói a representação dos torcedores, ele reforça a competição masculina e hierarquiza as masculinidades. Essa percepção fica ainda mais clara em Andrada Bandeira e Seffner (2013). Ao analisarem experiências em que a hegemonia masculina foi abalada no futebol, apresentam como hipótese para um comportamento homofóbico e machista a necessidade de autoafirmação das masculinidades em um contexto que permite afetividades masculinas:

No mesmo contexto em que se ressaltam a virilidade, que se exercem manifestações de violência verbal e uma constante promessa de violência física, se cantam afetos e amores nem sempre permitidos em outros locais da cultura. Outra possibilidade de rasura dessa masculinidade hegemônica pode ser visualizada na grande possibilidade de contatos físicos entre os torcedores. Saltos abraçados, a exposição de determinados corpos sem camiseta (especialmente, jovens, musculosos e sem pelos), os abraços aos “desconhecidos” na hora do gol...

Talvez resida justamente nessas pequenas transgressões da masculinidade hegemônica a necessidade urgente de se reforçar a condição de heterossexuais e homofóbicos. Em alguma medida, essa condição constantemente reforçada permite uma maior “garantia” em relação aos comportamentos. A identidade sexual precisa estar resolvida para que as, eventuais, práticas não normativas não atravessem as construções dessas identidades. (p. 269).

Algumas pesquisas se debruçam sobre a investigação dessas masculinidades a partir da questão da homofobia. É o caso do Projeto Pelo Direito de Torcer, que mapeou grupos e movimentos de Torcidas Livres e Queer, contrárias à homofobia e machismo no futebol (PINTO, 2017). Posteriormente, (PINTO e ALMEIDA, 2018) a pesquisa analisa as interações e posicionamentos destes grupos nas redes sociais como estratégia de criação de novos sentidos e como espaço de construção de visibilidades.

Antes de adentrar mais profundamente na questão das arquibancadas, é preciso demarcar que essa hegemonia masculina está primeiramente em campo. O futebol, que é a paixão nacional, ainda é o disputado por homens. A pesquisadora Silvana Goellner, referência nos estudos de mulheres e futebol no Brasil demarca que para o futebol feminino falta incentivo, visibilidade e cultura popular:

[...] nem sempre foram – e algumas vezes ainda não são – iguais as condições de acesso e participação das mulheres, se comparadas às dos homens, no campo das práticas corporais e esportivas, sejam elas no esporte de rendimento, no lazer, na educação física escolar, na visibilidade conferida pela mídia, nos valores de alguns prêmios atribuídos aos vencedores e vencedoras de competições esportivas, entre outras. Ou seja, ao longo da história do esporte nacional foram e são distintos os incentivos, os apoios, as visibilidades, as oportunidades, as relações de poder conferidos a mulheres e homens, seja no âmbito da participação, seja na gestão e administração. (GOELLNER, 2005a, p. 86)

Para refletir sobre a realidade mulheres e futebol no Brasil, é importante olhar para trás. Entre invisibilidades e opressões, as mulheres fazem parte da história do esporte no Brasil desde o começo. Acredita-se que a primeira partida de futebol feminino tenha sido disputada em 1913, entre times dos bairros da Cantareira e do Tremembé, em São Paulo. Mas o historiador Fábio Franzini (2005) conta que há controvérsias sobre essa informação. O dissenso seria tanto em relação à data e o pioneirismo da partida, quanto às jogadoras. Isso porque reportagem mais recente da Folha de São Paulo apresenta várias versões sobre o fato¹⁶, inclusive as de que alguns periódicos da época afirmavam que as jogadoras seriam homens travestidos de mulher, e outra de que o confronto se deu entre um time de mulheres contra um de homens.

Franzini (2005) conta que, na década de 1940, a atuação de equipes de “senhoritas futebolistas” no Rio de Janeiro foi contestada por desportistas conservadores, médicos e pela Subdivisão de Medicina Especializada da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde. O movimento contra a prática do futebol por mulheres se apoiava na justificativa de que o esporte seria violento e prejudicial à saúde e ao “delicado” organismo feminino, principalmente no que se referia aos órgãos de reprodução.

Esse movimento encontra seu momento mais crítico no decreto-lei 3.199, de 14 de abril de 1941, que proibia as mulheres de praticar oficialmente esportes considerados

¹⁶ A reportagem intitulada “Homens podem ter disputado o 1º jogo feminino” foi publicada em 25 de maio de 2003.

agressivos para os seus corpos, entre eles o futebol. “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”, dizia o decreto¹⁷.

Foram mais de 40 anos de proibição, levando em consideração que o artigo esteve vigente até 1983. O decreto demonstra como o determinismo biológico sempre figurou como aspecto fundante para opressões de gênero e manutenção de relações e estruturas de poder. Goellner (2005b) conta que a proibição da prática do futebol por mulheres estava ligada também a um medo de “desestabilizar a estruturação de um espaço de sociabilidade criado e mantido sob domínio masculino, cuja justificativa para sua consolidação, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas”. (p.144)

A autora também reflete sobre como as invisibilidades do futebol feminino estão ligadas a uma política de vigilância dos corpos femininos. Em pesquisa que traça um percurso histórico da participação da mulher no futebol, Goellner (2005b) mostra que as características do jogo, como movimentos, corpos e roupas eram vistos como ofensivos e prejudiciais à feminilidade. Mesmo quando as mulheres participavam de eventos esportivos, havia um temor “à desmoralização feminina frente à exibição e espetacularização do corpo” (2005b, p. 145).

Essa vigilância sobre o corpo feminino também é refletida pela pesquisadora Guacira Louro ao pensar nas pedagogias da sexualidade.

De qualquer forma, investimos muito nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres. (2000, p. 8)

Outra característica presente na histórica relação entre mulheres e futebol é a espetacularização para fins de atração do público masculino ou humor. Franzini (2005) relata um episódio ocorrido em maio de 1940, no recém-inaugurado estádio do Pacaembu, em que as futebolistas entraram em campo para fazer uma partida preliminar ao jogo masculino. O jogo foi classificado pela imprensa esportiva como cômico. A reportagem da Gazeta Esportiva intitulada “Era uma vez o futebol feminino” trazida pelo autor dizia que o público

17

viveu “momentos dos mais agradáveis, sobretudo humorísticos, pois, se as frágeis jogadoras não exibiram técnica de futebol, padrão de jogo etc., agradaram em cheio, na maioria das vezes, pelas próprias falhas, que eram recebidas com gostosas gargalhadas pela assistência” (online).

A comicidade e o caráter exótico podem estar ligados a um fato anterior. Pesquisas em curso que apontam que na década de 30 o futebol feminino era uma atração circense. Por serem itinerantes, os circos procuravam identificação com a comunidade local, ao trajar as jogadoras com camisas do clube da cidade. A pesquisa realizada por Aira Bonfim, do Centro de Referência do Futebol Brasileiro no Museu do Futebol¹⁸, indica que os circos usavam o futebol de mulheres como estratégias de sedução do público, com exposição dos corpos femininos e ruptura do padrão, o que conferia um caráter subversivo ao espetáculo.

Uma realidade da primeira metade do século XX, mas que ainda se repete em processos recentes, como no caso do Campeonato Paulista Feminino de 2001. Franzini (2005) conta que uma reportagem da *Folha de S. Paulo* revelou que:

[...] um dos pontos do projeto elaborado pela Federação Paulista de Futebol e pela empresa Pelé Sports & Marketing para o torneio condicionava seu sucesso a ‘ações que enalteçam a beleza e a sensualidade da jogadora para atrair o público masculino’. Tradução: calções minúsculos, maquiagem e longos cabelos, presos em rabos-de-cavalo. (online)

No Pará, há registros da prática do futebol por mulheres desde a década de 1920. De acordo com Gaudêncio (2007), no ano de 1924 foi criado o Bloco da Palmeira, clube feminino localizado na área da Rua 16 de novembro. O noticiário da época tratou a criação como o primeiro clube original de mulheres no Brasil.

Porém, o futebol feminino no estado passa por seu processo de oficialização somente a partir da década de 1980, como conta Magalhães (2008). A autora destaca que na década anterior, 1970, já era comum encontrar mulheres jogando futebol no Pará, de forma mais amadora, mas que a oficialização da prática em todo o Brasil ocorreu em 1983, conforme deliberação do Conselho Nacional de Desportos nº 01/83. Ainda assim, o regulamento previa

¹⁸ As informações sobre a pesquisa em curso foram apresentadas no 3º Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol e também podem ser encontradas em matéria jornalística: <https://www.terra.com.br/diversao/arte-e-cultura/futebol-feminino-no-brasil-tem-origem-nos-circos.e10ea62930189030d637841b1b687b4cn78aiim6.html>

normas diferenciadas para o futebol feminino, proibindo a prática do profissionalismo, instituindo partidas e campos menores, além de bolas mais leves.

Após a deliberação, a Federação Paraense de Futebol (FPF) criou regulamento para o Campeonato de Futebol Feminino, a ser disputado por sete clubes, entre eles o Remo, Paysandu e Tuna Luso Brasileira, que já praticavam a modalidade. Os clubes também fizeram seleção para descobrir talentos e formar as equipes. A violência, comum do futebol masculino¹⁹, ao ser incorporada ao feminino acarretou problemas para o campeonato. A rivalidade entre os times era grande, principalmente entre as jogadoras do Clube do Remo e Paysandu Sport Club e, após alguns episódios de brigas, a FPF decidiu acabar com o campeonato em 1986. (MAGALHÃES, 2008)

A medida era para evitar conflitos, mas representava também um certo escândalo perante o rompimento da imagem frágil e delicada da mulher. Apesar do esporte estar ligado a rituais e expressões de violência, esses comportamentos não eram permitidos às mulheres, pois representava a quebra de um modelo dominante. Com a falta de apoio das instituições e investimento, restaram poucos times como o Independente Atlético Clube que mantinha equipe para disputa de amistosos. (MAGALHÃES, 2008)

O campeonato só voltou a ser disputado em 1999 e está longe de atingir a mesma profissionalização e popularidade do campeonato masculino. A última competição, em 2018, contou com dez times, sendo 9 de Belém e Região Metropolitana e um do interior do estado. Quem ganha o campeonato, garante vaga para o Brasileiro de Futebol Feminino A2, série de acesso da competição.

Em um contexto nacional, acompanhamos em 2019 uma maior projeção do futebol feminino com o Mundial de Futebol Feminino da FIFA na França. Foi a Copa feminina de maior repercussão midiática no Brasil, com transmissão de todos os jogos da seleção no canal aberto de maior audiência no país, e de um apoio maior por parte da sociedade, com mobilização da torcida e debates públicos sobre os jogos. Ainda assim, são muito díspares as condições de acesso e a realidade das jogadoras, em relação aos jogadores homens.

Essa negação histórica do espaço do futebol para a mulher se expressa em situações como a não profissionalização das jogadoras de futebol, que quando estão em clubes menores

¹⁹ Para o sociólogo Maurício Murad (2018), a violência no futebol brasileiro é reflexo da violência na sociedade, visto que este esporte potencializa sociabilidades. Para o autor, o futebol funciona como um veneno-remédio, permitindo a exposição e leitura das contradições sociais.

continuam tendo que se desdobrar entre o futebol e outro ofício. E quando essa mulher consegue se firmar como profissional, enfrenta outras barreiras como a enorme diferença salarial, a invisibilidade midiática ou representação estereotipada por parte dessa mesma mídia e um questionamento frequente de suas capacidades como jogadora. Além disso, as mulheres ligadas ao futebol, sejam jogadoras, treinadoras, árbitras têm a todo momento seus corpos analisados e objetificados. Quando elas estão dentro de um padrão de beleza vigente, passam pelo processo de sexualização dos seus corpos, sendo transformadas em musas. Estes discursos e representações, muitas vezes, são criados e reforçados pela própria mídia e também atingem mulheres que não estão dentro desses padrões estéticos, que acabam tendo seus corpos e imagem julgados, questionados, ridicularizados.

2.5 Mulheres na torcida

As limitações colocadas e os discursos construídos em torno da prática do futebol por mulheres também estão presentes na construção do ser torcedora. Muitas dessas opressões de gênero se repetem nas representações feitas sobre as mulheres que torcem, incorporando também outras questões mais sutis, que reforçam um olhar estereotipado sobre elas.

É comum lermos ou ouvirmos que as mulheres têm participado cada vez mais das torcidas de futebol, ou sobre a inserção das mulheres nas torcidas como um fato recente. Porém é importante pontuar que elas sempre estiveram ali. Mas de que forma?

Mário Filho no clássico “O negro no futebol” (1964) aponta, em vários momentos, para a presença de “moças” nas arquibancadas do Rio de Janeiro, desde as primeiras partidas, no início do século XX, principalmente nas torcidas cujo torcedores e jogadores faziam parte de uma classe social mais abastada. O estádio era um lugar frequente de encontros marcados, as moças iam depois da missa para o jogo, mas não sem antes passarem em casa para se olharem no espelho e ajeitarem os cabelos. No estádio, havia uma relação de exposição e contemplação entre as torcedoras e os jogadores.

Na arquibancada, sentadas, abrindo e fechando os leques, sérias, sorridentes, quietas, nervosas, como que ficavam em exposição. Os rapazes não se atrevendo a muita proximidade, na pista, junto da grade, de costas para o campo, enquanto o jogo não começava. Ou, então, andando de um lado para o outro, olhando disfarçadamente, grelando.

De qualquer maneira, via-se muito mais as moças, muito melhor do que numa saída de missa [...] Os jogadores, quando entravam em campo, corriam logo para o lugar mais cheio de chapéus, chapéus enormes, pesados, mas que pareciam leves, muitas flores, frutas, plumas e as célebres *pleureuses*.

Essas flores, essas frutas, essas plumas é que davam à arquibancada um ar de jardim, de *corbeille*. Cores vivas, alegres. Os jogadores paravam diante do quadro, primavera, outono, levantavam, sacudiam os braços, *hip, hip hurrah*. O *hip, hip, hurrah* era só para as moças, para a gente da arquibancada. [...]

Os jogadores levavam, quase sempre, para o campo, uma lembrança de uma moça que estava na arquibancada. Via-se um jogador de carapuça, já se sabia, se desconfiava. Por isso os jogadores faziam tanta questão de se enfeitar. Jogador sem carapuça, sem faixa, era jogador sem namorada. Ou sem irmã. Porque as irmãs não queriam que os irmãos fizessem feio. (p. 23 e 24)

Os relatos de Mário Filho trazem também aspectos sobre as formas de torcer dessas torcedoras de outrora. Além de segurarem os leques sorridentes e nervosas, as mulheres também mordiam os lenços rendados, davam gritos, batiam com os pés. Quando ficavam nervosas, abriam e fechavam os leques. Eram irmãs, primas, namoradas dos jogadores, filhas de elite, contemplando o espetáculo jogado por seus pares.

Esse movimento também foi observado no Pará. De acordo com Gaudêncio (2007, p. 140-141), a crônica esportiva da primeira metade do século XX ressaltava que “o grupo feminino participava ativamente das partidas de futebol, principalmente como organizadoras dos eventos futebolísticos na cidade, ou seja, festas, comidas, torcida”. E que algumas crônicas traziam espantos ao evidenciar que essa torcedora era também conhecedora do jogo, das jogadas, táticas e jogadores, participando ativamente dos festivais esportivos e jogos do campeonato na década de 1920 e 1930.

Franzini (2005) conta que, à medida que o futebol foi se popularizando no Brasil, foi modificando também o público dos estádios. Mas que “nem por isso, as mulheres, ainda que outras mulheres, deixaram de acompanhar o futebol”. Toledo (1996) destaca que, antes do surgimento das torcidas organizadas, havia no imaginário a figura do *torcedor-símbolo*, torcedor fiel que representava todo um grupo, assumindo um papel de chefe da torcida. Entre os torcedores-símbolo marcantes, estavam mulheres²⁰. Esse personagem detinha o prestígio entre a torcida e a imprensa, era espontânea e interessada apenas em externar sua paixão pelo time, personificando e identificando as torcidas. O surgimento e crescimento das organizadas tirou o torcedor símbolo do imaginário, dando espaço à coletividade e a outros comportamentos e sociabilidades do torcer. Há quem acredite,

²⁰ Toledo (1996) destaca as torcedoras-símbolo Elisa do Corinthians e Filhinha do São Paulo, que ao falecer passou o título para Tia Laura.

inclusive, que a presença das organizadas pode ter sido um motivo para um período de afastamento das mulheres do estádio.

Gastaldo (2008, p. 68), ao analisar as definições de poder presentes na literatura de Goffman, mostra como as relações de gênero são “hiper-ritualizadas” em “rituais de interação” que definem papéis a serem cumpridos de acordo com o gênero, resultando em uma representação da feminilidade “em que a mulher ocupa um lugar ‘naturalmente’ subordinado, ela se torna ‘naturalmente’ um ornamento”.

Essas representações de gênero são percebidas dentro do território constituído por sociabilidades masculinas que é o estádio de futebol. Nas torcidas, as mulheres, muitas vezes, são consideradas como ornamentos, figuras presentes para embelezar os estádios. No percurso traçado por Goellner (2005), é possível identificar que a erotização dos corpos femininos no esporte vem desde a década de 70, quando os “estádios, ginásios, academias, parques e praças são identificados como locais sociais a espetacularizar os corpos das mulheres ressaltando alguns tributos designados como característicos de seu sexo: graciosidade, a beleza e, sobretudo, a sensualidade” (p. 147).

Andrada Bandeira e Seffner (2018) trazem importantes contribuições para pensar essa relação, a partir de análise das representações construídas por torcedores homens e pela imprensa esportiva sobre a presença das mulheres nos estádios. Em pesquisa realizada na Arena do Grêmio, em Porto Alegre -RS, os autores observaram que ainda são muito comuns situações de assédio e olhares maliciosos, assim como a desvalorização da participação das mulheres no futebol, seja como torcedoras ou como profissionais - no caso de árbitras -, ainda sim identificam alguns avanços quanto à compreensão da mulher como sujeito que gosta e entende de futebol. Outra representação apontada por Andrada Bandeira e Seffner que está muito associada ao discurso da imprensa, é a de que as torcedoras são mulheres perfumadas, silenciosas e civilizadas; e que sua presença no estádio é um fator de mudança de comportamento dos homens, no que tange à diminuição de palavrões e da violência.

Essa imagem da presença das mulheres como forma de suavizar a ideia do estádio como um lugar agressivo também é trazida por Stahlberg (2009), em pesquisa que permite enxergar essa presença por outra perspectiva, a partir das representações que as próprias torcedoras fazem de si mesmas e umas das outras. A autora discute alguns dos estereótipos mais comuns atribuídos a elas - como o da mulher masculinizada, a maria chuteira e a torcedora modinha - e mostra como as torcedoras estão reivindicando seu espaço e

desmitificando esses rótulos. Na pesquisa que analisou comunidades de mulheres e futebol na rede social Orkut e realiza entrevistas com essas torcedoras, Stahlberg percebe como a masculinidade presente neste esporte acaba determinando as feminilidades e hierarquizando as torcedoras.

Dentro dessa hierarquização, as mulheres mais respeitadas e consideradas como torcedoras de fato, principalmente por homens, são aquelas que têm uma visão de dentro, ou seja, as que também praticam o futebol e que por isso costumam ter opiniões mais bem aceitas. Já as mulheres que se arrumam mais ou se vestem com roupas que possam ser consideradas “femininas demais” não são vistas com bons olhos pelas próprias torcedoras, que, por sua vez, acabam internalizando códigos de conduta ditados pelas sociabilidades masculinas. A pesquisa mostra que para se legitimarem como “verdadeiras torcedoras”, as mulheres buscam se distanciar de qualquer característica associada a esses estereótipos.

O fato é que as torcedoras que se consideram ‘autênticas’ muitas vezes corroboram os estereótipos impostos a diversas mulheres, porque veem nos comportamentos citados uma ameaça, o que, por sua vez, ocorre porque a construção de um ‘eu’ ideal passa necessariamente pela oposição a um ‘outro’ do qual se quer distanciar (p. 161).

Já no que diz respeito às formas de representação e autorrepresentação desse público na história, no teatro, na literatura e em outros meios, Costa (2006) ressalta que a presença das mulheres nas torcidas aponta para novas formas de composição identitária femininas, que por sua vez, influenciam nas práticas do torcer. Dentre outros aspectos, a autora destaca o crescimento de torcidas organizadas femininas e novas lógicas comerciais, visto que os clubes e as marcas esportivas passaram a investir cada vez mais em produtos voltados para o público feminino.

A representação das torcedoras a partir da propaganda é pesquisada por Gastaldo, em análise sobre os anúncios publicitários veiculados na Copa do Mundo de 1998, em seu livro *Pátria, Chuteiras e Propagandas* (2002). As mulheres, quando são representadas, aparecem como meras espectadoras da cena, sem direito à fala, fora do foco, os homens são sempre os protagonistas. Em cenas de família, são retratadas como bonitas, sensuais, submissas, frágeis e nervosas. Gastaldo também encontrou anúncios insinuando que as mulheres só assistem futebol por causa da beleza dos jogadores, ou quando estão acompanhadas de seus maridos, ou namorados.

Na revisão de literatura sobre mulheres e futebol, encontramos também trabalhos de conclusão de curso, artigos e dissertações das mais diversas áreas do conhecimento, como educação física, estudos de lazer, história e antropologia. Alguns trabalhos investigam a participação das mulheres nas torcidas e o lugar feminino neste esporte (MENEGOTTO, 2011; NORONHA, 2010, 2012) e a relação das torcedoras com o estádio de futebol (CAMPOS, AUGUSTO e SILVA, 2010).

No Pará, Magalhães (2008, p. 25) aponta para o surgimento de organizadas femininas ainda na década de 1970. A autora destaca a figura conhecida como Dra. Elza Soares, que criou a uniformizada “bicoletes” na torcida do Paysandu, que ensinavam coreografias para a plateia antes e nos intervalos do jogos. Segundo Magalhães, o trabalho era visto pela diretoria como depreciativo para o clube, o que levou ao fim dessa torcida e à criação de outra, a “Payxonossa”. Anos depois, também foi criada a torcida “Gatas da Fiel”, que em sua estreia levou “uma enorme faixa, na qual se via uma sensual mulher deitada e uniformizada, representando o Paysandu, escrito ‘as gatas da fiel.’”

Hoje, tanto o Paysandu quanto o Clube do Remo contam com organizadas femininas. De acordo com informações coletadas com torcedoras, o Remo possui quatro: Azulindas, Leoas azulinas, Boleiras Azulinas, Loucazulinas. Enquanto o Paysandu possui a Charme Bicolor e as Apayxonadas PSC. É interessante observar que desde o início das organizadas femininas, com a Gatas da Fiel, até os dias de hoje é comum que as torcidas tenham nomes ligados à ideia da beleza como suposta característica feminina.

Ambos os clubes também possuem animadoras de torcida, que realizam performances de *cheerleaders* nos jogos do time. No Clube do Remo, as responsáveis pela animação são as integrantes da torcida Leoas Azulinas, enquanto no Paysandu são as Bicolindas, projeto criado pelo clube bicolor. Em ambos os grupos, para ser uma animadora é preciso ter mais de 18 anos e passar por seletiva. A seleção consiste em entrevista para avaliar o conhecimento sobre o clube e disponibilidade, análise do perfil da torcedora no Instagram e prova de dança. De acordo com Sabrina²¹, uma das coordenadoras das Bicolindas, um dos critérios mais relevantes é o nível de comprometimento da torcedora: “Eu sempre faço questão de explicar pra elas ‘aqui dentro não é só vocês balançarem pompom e dançarem na hora do intervalo, vocês têm que participar, vocês têm que ir pra ação social, vocês têm que ser clube’.

²¹ Sabrina é uma das interlocutoras desta pesquisa e será melhor apresentada no terceiro capítulo. O nome Sabrina é fictício.

Além das torcidas formadas apenas por mulheres, as torcidas organizadas mistas também possuem movimentos e departamentos femininos. Nas entrevistas realizadas, pude dialogar com representantes de dois destes grupos: do Movimento Feminino da Terror Bicolor, torcida do Paysandu; e da Rebelião Feminina da Pavilhão 6, torcida do Remo.

Na Terror Bicolor, o Movimento Feminino é coordenado por quatro mulheres. Uma delas, Dani²², interlocutora desta pesquisa. A torcedora conta que o grupo é formado por mais de 50 mulheres ativas e que tem como um dos principais braços de atuação a realização de ações sociais:

A nossa parte, da mulher na torcida, é fundamental, não só pra cortar papel. pra distribuir um panfleto... Ela é essencial no modo social, lá a gente faz ações sociais, lá a gente faz doações de alimentos, fraldas, a gente faz bingo beneficente caso alguém da nossa torcida esteja precisando, passe por um momento de saúde [...]. E a gente sempre se une em prol de fazer o bem,.A gente faz ações sociais de páscoa, dia das crianças. Natal a gente sempre faz pra mais de trezentas crianças. A gente escolhe um lugar bem carente, às vezes creches, comunidades e ajuda. (informação verbal)²³

O Movimento Feminino da Terror é a representação das mulheres que compõem esta que é a maior torcida organizada do Paysandu. É ele que ajuda a pensar os materiais esportivos femininos da torcida, ações e projetos para este público, além de representar oficialmente a torcida em eventos:

Ano retrasado a gente viajou pro encontro de mulheres na bancada, que foi em Fortaleza. A gente fez um bingo e nesse bingo a gente arrecadou fundos pra poder viajar.[...] Foi muito interessante, porque o encontro fala sempre da nossa exclusão na bancada. Porque na verdade a mulher é discriminada em todo lugar, por alguns machistas ou às vezes até mesmo pelas próprias mulheres.[...] E nesse encontro a gente falou sobre isso, do nosso espaço e como a gente se sente. (Dani, torcedora do Paysandu, informação verbal)

A Rebelião Feminina da Pavilhão 6 também tem o propósito de reunir as torcedoras que integram esta torcida. Sílvia²⁴, integrante deste departamento, conta que para além da realização de ações sociais e projetos, o grupo também tem o propósito de conscientizar sobre o papel da mulher na torcida e na sociedade:

A gente foi tirando isso, de que a mulher é útil na torcida mas só para aquele tipo de serviço, como a cozinha, a limpeza, enfeitar a sede

²² Dani é um nome fictício adotado para a interlocutora. Apresentarei melhor a entrevistada no terceiro capítulo.

²³ Entrevista realizada em janeiro de 2020

²⁴ Sílvia é uma das interlocutoras desta pesquisa e será melhor apresentada no terceiro capítulo. O nome Sílvia é fictício.

quando tem um evento [...] De dois anos pra cá, a gente fez um trabalho bem diferente com as meninas. Eu tirei aquela parte delas, treinei elas pra outras coisas. Quando tinha evento a gente mesclava as meninas pra fazer o planejamento, financeiro... Até mesmo pra treinar elas pra outros papéis de liderança. E a gente também foi trabalhando com elas pra elas se conhecerem, [...] entenderem qual era o real papel delas, porque na torcida a maioria das meninas ou pararam de estudar, ou engravidaram muito cedo ou não tiveram aquele acompanhamento que fizesse ela abrir os olhos pro papel dela na sociedade, entendeu?²⁵ (informação verbal)

Entre as ações citadas por Silvia para essa conscientização, está a realização de palestras, seminários e bate papos sobre direito das mulheres, papéis de lideranças e temas afins. Além da Rebelião Feminina também se manifestar politicamente na arquibancada, em defesa à mulher.

IMAGEM 1- Rebelião Feminina da Pavilhão 6



Fonte: Fanpage da torcida

O nosso papel não é somente tu tá lá na torcida, tu se manifestar porque o cara não deixou tu levar uma bandeira, eu acho que vai muito além disso, entendeu? É tu te reconhecer como mulher, tu ajudar outras mulheres e tu também ajudar outras pessoas. Porque assim, o teu papel ali não é só esse de chegar, pagar teu sócio, ir pro estádio, torcer, voltar e viajar. Tu tens um papel maior, porque

²⁵ Entrevista realizada em janeiro de 2020.

querendo ou não a torcida ela é um movimento social. (Silvia, torcedora do Remo, informação verbal)

É importante destacar que não é porque uma torcida é composta por mulheres, que ela tenha pautas feministas ou discursos mais emancipatórios sobre a presença feminina no estádio. No Brasil, tem aumentado o surgimento de torcidas, coletivos e movimentos femininos de caráter e discurso mais político, que se definem como feministas e problematizam as representações e lugar da mulher no futebol. São torcedoras que se unem para ir ao estádio, torcer e apoiar ao time, ao mesmo tempo em que lutam contra o machismo e desigualdades de gênero presente no futebol. Alguns exemplos de coletivos e torcidas feministas são o Movimento Toda Poderosa Corinthians e o VerDonnas em São Paulo; o Coletivo Interfeminista e o Coletivo Elis Vive no Rio Grande do Sul e o Movimento Coralinas em Recife.

No Pará, ainda não existem torcidas assumidamente feministas, mas as torcedoras de Remo e Paysandu têm protagonizado manifestações em defesa da mulheres no futebol. Em RexPa disputado em 2017, torcedoras dos times se uniram para entrar no estádio com uma faixa escrita “Lugar de mulher é onde ela quiser, inclusive no estádio. #Respeitaasminas”.

IMAGEM 2 - Torcedoras pedem respeito



Fonte: Revista AZMina

A faixa era símbolo do 1º Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada, que ocorreu em São Paulo no mesmo ano. Mesmo pedindo respeito, enquanto passavam pela torcida Remoçada, as torcedoras tiveram que ouvir cantos de torcida ofensivos e machistas, gerando constrangimento entre elas. Além disso, as remistas que participavam da manifestação tiveram suas camisas puxadas por torcedores do Paysandu. Uma das interlocutoras desta pesquisa que havia participado do Encontro Nacional e trouxe a ideia do protesto para Belém relatou em entrevista como tudo ocorreu:

Quando a gente decidiu entrar, fizemos a frase e aí eu reuni com as meninas de Remo e Paysandu. As meninas deram a coleta pra fazer, foi tudo em conjunto e surgiu a ideia da gente entrar antes do jogo começar. Ainda teve um pequeno estresse antes do jogo com a torcida do Paysandu, porque as entradas estavam fechadas [...] e a polícia mandou a gente ir direto. E a gente foi, só que quando a gente foi entrar, a gente já tava praticamente dentro da torcida do Paysandu e eles viram a gente com a camisa. E aí foi que rolou um estresse, mas a gente conseguiu entrar. Foram meninas praticamente de quase todas as torcidas do Remo e todas as torcidas do Paysandu [...]. Na verdade, era mais as de torcida organizada, tinha da Remoçada, tinha Pavilhão, tinha Piratas, tinha Azulindas, não lembro se tinha da Leoas. E a gente já se encontrou com as leoas e as bicolindas lá em cima. [...] Nesse dia tava chovendo muito e a gente foi dar a volta todinha no estádio, tava um vento horrível. Aí quando a gente chegou na frente da Remoçada foi que aconteceu tudo aquilo. E aí só que quando terminou parece que deu um alívio na gente, porque a gente tava muito nervosa, nervosa não só pelo acontecido na arquibancada, mas fora também, porque eles puxaram a camisa das meninas. (Silvia, torcedora do Remo, informação verbal)

Outro registro de politização das mulheres na torcida foi em março de 2018. Durante partida do campeonato paraense, torcedoras que integram o Setor Feminino da Camisa 33 - torcida do Clube do Remo - também fizeram manifestação performática, em alusão ao Dia Internacional da Mulher. Com rostos pintados com tinta vermelha, formando o desenho de uma mão calando a boca, as torcedoras levantaram cartazes reivindicando respeito e o fim da violência contra a mulher.

IMAGEM 3 - Torcedoras remistas em manifestação na arquibancada



Fonte: Redes Sociais da Camisa 33

Não foi a primeira vez que este grupo de torcedoras protagonizou momentos de engajamentos em pauta sociais e políticas. A etnografia sobre a Camisa 33 feita por Freitas (2017) já registrava protestos em que as mulheres da torcida levantaram cartazes pedindo o fim da cultura do estupro e da violência contra mulher. A autora mostra como situações como esta levantam debates e dissensos entre os torcedores, há os que concordem com esse tipo de manifestação e outros que mesmo fazendo parte do mesmo grupo acreditam que o estádio e o futebol não são espaço para esse tipo de protesto.

O campeonato paraense de 2020 também já começou com manifestações a favor das mulheres. Isso porque o início do ano em Belém foi marcado por crimes bárbaros de estupros e feminicídios realizados no município de Marituba, região metropolitana da capital. Entre as vítimas, estava uma torcedora do Paysandu, Jennyfer Silva, que recebeu homenagem em tom de protesto em jogo do time. O atacante do time, Nicolas, vestiu a camisa com os dizeres “Não é não! Pela Jennyfer e por todas as mulheres”. E torcedoras levantaram cartazes com dizeres pedindo o fim da violência contra a mulher. Protestos sobre este episódio também foram registrados na torcida do Remo e nas redes sociais dos clubes.

IMAGEM 4 - Jogador Nicolas veste a camisa “Não é não”



Fonte: A autoria de Fernando Torres

IMAGEM 5 - Torcedoras do Paysandu levantam cartazes de protesto



Fonte: A autoria de Aleff Fernando

Mesmo dividindo opiniões, a politização da torcida é um fenômeno que tem crescido em vários lugares do Brasil - e na América Latina - com o fortalecimento das torcidas antifascistas, por exemplo. No Pará, tanto o Clube do Remo quando o Paysandu já possuem torcidas antifascistas, que se posicionam contra discursos e governos conservadores, se organizando em movimentos e participando de protestos e eventos políticos na cidade. Boa parte dessa politização passa também pelo engajamento de mulheres e pautas feministas..

Os exemplos nos trazem inferências de como a presença das torcedoras no estádio, para além da opressão e da diferenciação, é marcada também por estratégias de resistência e negociação de poder. As mulheres que frequentam o estádio muitas vezes precisam demarcar seu espaço como torcedora, reforçando sua condição como mulher e torcedora. É o caso das faixas utilizadas no exemplo acima na torcida remista e também de faixas que demarcam a presença delas. Um exemplo encontrado durante esta pesquisa foi a faixa escrita “mulheres sempre com o Lobo²⁶”, na torcida do Paysandu.

Algumas iniciativas de demarcar a figura da mulher como torcedora também partem dos clubes. Neste ano, uma novidade no Clube do Remo evidenciou essa atenção ao público feminino: a criação de uma mascote feminina.

IMAGEM 6 - Apresentação da mascote Leona



Fonte: Diário Online

²⁶Lobo é uma forma de se referir ao time do Paysandu, o animal é o mascote do time e também dá nome à marca oficial do clube.

A ideia da criação da mascote foi da torcida Leoas Azulas e o time que já possuía um leão como mascote, conhecido como Leão Malino, aderiu e inseriu a leoa que foi batizada de Leona. Os mascotes são irmãos, segundo o Clube, e ambos acompanham o time nos jogos e eventos. Durante os jogos do time de futebol masculino, é comum eles se dividirem, um fica no estádio durante o primeiro tempo e o outro no segundo.

Ambos os clubes também desenvolvem campanhas nas redes sociais para incentivar a fidelização de mulheres por meio do programa de Sócio Torcedor - programa de associação onde o torcedor do clube paga um valor mensal e tem direito a assistir aos jogos, desconto em produtos oficiais e lojas parceiras, entre outras vantagens. Mesmo com o incentivo, o número de mulheres que são sócio torcedoras ainda é pequeno em relação ao de homens. O Paysandu, por exemplo, possui hoje 8775 sócio torcedores, deste total apenas 1736 são mulheres, o que equivale a apenas 20% dos associados²⁷.

Diante da percepção do crescimento do espaço e participação das mulheres no futebol e de um maior incentivo para que haja mais equidade de gêneros no contexto deste esporte, é preciso reconhecer as mudanças e avanços, mas sem fechar os olhos para as disputas de poder que ainda permeiam o futebol.

²⁷ Dados informados pelo clube para a autora. Até o fechamento do trabalho, não houve acesso aos dados do Clube do Remo.

3. ARQUIBANCADAS PERFORMATIVAS: PERCEPÇÕES DE CAMPO SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO REXPA

Uma vez por semana, o torcedor foge de casa e vai ao estádio. Ondulam as bandeiras, soam as matracas, os foguetes, os tambores, chovem serpentinas e papel picado: a cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o templo. Neste espaço sagrado, a única religião que não tem ateus exhibe suas divindades. Embora o torcedor possa contemplar o milagre, mais comodamente, na tela de sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando em duelo contra os demônios da rodada. [...] Este jogador número doze sabe muito bem que é ele quem sopra os ventos de fervor que empurram a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música.

(Eduardo Galeano)

3.1 Hoje tem RexPa!

É dia de RexPa. A cidade é tomada por um clima diferente. Por onde se passa, bandeiras dos times penduradas, nas sacadas, na frente das casas, nos bares. Remistas e bicolores desfilam com a camisa do time de coração pelas ruas. Estão nos ônibus, nas paradas, a caminho do estádio. Desde cedo, é possível encontrar grupos reunidos nas calçadas e mesas de bar para o “esquentar”, na expectativa do clássico. É a cidade tomada pelo azul. De dois tons, celeste e marinho.

O movimento das ruas também está nas redes. Nos grupos de mensagens instantâneas e redes sociais, mensagens sobre os times circulam durante todo o dia. Entre os torcedores do mesmo time, fotos mostrando a preparação para o jogo, frases de incentivo, debates sobre a formação do time e especulações em torno do jogo. Entre rivais, memes, piadas, *zoação* com o adversário, é a tal “encarnação²⁸”, como chama o torcedor paraense.

Horas antes do jogo e os torcedores já começam a se deslocar para o Mangueirão, pois quem vai assistir ao jogo no campo costuma encontrar engarrafamento, principalmente em partidas mais decisivas. O Mangueirão fica localizado em bairro homônimo, distante do

²⁸ Encarnação significa zoação, fazer piadas com o rival, está dentro das relações que se estabelece entre torcedores. Irei me debruçar sobre o termo mais à frente, ainda nesse capítulo.

centro da cidade, em uma região que hoje é conhecida como “Nova Belém” por ter registrado grande expansão imobiliária nos últimos quinze anos.

IMAGEM 7 - Estádio Olímpico Mangueirão



Fonte: A autoria de Jorge Andrade

A principal referência desta área da cidade é a Avenida Augusto Montenegro, rua em que é possível encontrar diversos condomínios, supermercados e shoppings. A avenida é cercada de bairros mais periféricos, que estão no entorno do estádio, sendo os mais próximos os bairros do Bengui e Cabanagem. O bairro onde o estádio está inserido foi nomeado de Mangueirão recentemente, antes o território também fazia parte do bairro do Bengui, o que fez com que o estádio ficasse conhecido como o Colosso do Bengui.

Para chegar ao estádio, as torcidas vão por caminhos distintos, uma recomendação dos órgãos de segurança para evitar confrontos e melhorar o tráfego. A do Clube do Remo chega ao estádio pela Avenida Augusto Montenegro, rua para onde fica a frente do estádio e que dá acesso ao lado A, setor onde se localizam os torcedores remistas. Já a do Paysandu acessa o campo pela Transmangueirão, a rua de trás do estádio, por onde se chega mais facilmente às arquibancadas lado B, setor dos bicolores no Mangueirão. Mesmo com a divisão, é comum encontrar torcedores do Remo indo pelo caminho dos torcedores do Paysandu e vice-versa. São pessoas que moram no entorno, que vão de ônibus, que estão em grupos mistos de torcedores, ou apenas mais destemidas.

No trajeto, carros exibem bandeiras dos clubes. Presas na parte traseira dos veículos, elas tremulam e funcionam como uma identificação, é um sinal de aquele carro está a

caminho do campo. Alguns também tocam músicas dos times, hinos do clube ou cantos da torcida. Um caminho que já vai preparando para o clima do estádio e faz parte dele, um misto de tensão e festa.

Quem vai de ônibus, às vezes, não consegue chegar até o estádio. Em dias de fluxo mais intenso, é possível pegar horas de engarrafamento, principalmente quando ocorre da partida cair em horário de pico, no meio da semana e no início da noite, pois o tráfego para o jogo acaba se somando ao já enfrentado por quem trabalha no centro da cidade e está voltando para casa.

Se o trânsito estiver parado, desce onde dá e vai andando ou correndo dependendo do tempo e da distância. Dá medo de não chegar a tempo, de perder a entrada do time em campo, de perder algum lance. Acontece com quem está de carro também. Se tiver muito trânsito e o tempo estiver curto, tem quem estacione onde dá, pelo caminho, em estacionamentos improvisados e siga andando até o Mangueirão. Muitos chegam bem cedo para conseguir uma vaga no estacionamento gratuito do lado de fora do estádio. Mas não só, chegar cedo também é pretexto para começar a festa ali mesmo. É só abrir a mala do carro, ligar o som e reunir os amigos para beber cerveja e comer espetinho enquanto os portões do estádio não são abertos.

IMAGEM 8 - Torcedores no pré-jogo no estacionamento do Mangueirão



Fonte: Registrado pela autora

A fila para entrar pelos portões do estádio e passar pela catraca comum é confusa e desorganizada, principalmente quando já está perto do jogo começar.

IMAGEM 9 - Confusão na fila para entrar no Mangueirão



Fonte: Portal Roma News

Cada lado do estádio possui três portões de acesso, resultando em um total de seis: A1, A2, A3, B1, B2 e B3. Cada portão tem um estacionamento próprio e pago, cujo ticket geralmente precisa ser comprado com antecedência. A única exceção é o portão B2, que tem estacionamento exclusivo para carros credenciados e oficiais. Este portão também é por onde entra a imprensa e pessoas que vão assistir o jogo da Tribuna.

IMAGEM 10 - Entrada do estacionamento do Portão B2



Fonte: Agência Pará

O material das torcidas organizadas do Remo entra sempre pelo portão A2, onde passa por revista da polícia militar. Já o do Paysandu entra pelo portão B1, sempre dentro do horário estipulado pela PM.

[...] Tem certas coisas que têm que entrar cedo, é preciso de ofício, não entra qualquer coisa, nem balão entra se você "ah, vai entrar esse balão", não, tudo tem que ter um ofício, faixa pra entrar, tudo tem que tá...passa por revista e tudo pra poder entrar no estádio. (Dani, Movimento Feminino da Torcida Terror Bicolor, informação verbal)

Ambos os times também mantêm portões exclusivos para os sócio torcedores, geralmente o A3 e o B3, mas estes também podem entrar pelos outros portões.

Nas entradas, costuma haver confusões entre os próprios torcedores, quando alguns tentam furar a fila. Os descontentes chamam os policiais ou orientadores de público para reclamar dos furões. Se a fila não anda, são os próprios orientadores o alvo da reclamação, que vem acompanhada de gritos apressados como “bora logo” e queixas sobre a desorganização da fila. Ali, a recomendação é que se fique atento com os pertences pessoais, pois não são raras as vezes que alguém tenta com sucesso puxar ingressos e celulares alheios.

Mas nos portões de entrada, a confusão maior é entre rivais, principalmente nos portões que fazem fronteira com a torcida adversária. Quem está esperando para entrar no estádio provoca e é provocado pelos rivais que já estão do lado de dentro, no alto da rampa. Homens apontam o dedo do meio, pegam nas partes íntimas como em gestos obscenos, ameaçando bater e pegar o adversário e entoando coros e gritos homofóbicos como “viadinho”, “remista é gay”, ou “terror gay”; e machistas como “mulherzinha” e “mocinha”.

Entrando pelos portões, é a hora de subir a rampa com um sentimento que mescla confiança e tensão. Está chegando a hora de ver o time entrar em campo, de torcer.

IMAGEM 11 - Subida da rampa no lado A



Fonte: Registrado pela autora

IMAGEM 12 - Subida da rampa no lado B



Fonte: Site oficial do Paysandu

A subida representa que está perto do encontro e do momento esperado, por isso há grupos que já sobem entoando cantos e gritos de torcida. Alguns rapazes param no meio do caminho e se debruçam sobre a mureta voltada para o lado de fora para olhar quem passa, provocar rivais que estão entrando no Mangueirão. Quem está na rampa também tem que estar preparado para dar licença a pequenas caravanas de torcedores uniformizados que passam correndo em fila indiana, segurando nos ombros uns dos outros e gritando para os outros se afastarem.

Os membros de torcidas organizadas chegam juntos, vão de ônibus fretado, outros no coletivo urbano. Em partidas mais importantes, as torcidas tradicionais, como a Terror Bicolor e a Remoçada²⁹ costumam marcar um ponto de encontro próximo ao Mangueirão e vão caminhando juntos, como em uma procissão.

Dentro da torcida tem os bondes, tem aqueles membros que tomam conta de um certo bairro, entendeu? [...] A gente tem o BVU Cabanagem, o BVU Tapanã, por exemplo, e tem o BVU geral. Então quando é dia de jogo no Mangueirão, a gente se reúne tudo próximo ao Líder Independência, todos os bondes. E de lá a gente vai andando até o Mangueirão, todo mundo. (Dani, Movimento Feminino da Torcida Terror Bicolor, informação verbal)

A chegada dessas torcidas ao estádio costuma ser apoteótica, do alto da rampa, os torcedores vão descendo juntos, cantando, tocando. Uma avalanche de gente que desliza pela arquibancada, ao mesmo tempo em que desenrola seus bandeirões, marcando território, no lugar cativo. Ambas se localizam entre a trave e a lateral do campo, em lados opostos do estádio, ficam de frente uma para a outra e protagonizam uma rivalidade histórica. Além de cantarem o jogo inteiro para o time de coração, também cantam diretamente para a torcida rival, com provocações e xingamentos durante a partida. É como se para essas torcidas, incentivar o time, cantar para apoiá-lo parece tão importante quanto demarcar sua grandeza e superioridade diante da rival.

As duas organizadas são importantes para puxar os cantos e ditar o ritmo da torcida durante o jogo. Mas não são as únicas com essa responsabilidade. Entre as diversas organizadas, o Clube do Remo também conta com outras torcidas que comandam a música na arquibancada, como a Pavilhão 6 e a Barra Brava Camisa 33. Entre as do Paysandu, estão a Banda Alma Celeste e a Lobos do Esquadrão. Com instrumentos de percussão, as torcidas puxam os cantos durante todo o jogo, embalando o torcedor e apoiando o time que está em campo. O canto das torcidas tem destinatário, público-alvo. Arrisco dizer que são quatro: os próprios companheiros de arquibancada, na intenção de motivar que os outros cantem juntos; os jogadores em campo, para que se sintam apoiados; a torcida rival, para marcar território, provocar e mostrar que do lado daqui tem uma torcida vitoriosa e apaixonada; e a mídia, pois há um interesse em fazer bonito diante das câmeras de televisão, de celulares e fotógrafos para deixar registrada a grandiosidade da torcida e o amor pelo clube.

²⁹ A Terror Bicolor e a Remoçada são as duas maiores e mais populares torcidas organizadas do Pará, reunindo integrantes de diversos bairros de Belém e municípios do estado. Em dias de jogos, ocupam um espaço bem grande na arquibancada e protagonizam uma forte rivalidade entre si.

O time entra em campo e é aplaudido por sua torcida; o rival, vaiado. A entrada dos jogadores é o *start* indicando que é hora de começar a cantar bem alto as músicas mais conhecidas para todos cantarem juntos. Do lado azul marinho, cantos como “Remo, Remo, Remo” ou “Uma coisa eu te peço, joga com raça e paixão, honra essa camisa, meu poderoso Leão, ôôôô”.

IMAGEM 13 - Torcida do Remo cantando



Fonte: Registrado pela autora

Do lado azul celeste: “É bicolor, é bicolor, olê, olê, olê” e “Vamos pra cima, Papão! Quero gritar campeão. Vamos lutar por mais essa taça. Vamos, Paysandu, com garra e com raça...” são os mais ouvidos. Mas há outros vários que unem todas as vozes das arquibancadas em um só coro.

IMAGEM 14 - Torcida do Paysandu cantando



Fonte: Fanpage oficial do Paysandu

Junto com os jogadores, entram também as líderes de torcida, acompanhadas dos mascotes do time. São as Leas Azulinas as representantes do Remo e as Bicolindas as do Paysandu. Uniformizadas com roupas características das *cheerleaders* - como saias ou shorts e colãs e pompons -, elas dançam em passos sincronizados durante toda a partida.

IMAGEM 15 - Leas Azulinas no Mangueirão



Fonte: Fanpage Leas Azulinas

IMAGEM 16 - Bicolindas no Manguirão



Fonte: Fanpage Bicolindas PSC

Dão a volta pela lateral do campo, cada uma de frente pra sua torcida, levando bandeiras com o escudo do time, e se posicionam na frente das maiores torcidas organizadas: a Remoçada e a Terror Bicolor, respectivamente. Durante todo o jogo, fazem coreografias de incentivo às torcidas, ritmadas pelo som da arquibancada, e no intervalo realizam uma coreografia mais elaborada de frente para a torcida.

Hoje em dia a gente já tem uma ligação próxima com as torcidas, porque antes era mais com a Banda Alma Celeste, hoje em dia já é com todas as torcidas, tanto é que qualquer evento que tem de qualquer torcida, eles estão convidando as meninas, graças a Deus [...] Eu acho bacana a presença das meninas dentro do estádio, porque elas representam...elas estão lutando pelo espaço da mulher ali dentro. A luta das mulheres não tá só ali na arquibancada, tá em todo lugar. Então tem as mulheres querendo conquistar o espaço na arquibancada e as bicolindas querendo conquistar o espaço dentro do gramado. E eu acho muito importante, porque além de tá ali representando dentro do gramado, as meninas tão representando o clube em ações sociais, em projetos, em tudo. Vai muito além de só segurar o pompom ali. (Sabrina, coordenadora das Bicolindas, informação verbal)³⁰

Nas arquibancadas, há o momento certo para cada canto, expressão, gesto, grito. A reação a um gol, a um quase gol, o momento de cantar para incentivar o time, de fazer coro contra o juiz, de xingar o time adversário, o silêncio... É gol? Aí é hora de soltar o grito que estava ansioso para sair, a plenos pulmões, pulando e abraçando quem está do lado, seja

³⁰ Entrevista realizada em janeiro de 2020.

conhecido ou não. Se gol do time adversário, silêncio deste lado. Baterias param, os corpos também, bocas abertas, olhos incrédulos como quem olha para lugar nenhum. A falta de reação dura alguns segundos, minutos, até que alguém volta a puxar um canto, a tocar algum tambor, a torcida volta timidamente, até encontrar nova motivação em algum lance e cantar novamente a plenos pulmões. Agora, se a torcida adversária canta alto o suficiente a ponto de ser ouvida do lado daqui, é imediatamente vaiada numa tentativa de calá-la, de não permitir que ela seja ouvida. São alguns exemplos de como existe no ar um código de conduta silencioso que já faz parte do imaginário torcedor, e que aponta e define comportamentos esperados naquele espaço.

A torcida do time vencedor acaba ficando mais tempo no estádio, comemorando com cantos de expulsão do adversário, enquanto a torcida perdedora vai deixando o campo. Quem perde, desce a rampa geralmente sem festas e músicas, reclamando, buscando respostas e justificativas para a derrota, comentando o jogo que acabou e fazendo projeções para os próximos. Quem ganha continua a festa da arquibancada na descida da rampa, com cantoria, percussão, coro e alegria.

Para muitos, a festa continua do lado de fora do Mangueirão. Alguns torcedores se reúnem em grupos com som alto, bebidas alcoólicas e churrasquinho. Enquanto alguns comemoram a vitória, outros afogam as mágoas da derrota, mas sempre há um movimento pós jogo de ambas as torcidas no espaço. O estacionamento, algumas vezes, acaba sendo palco de brigas entre torcidas, mas na maioria dos casos o estacionamento do Mangueirão é espaço de confraternização, de reunir os amigos, uma extensão da arquibancada.

Para o torcedor, a experiência do estádio é diferenciada. Nas palavras de minhas interlocutoras, é amor, emoção, calor da torcida, é fora do comum. Por isso, trouxe essa narrativa inicial na tentativa de descrever em linhas gerais o que acontece naquele espaço em um dia de RexPa. Essa descrição geral é a junção das várias experiências que tive no campo, como torcedora e, principalmente, como pesquisadora.

3.2 Torcidas em campo: a divisão socioespacial do estádio

Busco a partir de agora analisar algumas das situações vivenciadas e observadas em campo, na tentativa de, como orienta Magnani (2002; 2009), partir das totalidades como pressuposto. Ao refletir sobre a cidade, o antropólogo José Guilherme Magnani chama a atenção para o fato de que os sujeitos que a constituem não são “elementos isolados,

dispersos e submetidos a uma inevitável massificação”, mas sim “os responsáveis por sua dinâmica cotidiana” (2002, p. 18).

É como as torcidas, elas não são algo imutável, pronto e fechado. Por mais que as regularidades e padrões de comportamento sejam muitas vezes propositais, em uma intenção de tornar a torcida uma coisa só, uniforme, é preciso compreender que as torcidas são compostas por sujeitos múltiplos e diversos. Há um sentimento comum que faz com que todos se encontrem naquele espaço: o amor por um clube e o desejo de ver o time jogar e ganhar. Mas cada pessoa que compõe a torcida confere a este coletivo uma dinâmica.

Como destaquei no primeiro capítulo, o estádio é marcado e dividido espacialmente. No Mangueirão, a mais evidente estratificação se dá na separação entre cadeiras e arquibancadas. O estádio, assim como muitos do Brasil, passou pelo processo eliminação da Geral - espaço que tinha ingressos mais baratos e costumava ser ocupado por torcedores de baixa renda. Há também tribunas, camarotes e cabines de imprensa, mas os lugares que se encontram à disposição do torcedor são as arquibancadas e cadeiras.

Para sentar nas cadeiras, o torcedor tem que desembolsar um valor maior, geralmente o dobro, ou ter cadeira cativa. Para as arquibancadas, não há diferença no valor de ingresso, visto que o Mangueirão não tem sua arquibancada divididas por setores. Estando ali dentro, o torcedor pode transitar e sentar em qualquer lugar disponível desde que no lado que seu ingresso permite, pois o acesso ao lado oposto é proibido. Os ingressos para a arquibancada em dia de RexPa costuma custar entre 30 a 50 reais e para as cadeiras entre 60 e 80. Em todos os jogos, são disponibilizados ingressos gratuitos para idosos e meia entrada para estudantes. Estas, por sua vez, precisam ser reservadas com antecedência, pois são liberadas apenas algumas centenas de meias entradas.

Mas não é porque não há divisões formais em setores que elas não existam, de fato. Cada torcida uniformizada, por exemplo, tem seu lugar muito bem definido ali dentro. As faixas com o nome das organizadas servem para marcar presença e território, e para seus membros se situarem perto deles. Quem vai ao estádio frequentemente, costuma ter um lugar de preferência para sentar. Nas conversas com as interlocutoras, o que motiva a escolha ficou ainda mais claro. Além de optarem por certa visão do campo, há também um interesse em ficar perto ou longe de alguma torcida específica, pois a presença daquela torcida em determinado espaço representa formas de torcer, dita as músicas que serão cantadas e os comportamentos.

Essa distribuição, para além das práticas do torcer, carrega também uma divisão social, pois as torcidas organizadas trazem consigo marcas de classe e raça, sendo muitas vezes estigmatizadas pela sociedade e até por torcedores que dividem a mesma arquibancada. As duas maiores uniformizadas de cada lado, a Torcida Remista, conhecida como Remoçada, e a Torcida Bicolor, a Terror, protagonizam uma rivalidade que ultrapassa os portões do estádio, com um histórico longo de confusões e brigas entre si. Além disso, ambas são formadas por muitos jovens da periferia de Belém.

Cabe aqui uma breve explicação sobre o nome de ambas as torcidas. Em 2007, por se envolverem em brigas, as torcidas Remoçada e Terror Bicolor foram judicialmente extintas e proibidas de participar de eventos esportivos nos estádios e ginásios paraenses. Mas as duas continuaram existindo com um novo nome. A Remoçada passou a se chamar oficialmente Torcida Organizada Remista e a Terror Bicolor passou a ser apenas Torcida Bicolor. Mesmo com as mudanças, as torcidas ainda são conhecidas pelo nome antigo, por isso, neste trabalho, me refiro às torcidas tanto por seu nome oficial quanto pelo popular.

No Lado A, onde fica a torcida do Clube do Remo, o canto do estádio atrás do gol é ocupado pela maior uniformizada do clube, a Torcida Remista, popularmente chamada de Remoçada.

IMAGEM 17 - Torcida Remoçada



Fonte: Agência Pará

É uma torcida que canta e pula durante todo o jogo, com as mãos para cima. Canta músicas próprias, autorais, que exaltam o clube e a própria Remoçada, além de puxar alguns dos coros mais entoados na arquibancada azulina. Perto dela, mais para trás do gol, costumam se localizar outras três torcidas: a A.R.T.U.T.A (Torcida Uniformizada Trovão Azul), a Remo War e a Leões da Real.

Na minha experiência anterior como torcedora, nunca havia sentado nessa parte do estádio. Oportunidade que tive já na pesquisa de campo, pois queria estar perto da Torcida Remista.

Neste espaço, há interações diferenciadas, multiplicidade de sujeitos e um fluxo constante de pessoas. Apesar de estar desacompanhada, não me senti sozinha em nenhum momento, encontrei muita simpatia e receptividade, já que homens e mulheres interagiram comigo em diversos momentos. Um desses foi durante o intervalo, quando uma torcedora que estava ao meu lado e com quem eu já havia trocado algumas palavras ao longo do primeiro tempo me pediu para fazer uma foto dela. No ângulo em que ela se posicionou, alguns rapazes que estavam dois degraus acima de nós se colocaram atrás, posando para a foto e fazendo caretas. Eu a avisei rindo e a situação provocou gargalhadas. Como a expressão deles ficou muito engraçada na foto, ela mostrou para os rapazes como tinha ficado o registro e eles, rindo bastante, foram mostrando para outros que estavam por perto, com o celular dela na mão. A situação boba levou todos a rirem bastante, juntos, de forma contagiante. Nenhum de nós se conhecia previamente, mas naquele momento, houve uma cumplicidade e um sentimento comum.

IMAGEM 18 - Torcida do Remo no lado A do Mangueirão



Fonte: Assessoria de Comunicação do Clube do Remo

Uma grade separa esse setor do restante da torcida que, por sua vez, se localiza na lateral do estádio, arquibancada central do Lado A, e onde eu sempre fiquei como torcedora. Tendo um espaço maior, este setor abriga um número grande de organizadas. Entre as maiores uniformizadas estão, na parte de baixo da arquibancada, a Pavilhão 6, que fica logo ao lado da Remoçada, passando a grade, e a Piratas Azulinos. Mas também é possível encontrar torcidas como a Império Azul e Ver-o-Remo. Na parte superior dessa arquibancada, quem domina o espaço é a Camisa 33. Ao lado esquerdo dela, se localizam as Leoas Azulinas, torcida feminina e que também é responsável pela animação de torcida. Tive a oportunidade de sentar junto das Leoas em um dos campos. Apesar de não conhecer nenhuma das torcedoras que estavam ali, me senti confortável naquele espaço, recebi olhares de cumplicidades, sorrisos e até aperto de mão em um momento mais tenso do jogo, quando uma das torcedoras segurou a minha mão para mostrar como a dela estava gelada pelo nervosismo. Na minha experiência como observadora, também pude sentar em pontos distintos da arquibancada central, próximo à Camisa 33, à Piratas Azulinos, à Pavilhão 6 e às Leoas.

Quem escolhe ficar nesse setor da arquibancada, costuma cantar junto com a Camisa 33, pois é a torcida com banda³¹ que mais movimenta esse lado. Torcidas como a Pavilhão 6

³¹ Inspirada nas barras bravas, a torcida também costuma se identificar como banda Camisa 33. Cantando de pé o jogo inteiro, seus integrantes (homens e mulheres) utilizam instrumentos de percussão para dar o ritmo da arquibancada.

também possuem bateria e instrumentos, puxando cantos e batucando ao longo do jogo. Mas o barulho feito pela Camisa 33 predomina na bancada. Apesar dessa torcida assistir à partida o tempo inteiro em pé, na arquibancada central é mais comum encontrar torcedores sentados do que atrás do gol. Menos em dias de jogos decisivos, em que algumas áreas dessa arquibancada ficam tão cheias que é preciso chegar cedo para encontrar um espaço. A Camisa 33 é conhecida entre os remistas por ser formada por torcedores de classe média, a maioria deles jovens universitários³². Entre eles e ao redor, o uniforme são as camisas oficiais do clube, o que nesse contexto também está ligado a um certo status, visto que os produtos oficiais não costumam ser baratos³³.

IMAGEM 19 -Torcida Camisa 33



Fonte: Site Barra Brava.net

Por essa e outras questões é que acabou surgindo uma rivalidade entre os próprios torcedores, ainda mais pelo fato de a Camisa 33 e de a Remoçada serem as duas torcidas que mais movimentam a arquibancada. Portanto, as duas acabam sendo estereotipadas: a primeira sendo acusada de ser uma torcida “modinha”, que não teria força para durar por muito tempo

³² A ideia que faz parte do senso comum da torcida é referendada por Freitas (2017) em pesquisa sobre a Camisa 33.

³³ Logo quando são lançadas, os uniformes oficiais tanto do Remo quanto do Paysandu custam em média entre 150 a 210 reais. Os torcedores que quiserem comprar camisas oficiais mais baratas acabam optando por camisas de treino, com valores a partir de 50 reais, ou modelos mais defasados que barateiam com o tempo.

e que supostamente seria formada por “playboys e patricinhas”; e a outra, pelo histórico de confusões e por ter em sua formação muito jovens pobres e, em muitos casos, negros, acaba recebendo o estereótipo de “torcida de bandidos e moleques”. Encontro o reforço desse discurso na fala de algumas interlocutoras³⁴, ao justificarem seus motivos na hora de escolher o lugar:

Sento do lado da Camisa 33, por causa da vibração da torcida e ali é um lugar também mais seguro, tem menos confusão. Falando bem claramente, não tem "me rouba" lá, ladrão, não tem. Tem muita família. (Maria, torcedora do Remo, informação verbal)³⁵

Gosto de sentar mais na parte central, não gosto de muito tumulto também porque eu fico muito nervosa quando eu assisto o jogo. [...] A visão é melhor, pra poder acompanhar tanto dum lado e do outro. Se tiver só no canto, assistindo só por trás do gol, eu não consigo ver direitinho e saber quem tá posicionado certo e pra brigar também. Aí é porque nessa outra parte também fica muita gente e muito moleque assim, não gosto. (Ana, torcedora do Remo, informação verbal)³⁶

[...] A gente gosta de ficar perto da 33, porque fica animado e tudo, e eu acho que é uma torcida um pouco mais segura, parece que é uma torcida que gosta de se meter menos em confusão. Aí a gente se sente mais seguro [...] Acho que eu peguei em todo esse tempo desde 2014 pra cá, uma ou duas brigas só ali no estádio, assim, de torcida. Mas ali costuma ser mais seguro, mesmo que tenha briga, acho que a galera se protege, sabe?! Muita gente vai em grupo. [...] E também tem isso, por a gente sentar no mesmo lugar, a gente conhece os vizinhos de lugar. (Carla, torcedora do Remo, informação verbal)

A divisão no Lado B, torcida do Paysandu, em muito se assemelha à da torcida adversária. A Torcida Bicolor, a Terror, fica no canto da arquibancada, próximo à bandeirinha de escanteio. Posiciona-se de frente para a Remoçada, sua rival, mas no extremo oposto. Ao lado dela, bem detrás do gol, está a Lobos do Esquadrão e, ao lado, a Fúria Bicolor e a Facção Jovem. Assim como a Remoçada, a Terror é a maior organizada ligada ao clube e ocupa um setor inteiro na arquibancada, cantando em pé e pulando durante todo o jogo.

IMAGEM 20 - Torcida Terror Bicolor

³⁴ Os nomes utilizados para se referir às interlocutoras são fictícios.

³⁵ Entrevista realizada em janeiro de 2020.

³⁶ Entrevista realizada em junho de 2019.



Fonte: Portal Diário Online

A Terror é a torcida bicolor mais popular, por isso quis ter a experiência de sentar mais perto dela, atrás do gol. Estando ali perto, senti por várias vezes a arquibancada tremer, tanta era a emoção e a euforia dos torcedores. Sentimento que pode ser explicado nas palavras de uma das interlocutoras desta pesquisa:

Eu tenho muito amor em tá ali. Significa confraternização, ali eu confraternizo com eles, a gente tá com quem a gente gosta. A gente é unida por um só sentimento que é o amor ao Paysandu. Então ali a gente gosta da mesma coisa e eu fico muito emocionada, eu amo tá na bancada (Dani, Movimento Feminino da Torcida Terror Bicolor, informação verbal)

Os que se situavam naquele espaço sabiam cantar e acompanhavam todas as músicas puxadas pela Terror Bicolor, era como se fosse uma extensão da organizada. Das vezes em que sentei lá, pude visualizar como há mais movimento, dinamismo e interações entre desconhecidos do que em outras partes da arquibancada. É como se mesmo sem a existência da Geral do Mangueirão, esse estilo e forma de torcer continuasse vivo naqueles setores.

Na primeira vez que estive lá, me chamou a atenção uma organizada que ainda não conhecia e que se posicionava mais à direita, bem atrás do gol. Logo descobri que se tratava da Lobos do Esquadrão. A presença dessa torcida formada por jovens traz elementos novos para aquele espaço, como trapos e bandeiras menores, além de inserir outras dinâmicas ao setor. Há um grande número de mulheres nesse grupo, jovens torcedoras que cantam durante todo o jogo, torcendo com bastante empenho e fervor.

IMAGEM 21 - Torcida Lobos do Esquadrão



Fonte: Autoria de Fernando Torres

Depois da experiência, entrevistei uma torcedora que sempre se sente naquele espaço, apesar de não ser integrante da Lobos. Perguntada sobre o porquê de ela gostar de sentar ali, a resposta foi:

O estádio em geral canta noventa minutos, mas às vezes tem um pessoal que fica quieto na sua, só querendo assistir, e tem uns outros que gostam já de cantar, de torcer e de vibrar os noventa minutos todos. E eu gosto de tá assim, cantando, vibrando, torcendo, apoiando até o último minuto. (Júlia, torcedora do Paysandu, informação verbal)³⁷

Como se percebe, a forma de torcer é diferenciada naquele espaço, os torcedores quase sempre estão em pé, quem senta não consegue assistir ao jogo e se sente pressionado pelo ambiente a ficar em pé também. Ainda que o espaço seja apertado, há um movimento e fluxo constante de pessoas, que parecem estar em uma enorme confraternização, sempre rindo e tomando cerveja. Em uma das vezes, tentei comprar uma “laranjinha”, tipo de chopp/sacolê que estava sendo vendida por um ambulante logo abaixo. Ele não me ouvia chamar e uma corrente de mobilização se formou para que eu pudesse comprar. Dois rapazes ao meu lado que estavam uniformizados com a camisa da Papão Chopp começaram a assoviar e chamar o vendedor, até que ele me viu. Como eu não conseguia chegar até ele, outra moça da mesma torcida fez a mediação, entregou o meu dinheiro para o vendedor, me deu a “laranjinha”, esperou o troco e me repassou, tudo com muita simpatia.

³⁷ Entrevista realizada em junho de 2019.

Após a Terror, há uma grade que separa esse setor da arquibancada central. Na arquibancada central, é possível encontrar torcidas como a Charme Bicolor, a Bobicolor, a Papão Chop, a Força Jovem, a Metal Bicolor, entre outras. Em uma das vezes em que me sentei ali, uma situação me chamou a atenção para os diferentes modos de torcer dentro do estádio. Um homem que estava acima de mim na arquibancada, vendo o jogo sentado, iniciou uma briga com um grupo que estava mais embaixo assistindo ao jogo em pé. Ele e outras pessoas que estavam com ele pediam para o grupo da frente sentar. O torcedor que estava embaixo começou a xingar o de cima e dizer que ninguém era obrigado a sentar. Este foi acalmado por uma adolescente que estava com ele, aparentemente uma filha, que pedia para ele não brigar mais. A situação foi ao encontro da minha percepção de que nesse setor do estádio é mais provável encontrar torcedores que assistem ao jogo sentados. O que me leva a crer como essa cultura do “senta”³⁸ do futebol moderno está presente também nos estádios que não passaram pela adequação ao Padrão Fifa.

IMAGEM 22 - Torcida do Paysandu no Lado B do Manguirão



Fonte: Site oficial do Paysandu

É neste setor da arquibancada que também está a Banda Alma Celeste (BAC), que assim como a Camisa 33 ocupa o alto da arquibancada central, só que do outro lado. A torcida também é uma das grandes responsáveis pelo ritmo dessa parte da arquibancada. Com bateria e músicas autorais, a BAC também canta de pé durante todo o jogo e é inspirada nas

³⁸A elitização dos estádios brasileiros de futebol, principalmente para a Copa do Mundo de 2014, ajudou a instituir e fortalecer uma cultura de assistir aos jogos sentado e não em pé como é de costume de diversos torcedores. Essa forma de torcer costuma ser motivo de conflito entre torcedores que querem assistir aos jogos de pé, pois acabam impedindo a visão de quem está sentado.

Barras da América do Sul e torcidas europeias. A estética em muito se assemelha a da Camisa 33, a BAC leva trapos, faixas e bandeiras pequenas e até guardas-chuva para o estádio. Tudo em azul celeste e branco, adornando o espaço que ocupam e conferindo uma aparência muito bonita à arquibancada.

IMAGEM 23 - Banda Alma Celeste



Fonte: Fanpage Banda Alma Celeste

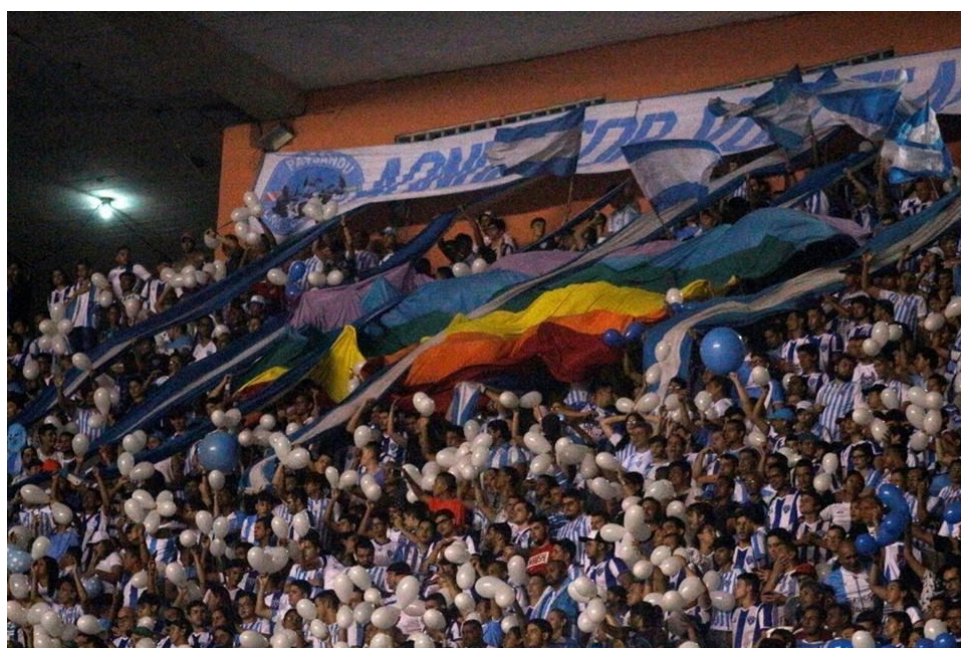
As semelhanças entre Camisa 33 e Banda Alma Celeste não estão apenas na estética, mas também na inspiração e surgimento. Ambas são inspiradas em barras bravas argentinas, tipo de movimento de torcida que tem como características principais: o uso de faixas e bandeiras com frases de apoio ao time; o fato de acompanharem as partidas sempre de pé, cantando do início ao fim independente do placar; o incentivo ao time durante toda a partida e o uso da camisa do clube ao invés de uniformes próprios (TEIXEIRA, 2010; 2013).

De acordo com a pesquisadora Rosana Teixeira, que estuda torcidas organizadas cariocas, os primeiros movimentos de torcedores inspirados nas barras sul-americanas começaram a aparecer no Brasil logo no início do século XXI. Segundo a autora (2010; 2013), a criação desses movimentos está ligada a uma vontade de mudança da cultura do torcer nos estádios e a uma clara intenção de criar torcidas que se diferenciem das estigmatizadas uniformizadas. Essa diferenciação é expressa na não admissão de vaia ao time que está em campo, com a perspectiva de apoio incondicional e, principalmente, no repúdio à violência, comumente imputada às torcidas organizadas.

Mesmo havendo a intenção de serem diferentes, esses movimentos não são radicalmente distintos das tradicionais torcidas organizadas brasileiras. Para Teixeira (2013), ao mesmo tempo em que há a influência das barras, os membros desses movimentos - muitos ex integrantes de uniformizadas - trazem em seus repertórios símbolos culturais e elementos das próprias torcidas brasileiras. O que, para a autora, resultaria em práticas híbridas e levaria a questionar quais são de fato as características desses novos movimentos e até que ponto eles se assemelham com as barras que os inspiram.

Essa necessidade de se diferenciar dos estigmas e vícios das organizadas acaba gerando certas rivalidades entre os grupos. Não é a toa que a Banda Alma Celeste sustenta uma inimizade com a Terror Bicolor. Além das diferenças sociais, um episódio específico acentuou essa disputa. Foi quando a Banda Alma Celeste iniciou campanha de abolição de gritos homofóbicos no estádio e estendeu a bandeira LGBT durante jogo do Paysandu, em uma ação em parceria com o Governo do Estado.

IMAGEM 24 - BAC levantando a bandeira LGBT



Fonte: Site Hopeness

A atitude fez com que membros da Terror ameaçassem e agredissem fisicamente torcedores da BAC, fazendo o Paysandu ser o primeiro time denunciado por homofobia no Brasil. Um tema e uma situação que discutirei melhor mais à frente, mas que trago aqui para mostrar como a torcida não é uniforme, há disputas, sentidos, discursos e genealogias de poder que as atravessam.

3.3 Entre leas e bicolores: considerações sobre a presença feminina

Como já discutido no primeiro capítulo, o espaço do futebol para as mulheres passou por um longo período de negação, de opressão, e até hoje é negociado. No terceiro e último capítulo, me dedicarei a interpretar essa questão a partir da fala das minhas interlocutoras, não só como mulheres, mas particularmente como torcedoras, pois acredito que é preciso falar com e das mulheres também quando se fala sobre futebol. Neste segundo capítulo, relato algumas observações e experiências vivenciadas na minha de pesquisa de campo.

Desde a primeira vez que fui a campo como pesquisadora, meu olhar se voltou para procurar por elas. Onde estão as mulheres? São muitas? Como vivenciam suas torcidas e amor pelo clube? Gostaria de ressaltar, inicialmente, que em minhas experiências de campo, não vi uma só vez mulheres chegando ao estádio totalmente desacompanhadas, sozinhas, como vi ocasionalmente acontecer com os homens. Por ter ido sozinha algumas vezes, sempre foi uma questão que me ocorreu: o estádio de futebol é hostil para quem vai só, principalmente quando esse alguém é uma mulher?

Essa condição acabou por me abrir os olhos para observar como e de quem se fazem acompanhar as outras mulheres. É muito comum vê-las juntas com grupos maiores, em meio a torcidas organizadas, em grupos formados apenas por mulheres e também em família - cheguei a ver algumas vezes mulheres acompanhadas apenas de crianças, com uma postura materna e mulheres com seus pais. Porém, o que mais se repete são as mulheres acompanhadas por homens, formando casais heterossexuais.

IMAGEM 25 - Casal bicolor assistindo o jogo



Fonte: Registrado pela autora

Esses são facilmente reconhecidos por manifestações de carinhos e pelo gesto simbólico de andar de mãos dadas. Alguns homens também assumem uma postura de proteção às parceiras, - ou seria postura de posse, do exercício do poder? - principalmente na fila para entrar no estádio, ao colocarem o braço por cima dos ombros das mulheres, ou as colocando em sua frente e as abraçando por trás.

Outra situação observada que ilustra essa postura de proteção ocorreu quando o marido de uma interlocutora, torcedor do time rival, foi deixá-la no portão onde ela iria entrar para encontrar as amigas na arquibancada. Eles preferiram que ele a levasse até o portão, atravessando a torcida adversária com a camisa do rival, do que ela ir sozinha dentro da sua própria torcida. Os dois exemplos vivenciados mostram como há uma ideia, ainda que não seja explícita, de que o estádio não é um lugar para as mulheres.

Essa afirmação é reforçada na própria estrutura do Mangueirão. Há apenas um banheiro feminino de cada lado do estádio e com péssima estrutura. Em um episódio antes de eu ir para a arquibancada, fui ao banheiro feminino próximo ao portão A1 e ao tentar ligar a

luz ela não acendeu. Uma torcedora que estava lá me disse “ah, nem tenta. Essa luz não presta mesmo. Tem um tempão já”. A situação me levou a pensar na segurança das mulheres no estádio, em um banheiro totalmente escuro e que pode, expô-las a situações de risco.

As condições do banheiro do Mangueirão também foram assuntos recorrentes nas conversas com as interlocutoras. A falta de estrutura adequada, as filas, a ausência de conforto e de higiene e o descaso com o público feminino foram apontadas pelas entrevistadas como situações negativas e que atrapalham a presença feminina no estádio.

Tinha que ter um banheiro pensado pro público feminino e até, tipo assim, pensado pra quem vai com família, tem muita gente que vai com criança pequena e tudo [...] De repente uma coisa mais limpa também, porque o estádio é uma coisa assim que...eu hoje vou de sandália geralmente, e aí tu chega em casa, tu tens que lavar teu pé com álcool porque tu passou por algo de tudo quanto é tipo, pisou em urina de todo mundo, porque eles mijam em tudo quanto é lugar. Então é uma coisa muito suja, uma das principais coisas que eu mudaria acho que é isso, a limpeza e banheiros pensados pra conforto do público feminino. Não tem condição de você comer dentro do estádio também, porque dá o intervalo do jogo a gente nem sai, a gente leva o nosso salgadinho, a gente leva nossas coisas. (Maria, torcedora do Remo, informação verbal)

Primeiro que boa parte da segurança não respeita os torcedores. Já vi a segurança destratando torcedores sendo que eu também acho que eles não têm um preparo pra isso. Além disso, eu mudaria a estrutura, o banheiro do Mangueirão é horrível, eu já vi muita mulher indo no banheiro masculino, porque o banheiro masculino é melhor do que o banheiro feminino. (Sabrina, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Ir ao banheiro no intervalo do jogo, por exemplo, é desafiador e demorado. Para as mulheres que sentam no alto da arquibancada então, ir ao banheiro é ainda mais cansativo, pois é preciso descer bastante e depois subir tudo de novo para voltar ao lugar. Com as filas e o tumulto no único banheiro feminino do setor, a ida ao banheiro no intervalo faz com que a torcedora acabe perdendo o começo do segundo tempo do jogo.

O banheiro é péssimo, a gente prefere fazer xixi em algum lugar lá fora do que no estádio. Ou a gente tem que ir pensando "ah, não posso beber tanto agora porque vai me dar vontade de fazer xixi no meio do jogo e eu não posso sair pra usar o banheiro". Principalmente se for na hora do intervalo, nem pensar. Quando tá no período menstrual é uma coisa bem desconfortável e a gente não deixa de ir pro jogo, não tem como tu ir ao banheiro pra trocar, pra fazer qualquer higiene, não tem.. (Carla, torcedora do Remo, informação verbal)

Pude perceber como para os homens isso não é um problema, eles fazem xixi em pé mesmo na mureta do estádio, na área de circulação. Entre muitos homens, presenciei uma mulher que também decidiu fazer o mesmo, ajudada por um homem que a escondia com uma bandeira do Remo, ela fez xixi ali de cócoras. Ao chegar ao banheiro feminino, era quase impossível de entrar. Muita fila e aperto, mulheres se empurrando, algumas faziam brincadeiras com a situação e outras reclamavam do descaso com o público feminino. Uma jovem torcedora começou a falar mais alto e em tom de protesto, dizia que as mulheres deviam se unir e invadir o banheiro masculino, usava frases de ordem, como “estádio também é lugar de mulher”. Algumas mulheres aplaudiam e incentivavam o protesto, outras apenas ignoravam.

Com o aperto e tumulto para entrar no banheiro, algumas mulheres não esperavam para entrar na cabine, se abaixavam e faziam xixi ali mesmo no chão. Algumas chateadas reclamavam que não queriam pisar em xixi. Quem conseguia entrar, esperava mais um pouco para entrar na cabine, em meio a empurrões e reclamações.

A falta de estrutura e segurança para as mulheres em lugares coletivos está ligada ao fato de que por muito tempo o espaço público não era reservado a elas. Miguel e Birolli (2011) mostram como a divisão sexual do trabalho foi fundamentada no biológico, no fato de que as mulheres por suas capacidades reprodutivas foram relegadas ao espaço privado, doméstico. Enquanto ao homem cabia o papel de provedor do lar, já que este saía de casa para trabalhar e tinha acesso à vida pública. Segundo os autores, essa dicotomia entre o público e privado está na base das diversas representações do feminino e do masculino e suas desigualdades.

É essa dualidade também que ajuda a condicionar as formas da mulher estar na sociedade, passando por negociações constantes. Sair de casa, andar na rua sozinha, ou apenas estar no espaço público muitas vezes pode ser hostil e assustador para as mulheres. O mesmo ocorre com a mulher que frequenta o estádio e que acaba tendo que tomar cuidados redobrados com sua segurança.

Existem várias pessoas e a gente não sabe quem é quem. E praticamente perdi uns três, quatro celulares nisso, prestando atenção no jogo. Só que como te falei, a paixão, o amor pelo futebol e por gostar do clube, a gente vem. Mas nessa questão falta melhorar muito. (Ana, torcedora do Remo, informação verbal)³⁹

³⁹ Entrevista realizada em junho de 2019

Aqui no Mangueirão a gente tem um estacionamento escuro que quase não tem policiamento. É uma desorganização na entrada. Não importa qual jogo for, tá desorganizado na entrada. É um banheiro que tu não tem energia, que todo tempo tu tem que tá cobrando as autoridades pra eles colocarem uma energia, pra eles colocarem o mínimo de higiene lá dentro porque ele alaga; se um pai de família com a mãe quiserem levar um bebê pequeno não tem um fraldário. Então são várias coisas, fora que o estacionamento é aberto e escuro, fica propício pra assalto, fica propício pra um bocado de coisa, pra assédio principalmente. (Silvia, torcedora do Remo, informação verbal)

É claro que em um estádio de futebol muitos adotam algumas medidas de segurança, pelo histórico de brigas, pela tensão elevada e pelo imaginário ligado à violência presente neste espaço. Porém, mais do que ter cuidado com seus pertences pessoais e evitar certas situações para não se envolverem em brigas, as mulheres no espaço público estão a todo tempo protegendo seu próprio corpo, zelando por sua segurança como mulher.

Gostaria de relatar duas experiências pessoais que vivenciei em campo e me fizeram refletir sobre como a realidade das mulheres nos espaços públicos está condicionada a diversos fatores. Em um RexPa em que cheguei bem cedo no Mangueirão - o jogo só ia começar às 16h mas não tinha trânsito e acabei chegando às 14h -, logo ao chegar ao estádio começou a cair a chuva, clássica desse horário em Belém. O que por um lado foi bom, pois do estacionamento onde fiquei no carro até a chuva passar, pude observar a chegada de vários torcedores e torcedoras. Alguns, mais prevenidos, chegavam de guarda-chuva. Muitos esperavam a chuva passar dentro do carro. Mas aqueles que chegavam de ônibus não tinham outra alternativa, entravam direto no estádio procurando algum lugar para se abrigar.

Os homens, assim que chegavam ao lugar coberto, que estava bem na minha frente, tiravam tranquilamente a camisa e espremiam com força para sair toda a água da chuva. Enquanto as mulheres espremiam apenas a ponta da camisa, na intenção de tirar o excesso, mas sempre com muito cuidado para não levantar muito a blusa. Alguns homens também fizeram xixi no muro, logo que chegavam na parte coberta.

Quando subi a rampa, a chuva ainda não tinha passado totalmente e por estar de camisa branca - fui a todos os RexPa com camisa branca por ser uma cor neutra e tranquilamente aceita em ambos os lados - subi com os braços cruzados, na tentativa de proteger a minha blusa da chuva e assim evitar que ela ficasse transparente a ponto de mostrar meu sutiã. Ao meu lado, subiam vários rapazes sem camisa.

A outra experiência ocorreu no RexPa mais importante do ano - jogo que garantiu a classificação do Paysandu para a segunda fase da Série C do Campeonato Brasileiro e eliminou o Remo. Pela importância da partida, o jogo levou um público enorme ao Mangueirão, causando um congestionamento que ainda não havia presenciado. Nas duas horas de engarrafamento, a cena mais comum era a de torcedores descendo dos carros para fazer xixi na rua. Todos homens. Um caso específico chamou a atenção, uma van parou e quase todos os passageiros desceram para urinar. Eram uns 10 homens que procuravam lugar para se esconder e fazer a necessidade em uma área de preservação ambiental.

Aos poucos, também comecei a me encontrar naquela situação de aperto, mas por ser mulher tentava segurar a vontade de ir ao banheiro até chegar no estádio. Até porque não seria considerado natural socialmente se eu descesse e fizesse o mesmo que meus companheiros de trajeto. Onde me esconderia? E se eu fosse vista? Porém o tempo foi passando, era mais de 17h - o jogo ia começar às 18h -, quando entramos na rua Transmangueirão, que é a que culmina no estádio, com várias casas residenciais, diferente da anterior que quase não tem casas em seu trajeto. A essa altura, muitos já tinham deixado seus carros nos estacionamentos improvisados no caminho e iam se encaminhando, andando, correndo para chegar a tempo do início da partida. Em mim, a vontade de ir ao banheiro só aumentava, era a natureza se impondo de forma desesperadora. Já havia pensado em todas as soluções para dar fim ao aperto, estava pronta para fazer xixi no carro, até que avistei uma casa aberta onde uma senhora e uma menina vendiam bebida na porta. Desci e implorei por um banheiro. Dois reais para usar o banheiro da casa daquela mulher. Paguei, fiz xixi, voltei para o carro e segui para o estádio.

3.4 As interações na arquibancada

No primeiro capítulo, apresentei alguns dados da pesquisa de Andrada Bandeira e Seffner (2018) que discutiu as representações construídas sobre a presença das mulheres nos estádios. Entre elas, estava o fato de que as torcedoras são pessoas civilizadas e que sua presença no estádio influencia no comportamento dos homens e diminui o uso de palavrões e de violência. Não consegui notar essa influência direta da presença das mulheres para uma mudança dos comportamentos masculinos, mas das diversas brigas e situações de conflitos que presenciei apenas uma envolvia uma mulher - falei adiante sobre as confusões. Nas

demais situações, a mulher aparecia mais como uma apaziguadora, alguém que interveio para cessar o conflito, indo ao encontro dessa representação.

Neste momento considero importante retomar o objetivo desta pesquisa. Tenho como interesse principal analisar como as relações de gênero se manifestam nas interações constitutivas do ser torcedora do Remo ou do Paysandu e nas performances das torcidas no RexPa. Então, para além das experiências interativas nos exemplos já citados, trago alguns exemplos de como a comunicação e interação das mulheres neste espaço pode estar condicionada a uma performatividade de gênero.

Ressalto novamente que estou trabalhando com a ideia de performatividade com base na perspectiva apresentada por Judith Butler (1990; 1993). Entre tantas teóricas e pensadoras feministas, escolhi trabalhar com a perspectiva de Butler pelo diálogo que o pensamento da autora faz com o campo da comunicação. Para Butler, os sujeitos são produzidos discursivamente, logo o gênero também é discursivamente construído. Nossa forma de se comunicar e interagir socialmente é condicionada por questões de gênero, por uma performatividade que reitera práticas da vida cotidiana. A discussão sobre performatividade é apresentada inicialmente pela autora em “Problemas de Gênero” - lançado pela primeira vez em 1990. Em seu livro mais difundido, a pesquisadora norte-americana e filósofa pós-estruturalista apresenta algumas de suas principais contribuições para a reflexão sobre a relação sexo e gênero.

A partir de uma discussão sobre poder, representação e linguagem, a autora critica a universalização da categoria de mulheres e às categorias de identidade que engendram corpos e mentes. Entre as questões levantadas por ela estão o interesse em analisar como e onde heterossexualidade compulsória e falocentrismo convergem, como a linguagem produz a construção desse sistema sexo e gênero e de que forma ela é sustentada por estruturas de poder.

Ao traçar uma crítica às identidades, Butler (1990) questiona as relações de poder que engendram os corpos e os categorizam, propondo libertar a ideia de gênero da metafísica da substância⁴⁰, que informa o pensamento sobre as categorias de sexo. Essas categorias baseadas em um modelo binário e heterossexista compõem uma matriz de inteligibilidade de

⁴⁰ A autora explica que a metafísica da substância é uma expressão ligada à Nietzsche na crítica do discurso filosófico.

gênero. Por isso, de acordo com a autora, qualquer possibilidade de gênero parte de uma experiência discursivamente condicionada por discursos culturais hegemônicos.

Esses sistemas de poder produzem sujeitos que passam a representar dentro de regulamentos e limitações e do exigido por padrões culturais. As pessoas se relacionam e tratam uma às outras em função do que é performado, ou seja lidam com algo que é construído enquanto veículo de poder.

Nesse sentido, o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Consequentemente, o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância — isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. (1990, p.48)

Em uma perspectiva pós-estruturalista baseada em Jacques Derrida, a autora defende que não há essencialidades nas identidades, elas são construídas socialmente. Inclusive as de gênero, que são performativamente produzidas, a partir da repetição de ações, gerando padrões e nos fazendo acreditar que certos comportamentos são naturais de um sexo x ou y, quando na verdade são produzidos e impostos por práticas reguladoras. Segundo Butler, “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados”. (1990, o.48).

E essa performatividade é construída com base em uma matriz de inteligibilidade entre sexo, gênero e desejo que obedece a estruturas de poder e discursos hegemônicos como o binarismo (homem/mulher; feminino/masculino) e a heterossexualidade compulsória.

O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem *status* ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. Isso também sugere que, se a realidade é fabricada como uma essência interna, essa própria inferioridade é efeito e função de um discurso decididamente social e público, da regulação pública da fantasia pela política de superfície do corpo, do controle da fronteira do gênero que diferencia interno de externo e, assim, institui a “integridade” do sujeito. Em outras palavras, os atos e gestos, os desejos articulados postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora. (1990, p.194-195)

Assim a forma como nos expressamos, como construímos performances e representamos a nós mesmos está condicionada a essas normas, a um padrão de comportamento que nos foi ensinado culturalmente e que é instituído e reforçado no mundo

da vida, no convívio social. Essas normas estão na base das nossas relações e interações que, por sua vez, carregam marcas e questões de poder.

Desde a minha primeira inserção no campo como pesquisadora, me saltou aos olhos como as interações se construíam neste espaço. No início, ainda não era esse um dos meus focos de análise, mas como o campo sempre nos apresenta novas situações que acabam assumindo protagonismo, essa passou a ser uma questão que me acompanhou em todas as outras experiências. Surgiu pela primeira vez quando eu estava sentada na arquibancada na frente de casais heterossexuais e pude observar como os rapazes procuravam outros homens para comentar sobre a partida, dispensando as mulheres como interlocutoras quando o assunto era o jogo.

Após algum lance importante, um erro do time, ou algo que instigasse o diálogo entre a torcida, os rapazes se dirigiam a outros homens, ora desconhecidos, ora do grupo que faziam parte para fazer algum comentário, falar sobre o que estava ocorrendo. As moças que os acompanhavam ou que estavam próximas não eram procuradas para esse tipo de diálogo. O mesmo ocorria com homens que não estavam acompanhados por mulheres, eram outros homens que eles procuravam para falar sobre o jogo. Aquelas mulheres acabavam torcendo mais sozinhas, batendo palmas, por meio da expressão corporal, mas sem trocar muitas ideias sobre o jogo com o companheiro ou com alguém próximo, em silêncio. A situação se repetiu em várias outras oportunidades durante o trabalho de campo.

A antropóloga brasileira Mariza Peirano (2014) ao refletir sobre o que é a etnografia⁴¹, afirma que tudo aquilo que nos surpreende e intriga, tudo que estranhemos nos leva a refletir e fazer conexões com outras situações e até teorias. A autora nos incita a ultrapassar o senso comum sobre o uso da linguagem. Não são as palavras o único meio de uma comunicação. É preciso olhar e analisar também outros sentidos e traduzir na escrita todos esses elementos que formam a ação vivida, entre eles o silêncio.

[...] palavras fazem coisas, trazem consequências, realizam tarefas, comunicam e produzem resultados. E palavras não são o único meio de comunicação: silêncios comunicam. Da mesma maneira, os outros sentidos (olfato, visão, espaço, tato) têm implicações que é necessário avaliar e analisar. Dito de outra forma, é preciso colocar

⁴¹ De acordo com a autora, a pesquisa em campo não tem hora para começar e acabar, o olhar etnográfico atravessa a vida do pesquisador em diversos momentos, pois ele está treinado para estranhar. Peirano (2014) defende que o refinamento da antropologia se dá a partir de novas experiências de campo, por isso todo antropólogo ajuda a repensar e reinventar a antropologia. Dessa forma, para a autora, “toda etnografia é também teoria” (p. 383)

no texto – em palavras sequenciais, em frases que se seguem umas às outras, em parágrafos e capítulos – o que foi ação vivida. (p. 386)

O silenciamento que observei em muitas mulheres da arquibancada, e que entendo que é também uma forma de comunicar algo, me fez refletir por que em um espaço de hegemonia masculina, as possibilidades comunicativas das mulheres podem ser reduzidas ao silêncio?

Encontro embasamento para pensar a respeito em “Os homens explicam tudo pra mim” de Rebeca Solnit, obra que deu origem ao termo “*mansplaining*”⁴². A historiadora e escritora parte da ideia de que os homens se utilizam de legitimidade que lhes foi atribuída em uma sociedade patriarcal para silenciar as mulheres. Não que mulheres nunca falem sobre o que não sabem ou sobre assuntos irrelevantes, mas são os homens com uma autoconfiança que lhes for conferida os que costumam falar sobre qualquer assunto com superioridade, mesmo quando eles não o dominam.

São as ideias preconcebidas que tantas vezes dificultam as coisas para qualquer mulher em qualquer área; que impedem as mulheres de falar, e de serem ouvidas quando ousam falar; que esmagam as mulheres jovens e as reduzem ao silêncio, indicando, tal como ocorre com o assédio nas ruas, que esse mundo não pertence a elas. É algo que nos deixa bem treinadas em duvidar de nós mesmas e a limitar nossas próprias possibilidades – assim como treina os homens a ter essa atitude de autoconfiança total sem nenhuma base na realidade. (SOLNIT, 2017, p. 10)

A primeira vez que uma mulher na arquibancada puxou assunto comigo e dirigiu a palavra para mim foi quando estive no setor da arquibancada que fica atrás do gol, na torcida do Remo. Trocamos ideia e comentamos sobre o jogo em vários momentos. Como falei anteriormente, há bastante interação entre as pessoas que sentam neste setor e a conversa iniciou porque nesse dia havia um consenso no discurso da torcida: a ideia de que o árbitro estaria roubando o time remista porque ele era torcedor do Paysandu. A torcedora ao meu lado puxou assunto, comentando preocupada que o juiz era claramente bicolor e que era um absurdo deixarem ele apitar aquele jogo. Reforçou que quem havia dito isso pra ela foi o rapaz que a acompanhava. Como torcedora, eu já conhecia a fama do árbitro e perguntei pra ela: “É o Dewson, né?! Já ouvi falar isso mesmo”. Ela se voltou para o rapaz que estava com ela para perguntar se era aquele o nome dele, como se procurasse uma legitimação da

⁴² O termo *mansplaining* não foi criado por Rebeca Solnit, mas foi o seu livro a inspiração para que ele surgisse. *Mansplaining* é a junção das palavras *man* (homem) e *explain* (explicar). Popularizado após ser eleito a “palavra do ano” pelo *New York Times*, o termo passou a integrar o Dicionário de *Oxford* em 2014.

informação. Mas o rapaz disse que o nome dele era outro, algo como Celso, informação que ela me repassou: “Não, ele disse que o nome dele é Celso”. Eu sabia que não era, mas também não discordei e não quis criar caso. Ao longo do jogo, quando os comentários sobre o árbitro já eram uníssonos naquele espaço e o rapaz já devia ter ouvido o nome do juiz, comentou com ela, que virou pra mim e disse “é Dewson mesmo”.

Outra observação de campo e que também é muito representativa para essa discussão foi que em alguns momentos, presenciei mulheres acompanhadas por homens tirando dúvidas com seus companheiros sobre algo no jogo, como o nome de algum jogador, ou tentando entender o que tinha acabado de ocorrer em um lance mais confuso. A atitude me fez pensar como dificilmente vejo homens fazendo a mesma coisa. Muitas vezes, o torcedor pode até não saber ou ter dúvidas sobre algo do jogo ou do time, mas é absolutamente incomum vê-lo perguntando para outra pessoa a respeito, como se fosse mais difícil demonstrar que não sabe algo.

O patriarcado coloca a mulher e sua palavra em constante questionamento de sua credibilidade, sendo que, como assinala Solnit (2017), a credibilidade é uma ferramenta de sobrevivência para a mulher. Desde os níveis mais elementares, como em um evento onde se conversa sobre um assunto banal, até os mais extremos e que custa, quando uma mulher é questionada se realmente sofreu a violência que diz ter sofrido, é a credibilidade atribuída que permite que a mulher fale e que os outros ouçam. A postura de um homem que explica tudo e que detém a verdade absoluta é o que Solnit considera um “convite ao silêncio”.

Em determinado momento da experiência em campo, percebi que havia ali também, por parte dos homens, mais do que uma tentativa de estabelecer diálogo com o companheiro de arquibancada. Digo isto, porque entendo que o diálogo é uma via de mão dupla, há um falar interessado em um ouvir. O que havia era um desejo de expressar opiniões, de mostrar conhecimento sobre os jogadores, de expressar o descontentamento e não um interesse na troca, no que o outro falaria de volta. O falar, ali, o interagir era apenas a expressão máxima de alguma angústia, ou descontentamento com o jogo.

Descontentamentos que mais do que sentidos, também são performados, representados e demonstrados com uma carga de teatralidade e dramatização. A maior parte dos homens ali perto assistiam ao jogo falando alto, como se fossem técnicos, dizendo aos jogadores o que devem fazer. Ressalto que também presenciei mulheres agindo da mesma forma, não são só os homens, mas estas são minoria. E é exatamente por ser um padrão de

comportamento já esperado ali naquele ambiente, que me surpreendeu quando vi que algumas dessas torcedoras serem olhadas de forma estranha ou sofrerem represálias, sendo que os homens raramente são questionados.

Ocorreu com uma senhora de mais idade na torcida do Paysandu, que passou quase todo o jogo falando diretamente com o campo, xingando os jogadores e expressando sua torcida e opinião sobre o jogo por meio de gritos. Sua postura gerou gargalhadas na torcida. Em outro momento, aconteceu com um grupo formado por dois homens e uma mulher atrás de mim, quando a mulher empolgada começou a reclamar dos jogadores e xingá-los em voz alta. Um comportamento comum naquele contexto do estádio, mas que foi repreendido por um dos homens que a acompanhava. Em tom de brincadeira e rindo dela, ele mandou ela se acalmar, sem graça ela respondeu se justificando que o time a deixava nervosa.

A situação revela como não é esperado das mulheres a mesma postura dos homens, ainda que ambos estejam em um ambiente em que o padrão comportamental é pré-determinado. Pois esse comportamento para além de ser construído a partir do contexto, do ambiente e das dinâmicas interativas possíveis ali, ele sofre a influência das normas, das regulações, e no caso do debate sobre gênero, das performatividades.

3.5 A construção do(a) sujeito(a) torcedor(a): da performatividade às performances

Quando Judith Butler discutiu sobre performatividade em “Problemas de Gênero” houve bastante confusão sobre o termo. Alguns entenderam que a autora estivesse falando de performances, ou seja, como se o gênero fosse uma roupa que pudesse ser trocada a qualquer hora, a partir de uma lógica da teatralidade e da interpretação. Quando, na verdade, o que a autora estava falando era o contrário, era que a performatividade é a reiteração de um conjunto de normas, que limita e condiciona o sexo.

Entretanto, se os atributos de gênero não são expressivos mas performativos, então constituem efetivamente a identidade que pretensamente expressariam ou revelariam. A distinção entre expressão e performatividade é crucial. Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da

estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória. (1990, p.201)

Essa diferenciação ficou mais clara em “Bodies that matter” (Corpos que pesam), lançado em 1993, três anos após “Problemas de gênero”. Neste livro, Butler trouxe mais esclarecimentos sobre o conceito e definiu: “a performatividade deve ser compreendida não como um "ato" singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia.” (BUTLER, 1993, p. 111)

Uma explicação que considero satisfatória para compreender a diferença de performance e performatividade em Butler é a leitura feita por Borba (2013, p. 450):

Performatividade não é performance; a performatividade é o que possibilita, potencializa e limita a performance (Sullivan, 2003; Cameron & Kulick, 2003; Pennycook, 2007). Entender gênero, sexo, sexualidade, raça, desejo como performativos não é meramente afirmar que eles são uma performance (num sentido estritamente teatral), mas sim que eles são produzidos na/pela/durante a performance sem uma essência que lhes serve de motivação.

Para poder diferenciar a performance da performatividade e analisar como elas aparecem e constroem a torcida paraense, é necessário aprofundar a discussão sobre performance, o que faço a partir dos estudos de Richard Schechner, pesquisador norte-americano que é referência na área. Considerando a performance como um objeto de análise, Schechner defende a ideia de que toda e qualquer atividade humana pode ser estudada enquanto performance, deslocando o termo do campo das artes, do rendimento esportivo, do teatro, para pensar também na vida cotidiana. Segundo o autor, uma performance acontece “enquanto ação, interação e relação” (2006, p. 4). e toda e qualquer ação humana é feita de comportamentos restaurados, duplamente vivenciados, pois já foram vivenciados antes por alguém e até por nós mesmos.

É a noção de comportamento restaurado uma das mais importantes ideias formuladas por Schechner. Segundo o autor, nossos comportamentos são duplamente experienciados, são ações, gestos, posturas para as quais os sujeitos treinam e ensaiam (2006). Em entrevista para o antropólogo John C. Dawsey (2018), Schechner explica que prefere a ideia de comportamento do que atos, ações, porque o comportamento precede a ação. Segundo o autor, o comportamento é passível de observação e passará por processo de significação por meio da interpretação. Enquanto a ação já é a interpretação, é o comportamento com

significado. “O significado é a verdadeira interpretação de si e interpretação dos outros. O significado não é inerente ao comportamento. O significado é feito a partir do comportamento” (p. 413).

Já a ideia de “restauração” vem desses comportamentos que já foram vivenciados antes por alguém e que não dá pra saber como surgiram, se foram inventados ou descobertos, tendo suas origens muitas vezes explicadas pela tradição ou mito. O que Schechner faz questão de destacar sobre essa ideia de restauração e da imitação de comportamentos anteriores é que mesmo não havendo comportamento puro, nenhuma performance é igual a outra. Ainda que elas sejam feitas de porções de comportamentos restaurados, muda o contexto, a linguagem corporal, a ocasião, o indivíduo e o próprio comportamento, pois a performance também depende da interatividade e esta é sempre fluxo.

Essa percepção dialoga com a ideia trazida no início desta pesquisa do código zero da comunicação, a partir de José Braga (2015). Pois Braga ressalta que todo código é produto de uma imitação que passou pelo processo de compartilhamento e repetição até ser internalizado como um padrão. Assim como em Braga (2015), para Schechner não há comportamento puro e nem pura imitação, é tudo fluxo.

O comportamento restaurado está “lá fora”, a parte do “eu”. Colocando em palavras próprias, o comportamento restaurado “sou eu me comportando como se fosse outra pessoa”, ou “como me foi dito para fazer”, ou “como aprendi”. Mesmo se me sentisse completamente como sou, atuando independentemente, apenas um pouco de investigação revelaria que as unidades de comportamento que contém meu “eu” não foram por “mim” inventadas. Ou, bastante ao contrário, posso experimentar ser “além do que sou”, “não eu mesmo”, ou “dominado” em transe.” (2006, p. 8)

Para explicar como as performances são construídas, Schechner utiliza a metáfora do leque e da rede. Dentro da ideia de performance, cabe um leque de possibilidades, “é um termo inclusivo”, como define o autor. Entre elas, estão as performances da vida cotidiana. São as celebrações, as demonstrações de emoções, as atividades da vida pública, cenas familiares, papéis profissionais, entre outras. Mas, ao contrário do que se pode achar, as diversas possibilidades de performances não são separadas e isoladas das outras. Elas formam uma rede de significados, de influências. Um espetáculo de dança, por exemplo, pode trazer referências de uma cerimônia religiosa. Assim como nossas expressões cotidianas podem ser influenciadas pelas manifestações artísticas, como o teatro. Uma performance não surge do

nada, são comportamentos restaurados recuperados e transmissíveis. “Mesmo quando pensamos que estamos sendo espontâneos e originais, a maior parte do que fazemos e falamos já foi feita e dita antes - ‘até mesmo por nós’” (2012, p. 49)

Nos jogos, algumas performances e rituais se repetem, já fazem parte do repertório de comportamentos das arquibancadas, são coletivas. Além das que já narrei no início deste capítulo, há outras que gostaria de destacar. Se a torcida do time adversário está cantando alto a ponto de ser ouvida pela rival, recebe vaias em uma tentativa de não deixar que ela cante. Quando um jogador desarma uma jogada adversária, rouba a bola, ou evita um gol, a arquibancada bate palmas. Quando o time faz uma jogada boa ou uma finalização - tentativa de gol- funciona como um impulso para a torcida voltar a cantar com mais força e vontade, geralmente cantando o nome do time. Do lado azulino “Remo, Remo, Remo”, do lado do Paysandu “É bicolor, é bicolor, olê, olê, olê”.

Em caso do time não estar correspondendo, um passe errado faz os torcedores se virarem para os que estão ao seu lado, como quem busca cumplicidade na agonia. Um deslize mais grave, como um gol perdido faz os torcedores levarem as mãos à cabeça e ao rosto em sinal de preocupação, desespero. Alguns mais enérgicos batem com força nos assentos da arquibancada, em uma postura de quem tenta descontar a raiva.

É gol! os torcedores voltam seus corpos para quem está na arquibancada aos gritos e expressões de sorriso, com os punhos cerrados na altura do peito. Em seguida, abraçam quem está do lado, seja conhecido ou não, rompendo-se por alguns segundos barreiras de gênero e classe, alguns rapazes chegam a pular em cima de outros. Pais e mães que estão com crianças pegam os filhos no colo e comemoram com eles. Quando as crianças são pequenas demais para criar suas próprias reações, o adulto segura e levanta balançando o braço delas, como quem ensina o modo de comemorar um gol, de torcer. A torcida que vê seu time levar gol fica em silêncio, para de cantar e tocar, para de se mexer por alguns segundos, como quem está incrédulo. Os olhos ficam perdidos, olhando para frente mas como se olhassem para lugar algum. A falta de reação dura por um tempo até a torcida se recompor e voltar a cantar mais timidamente do que antes, até recuperar a força.

Schechner reflete sobre como as performances também exigem preparação, mesmo as da vida cotidiana envolvem “anos de treino e de prática, de aprender determinadas porções de comportamentos culturais, de ajustar e atuar os papéis da vida de alguém em relação às circunstâncias sociais e pessoais.” (2006, p. 2-3).

Entre as organizadas, uma das performances que me chama a atenção são as danças que os torcedores fazem com os ombros, os levando para frente e para trás ao mesmo tempo em que pulam e cantam. Essa espécie de coreografia é mais comum entre os homens, mas também pude presenciar em vários momentos algumas mulheres fazendo. No campo em que sentei no meio de uma torcida organizada, a Pavilhão 6 do Remo, e todos ao meu redor começaram a torcer assim, me senti impulsionada a fazê-lo também, mas não tive muito sucesso. Faltou-me coordenação motora para mexer os ombros e pular ao mesmo tempo. Depois percebi que o que me faltava era justamente a prática de que Schechner fala, era a primeira vez que eu estava tentando fazer aquilo.

Para exemplificar a importância da preparação para as performances, Schechner traz o exemplo do teatro (2012), que utilizarei como uma chave de entendimento do que acontece também no estádio de futebol. O autor diz que os atores se preparam para um espetáculo por meio de ensaios, cursos, assim como os jogadores treinam para o jogo, ensaiam jogadas, precisam se preparar fisicamente e psicologicamente. Já os espectadores do teatro se preparam para a performance “decidindo assistir, vestindo, indo, acomodando-se, esperando” (p. 19). Os torcedores, no caso, além dessa preparação prévia como espectadores - escolhendo a roupa que vão usar, o horário que vão sair de casa, separando o ingresso, chegando ao estádio -, também se preparam para serem parte do espetáculo, para produzirem suas próprias performances na arquibancada. Pois não há dúvida de que a participação da torcida influencia e modifica a experiência do jogo. Podemos exemplificar com situações comuns no futebol, como uma partida com portões fechados, geralmente como punição a um clube. a ausência dos torcedores denota outro clima ao jogo. Ou a partida disputada “em casa”, sendo o estádio do clube ou da cidade, em que a presença da torcida é entendida como uma vantagem ao time.

Schechner ao traçar um paralelo sobre performance e ritual diz que as performances consistem na ritualização de sons - acrescentaria que do silêncio também - e gestos. Não há um dia sequer em que não executemos rituais, segundo o autor.

Rituais são uma forma de as pessoas lembrarem. Rituais são as memórias em ação, codificadas em ações. Rituais também ajudam pessoas (e animais) a lidar com transições difíceis, relações ambivalentes, hierarquias e desejos que excedem ou violam as normas da vida diária. O jogo dá às pessoas a chance de experimentarem temporariamente o tabu, o excessivo, o arriscado. (p. 49 e 50)

O autor divide os rituais entre sagrados e seculares, sendo os primeiros ligados à religião, à espiritualidade, enquanto os segundos são aqueles associados a cerimônias de estado, vida diária, esportes e outras atividades que não têm caráter religioso. Apesar de estabelecer a divisão, o autor afirma que essa divisão não é genuinamente pura. Esses rituais muitas vezes se mesclam e se confundem. O ritual do torcer, por exemplo, pode ser enquadrado nos rituais seculares, o que não significa que às vezes não traga elementos religiosos, como nos gestos de se benzer, fazer uma oração antes do jogo começar. Ou o de agradecer com as mãos para o alto, como em uma oração, quando o time faz o gol.

O apelo a orações, crenças, seres divinos foi algo recorrente nas entrevistas com as interlocutoras desta pesquisa, quando perguntadas se possuíam algum ritual na hora de torcer.

Eu me benzo. Me benzo, peço a Deus que ilumine, que dê forças, que a gente faça uma boa partida. Eu faço uma oração forte e vou. [...] Até quando eu tô em casa, quando eu tô em casa às vezes eu não assisto pela TV, eu fico num radinho e faço minha oração, peço a Deus antes da partida que dê tudo certo e siga. (Renata, torcedora do Paysandu, em entrevista para esta pesquisa, informação verbal)⁴³

A minha oração toda vez quando eu tô saindo de casa, quando o time tá entrando em campo também e principalmente quando a gente chega, né, quando a gente chega com vida. Porque aqui também não é fácil não, principalmente em clássico. (Silvia, torcedora do Remo, em entrevista para esta pesquisa, informação verbal)

Sempre quando eu subo a arquibancada e os jogadores já tão lá, já vai começar, aí eu sempre falo "seja o que Deus quiser e que Deus queira que meu time ganhe. (Ana, torcedora do Remo, em entrevista para esta pesquisa, informação verbal)

Nas arquibancadas paraenses, por sinal, não são raras as vezes em que alguém suplica por Nossa Senhora de Nazaré⁴⁴ em um momento de tensão do jogo. E as orações como ritual também costumam aparecer em momentos críticos e difíceis do jogo:

No jogo do acesso, eu tinha uma promessa pra nossa senhora de Nazaré, se o Remo subisse eu ia rezar 33 terços. Por que 33? Porque é o número do tabu, então assim, é o maior tabu do mundo. Então é um número muito expressivo pro Remo. Eu prometi que eu ia rezar 33 terços em intenção a graça alcançada. E eu lembro que no segundo tempo eu comecei a pagar a promessa porque o Remo já tinha feito o

⁴³ Entrevista realizada em junho de 2019.

⁴⁴Nossa Senhora de Nazaré é a santa padroeira dos paraenses e mobiliza uma multidão de devotos. Suplicar pela santa é comum na linguagem paraense, em expressões como “Virgem Maria” “Minha nossa senhora” “Nazica”, entre outras que se referem à santa.

terceiro gol e eu disse: "eu acho que agora vai", então eu comecei a pagar a promessa lá. O primeiro terço que eu rezei foi dentro do estádio. E acabei de rezar o terço praticamente no apito final. (Maria, torcedora do Remo, informação verbal)

[...] Faço minha oração antes do Paysandu entrar, na hora do hino eu também faço a minha oração, principalmente dia de clássico [...] No dia de um RexPa eu já acordo orando, eu já acordo fazendo tudo quanto é reza lá em casa...E é isso. Ano passado foi um ano meio difícil com negócio de acréscimo e pênalti, foi o ano que eu mais orei na minha vida em dia de jogo. (Sabrina, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Além das orações, outros rituais citados pelas interlocutoras dizem respeito a companhias para ir ao estádio, escolha de lugares específicos na arquibancada e, o mais comum, roupas e acessórios considerados “da sorte” para assistir os jogos, item que explorarei melhor no terceiro capítulo.

Em relação às performances, Schechner (2006) separa as performances entre as que “fazem de conta” e as que “fazem acreditar”, sendo as primeiras aquelas em que se conseguem distinguir claramente o que é real e o que é fingido, como uma criança que brinca fingindo ser um médico e interpreta aquele papel. Enquanto as performances da vida cotidiana fazem acreditar. Elas mesmas “criam as realidades sociais que encenam” (2006, p. 16).

Ambas as performances podem ser encontradas no estádio, afinal o que seriam as animadoras de torcida se não houvesse uma dramatização, um jogo teatral e um faz de conta? Mas é no fazer acreditar que consigo estabelecer paralelos entre a obra de Butler e Schechner, pois compreendo que as performances que fazem acreditar estabelecem padrões, normas, performatividade que, por sua vez, regulará as performances, em um movimento cíclico.

Butler (1993) reflete sobre como a performatividade, na medida em que adquire o status de comportamento, de performance, oculta e dissimula que ela é uma repetição, ganhando uma certa inevitabilidade, pois assim como as performances é impossível revelar sua origem exata. Em Problemas de gênero (1990), a autora diz que a ação do gênero requer uma performance repetida, ideia que se aproxima muito da noção de comportamento restaurado de Schechner:

[...] Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. Embora existam corpos individuais que encenam essas significações estilizando-se em formas do gênero, essa “ação” é uma ação pública.

Essas ações têm dimensões temporais e coletivas, e seu caráter público não deixa de ter conseqüências; na verdade, a performance é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária — um objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, devendo, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito. [...]

O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero. Essa formulação tira a concepção do gênero do solo de um modelo substancial da identidade, deslocando-a para um outro que requer concebê-lo como uma temporalidade social constituída. Significativamente, se o gênero é instituído mediante atos internamente descontínuos, então a aparência de substância é precisamente isso, uma identidade construída, uma realização performativa em que a platéia social mundana, incluindo os próprios atores, passa a acreditar, exercendo-a sob a forma de uma crença. (BUTLER, 1990, p. 200)

É como Schechner (2006, p. 8) caracteriza o comportamento restaurado. Ele está “lá fora, a parte do eu”, como se fosse eu me comportando “como me foi dito pra fazer, ou como aprendi”. Schechner defende a ideia de que a vida diária e a construção da identidade pode até parecer que é formada por relativa flexibilidade, fluidez, mas isso que não quer dizer que ela não obedeça a limites:

Até mesmo a mais aparente casual interação social é guiada por regras, e específica da sociedade. Polidez, maneiras, linguagem corporal, e todas as operações semelhantes de acordo com os cenários conhecidos. As especificidades das regras diferem de sociedade para sociedade, de circunstância para circunstância. Mas não existe interação social humana que não seja “lícita”, guiada por regras. (p.25)

No caso das performances de gênero, essas regras e limites são ditadas pela performatividade. Um fenômeno de campo que podemos analisar sob essa ótica, onde é possível visualizar bem essa diferença é a presença e atuação das animadoras de torcida. Como descrevi no início deste capítulo, tanto o Clube do Remo quanto o Paysandu contam com o apoio de *cheerleaders*, as Leoas Azulas e as Bicolindas, respectivamente. As danças que fazem, as coreografias utilizando pompons, a forma como movimentam o corpo durante o jogo, como dançam para a arquibancada pedindo a animação da torcida, tudo isso são performances. São comportamentos restaurados, tradicionais das *cheerleaders* e que naquele espaço representam o incentivo para que aqueles que estão na arquibancada não parem de cantar e torcer.

Agora vamos imaginar que, ao invés de moças, estivessem naquele papel rapazes, torcedores vestidos com roupas semelhantes e fazendo a mesma coreografia. É muito provável que não seriam bem aceitos socialmente, seriam vaiados, sofreriam retaliações da torcida, xingamentos, talvez até fossem expulsos de campo. É difícil conceber a ideia justamente por causa da performatividade, porque há uma definição cultural de papéis e de comportamentos considerados femininos e masculinos. É esse regime que regulamenta as performances e que faz com que a mulher esteja passível de ser considerada um indivíduo belo e disponível para ser contemplado e entreter.

Ainda que estejam no papel de animadoras de torcida, essas mulheres, naquele espaço, são antes de tudo torcedoras. É interessante observar como no ápice do jogo, o gol, elas retomam esse papel inicial. A coreografia, o faz de conta é deixado de lado e elas ficam livres para serem apenas torcedoras, assumindo comportamento semelhantes ao de quem está na arquibancada, como no relato de Sabrina, animadora de torcida do Paysandu:

No último RexPa que foi a semifinal da Copa Verde eu quase morro, porque já estava ali nos 45 e o Remo fez gol. O vestiário das meninas fica praticamente na divisão do lado B, do lado A, então onde a gente fica, fica o pessoal do Remo tudinho, e eu ali o tempo todo andando pro lado, andando pro outro. Eu fui de salto nesse dia, foi um plataforma mas era salto e tava chovendo, eu fui de salto, calça, tudinho e fiquei lá. Aí quando eu vi o gol do Remo, eu parei, e o pessoal do Remo comemorando e eu nervosa. Égua, no meu coração assim, eu pensei "eu vou morrer aqui e eu não posso". Normalmente eu vou pra ambulância em dia de clássico, eu passo muito mal. Eu não consigo me controlar e quando eu vi o gol do Nicholas, eu saí correndo, sabe o que é correndo? Pra mim, eu me descontroliei ali, as meninas comemorando, eu saí correndo, chovendo, égua, se eu caio ali, meu Deus. Eu ia ficar no chão, levantar e ir lá com as meninas de novo. (informação verbal)

Para as que estão comemorando, as performances são pulos, abraços, gritos e sorrisos durante alguns segundos, até retornarem ao papel de *cheerleaders* e se virarem para a arquibancada para comemorar com toda a torcida. Para as que viram o time de coração levar gol, o corpo sai da postura de dança, os ombros relaxam e ficam um tempo paralisadas como quem acaba de receber uma notícia impactante. Não demora muito e logo voltam a se dirigir para a torcida, sem a mesma animação que antes, mas incentivando a arquibancada a não parar de torcer.

A imposição social de como homens e mulheres devem se comportar, agir, se torna ainda mais evidente quando observamos esses comportamentos em grupos formados por

indivíduos de ambos os gêneros. Logo em minha primeira experiência de campo, um grupo me chamou a atenção. Uniformizados com a camisa de uma torcida organizada, meninos e meninas se movimentavam dançando ao som da bateria na arquibancada. A música era a mesma, mas as performances diferiam de acordo com o sexo. Enquanto os rapazes cantavam e dançavam com as mãos pra cima, ora com os punhos fechados como quem dava socos no ar, ora com os dedos apontados para cima em formato de arma; as meninas reboavam e dançavam de forma sensual, em movimentos semelhantes a passos de funk.

Em outra oportunidade, e em outra torcida organizada, pude observar as coreografias dos rapazes que comemoravam o resultado positivo do time. Os torcedores se seguravam nos trapos com as cores do clube, indo de um lado ao outro e empurrando uns aos outros. As mulheres não participavam dessa brincadeira, comemoravam dançando, pulando e cantando com as mãos para cima.

Outro autor que considero importante para discutir sobre as performances e representações é Erving Goffman (2009) a partir de sua obra “A representação do eu na vida cotidiana”, que também teve grande influência no pensamento de Schechner. Goffman é quem primeiro se utiliza da metáfora do teatro para pensar as interações face a face, defendendo que os sujeitos sociais estão sempre interpretando papéis, que podem mudar de acordo com o contexto e situação. Dessa forma, a expressividade individual envolve duas atividades significativas: a expressão que ele transmite e a que ele emite.

Para Goffman (2009), a representação - ou performance - é “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência”. De acordo com o autor, há uma intencionalidade nem sempre consciente de representação de si e os elementos que formam essa representação vão além dos símbolos verbais, se utilizando também de aspectos corporais e situacionais. Um dos principais conceitos trazidos por Goffman é o de “fachada” que funciona como um recurso expressivo padronizado e empregado pelo indivíduo em uma interação. Dessa forma, o autor afirma que a “fachada” é formada por três partes padronizadas: o cenário, a aparência e a maneira. Sendo a aparência aquilo que nos revela sobre o autor, e a maneira, o que nos informa sobre o papel de interação que o indivíduo espera desempenhar naquele contexto, ambas ligadas a uma “fachada pessoal”, como define Goffman (2009).

O estádio de futebol pode ser analisado sob essas três percepções. O cenário é a torcida, que dependendo de que lado e parte em que se está na arquibancada, pode ter variações, mas que conta com bandeiras, faixas, entre outros elementos que servem para identificar quem são os sujeitos que estão ali. A aparência está presente inicialmente, mas não só, na vestimenta, que entre homens e mulheres há uma quase unanimidade: a camisa que representa o time, sendo ela oficial ou não do clube. Há também a camisa das torcidas uniformizadas que, por sua vez, carregam um significado duplo. Primeiro, o de ser torcedor de um dos times, o que geralmente está visível nas cores ou no nome da torcida que leva o nome do clube, ou de termos ligados a ele. E o segundo, o de pertencer àquela organizada específica.

Para acompanhar a camisa, a vestimenta mais comum são shorts e calças - algumas mulheres vestem vestidos do clube, mas é menos comum. Há mulheres que também utilizam alguns acessórios e adereços, como maquiagem com sombra da cor do time e brincos com as cores ou escudo do clube, além de gorro de pelúcia, com o animal que representa o mascote do time, Lobo ou Leão. Entre os homens, o acessório mais frequente são os bonés, principalmente os que têm as cores ou escudo do time. Na torcida azulina, também pude observar o uso de chapéus de palha, símbolo do Arrastão do Pavulagem⁴⁵, manifestação cultural típica de Belém. O chapéu que na manifestação popular é colorido, ganha personalização com fitas azul marinho, a cor do Remo.

Entre as meninas mais novas, adolescentes, não é difícil encontrar o visual “barriga de fora”, conseguido com a camisa amarrada, dobrada ou em modelos de camisa mais curtos. Já entre os homens, ficar sem camisa é muito comum. Alguns tiram na hora de comemorar o gol, mas vários já chegam no estádio com elas fora do corpo, penduradas nos ombros.

Já as maneiras, terceira característica da fachada segundo Goffman, estão ligadas ao comportamento e informam sobre os papéis que os indivíduos desempenham em cada situação. Nos exemplos acima citados, o principal papel é o de torcedor, que se manifesta pelas performances. Não basta estar naquele cenário do estádio de futebol, para se sentir torcedor de verdade é preciso entrar no papel, vestir a camisa e interpretar as performances do torcer.

⁴⁵ O Arrastão do Pavulagem é o cortejo em homenagem ao Boi Pavulagem, boi da capital paraense ligado ao Instituto Arraial do Pavulagem. No cortejo, os brincantes utilizam chapéus de palha com fitas na ponta. Oficialmente, as fitas são coloridas, mas os brincantes fazem adaptações como o uso das cores dos times.

Em Goffman, a ideia de performance está ligada ao conceito de máscara, papel social que pressupõe uma continuidade, uma duração. Em um estádio, as performances do torcer estão condicionadas a um tempo e espaço, possuem caráter eventual, ali são acionadas máscaras e comportamentos que só são possíveis naquele ambiente interativo. Porém o papel social de torcedor é algo que transcende aquele espaço. Trago como exemplo a fala de uma das interlocutoras desta pesquisa, quando perguntada o que significava ser torcedora do Remo:

Ser remista é um estilo de vida, né. É uma coisa que faz parte de mim, é uma coisa que aonde for é uma identidade, é como se fosse um sobrenome. A gente chama isso de remismo. Remismo é esse viver constante com o Remo, não é vivendo do Remo, é o viver constante com o Remo, de vivenciar o clube, de amar uma instituição centenária e que carrega com ela uma explosão de energia positiva, uma explosão de amor.. Então assim, é um estilo de vida que não tem como, a partir do momento em que você é influenciado desde pequeno a gostar daquilo, não tem como você dissociar da sua vida.. (Maria, torcedora do Remo, informação verbal)

Sendo assim, torcer é algo que não está condicionado a um espaço, é claro que as performances coletivas de torcida só fazem sentido em determinados ambientes ou condições, mas o papel social de ser torcedor é uma máscara contínua e duradoura.

3.6 Masculinidades dominando o jogo

O comportamento da torcida e suas performances carregam muitas expressões da masculinidade, pois o futebol e os espaços que o constituem continuam sendo hegemonicamente masculinos. Não dá para falar sobre gênero no futebol sem refletir sobre este aspecto tão latente, ainda que brevemente.

Raewyn Connell (1995), cientista social australiana e referência nos estudos da masculinidade, define a masculinidade como “uma configuração de prática em torno na posição dos homens na estrutura das relações de gênero”, ressaltando que é preciso atentar para as relações de poder aí envolvidas. Anos depois, a autora, ao lado de Messerschmidt, publicou texto que traça a origem do conceito de masculinidade hegemônica e como ele se configurou nas diversas áreas da pesquisa ao longo do tempo. De acordo com os autores, o termo surgiu na década de 1980 e significava:

[...] um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse. A

masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (2013, p. 245).

Dentre as diversas aplicações e reformulações do conceito ao longo dos anos, os autores chamam a atenção para o fato de que a ideia de masculinidade aos poucos deixou de ser tão essencialista e homogeneizante. Isso porque, pesquisadores também estudaram as masculinidades postas em ato por pessoas como corpos femininos, chegando à conclusão de que “as masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular” (2013, p. 250).

Esse questionamento é trazido pelo antropólogo Miguel Vale de Almeida, em etnografia realizada na aldeia dos pardais, no Alentejo, em Portugal. O autor inicia questionando até que ponto se pode falar de dominação masculina e poderiam os agentes dessa dominação serem também considerados vítimas dela?

Vale de Almeida tem como hipótese que a masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal não atingido por nenhum homem, mas que exerce sobre todos eles

[...] um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade quotidiana e de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino; e que a masculinidade não é simétrica da feminilidade, na medida em que as duas se relacionam de forma assimétrica, por vezes hierárquica e desigual. A masculinidade é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser. (1995, p.6)

O autor aponta para o fato de que a masculinidade hegemônica está em diversos valores comportamentais e discursivos. Com os homens que ele conviveu estavam presentes, por exemplo, na forma de expressar opiniões sobre si e sobre os outros, no ato de avaliar os comportamentos seus e dos outros e a maneira como o fazem. Um discurso que tem como efeito principal o controle social que atinge ainda mais homens que se afastam da masculinidade hegemônica. Esse controle, segundo o autor, se aplica em diversos aspectos da existência humana, como no modo de falar, o que se diz, o modo de usar o corpo, a roupa, as atitudes, as emoções, entre outros.

A masculinidade seria então, segundo Vale de Almeida, um conjunto de significados herdados culturalmente e treinados socialmente de modo a serem incorporados de tal forma que faz acreditar que exista uma dicotomia entre feminino e masculino essencialista, um princípio classificatório. Incorporado pois se reproduzem através do corpo, “as masculinidades são corporificadas, sem deixar de ser sociais”, como diz Connel (1995).

Outros comportamentos observados no estádio que me fizeram refletir sobre as expressões das masculinidades foram o envolvimento de homens em brigas e conflitos, inclusive dentro da própria torcida. Uma delas ocorreu entre um torcedor e um fiscal da catraca de entrada. O torcedor reclamava do fato de não deixarem o seu pai idoso entrar por aquele portão. Ele era sócio torcedor e mesmo o ingresso do seu pai sendo para outra entrada, achava que tinha direito de que o pai entrasse junto com ele por aquele, mas o fiscal não permitiu. Torcedor e fiscal começaram a elevar a voz um com o outro. Argumentando que aquilo era um absurdo, o torcedor disse que não valia a pena ser sócio torcedor dessa forma e começou a falar mal da diretoria do clube. O fiscal ficou bem chateado e retrucou para todos ouvirem: “Tá achando ruim, então atravessa a Almirante”, “vai lá pra outra torcida, vai”. A resposta fez com que o torcedor indignado começasse a gritar e ouvisse respostas no mesmo tom de voz. Ele só foi embora quando seu pai, que também estava chateado, mas conformado, pediu para ele parar de brigar.

A provocação do fiscal “atrasar a Almirante” na língua dos torcedores paraenses significa virar a casaca, trocar um time pelo o outro, Remo pelo Paysandu ou Paysandu pelo Remo. Isso porque os estádios dos dois clubes ficam em lados opostos da Avenida Almirante Barroso - uma das principais de Belém, a que dá acesso à cidade de quem chega por via rodoviária -, e apenas uma quadra de distância um do outro. As palavras do fiscal insinuavam que o torcedor que questiona as normas ou diretoria do Clube não merece fazer parte da torcida, que não era torcedor *o suficiente*. A forma como os dois envolvidos se portaram, a necessidade de gritar um com outro, de não ouvir desaforo calado está ligada a uma imagem da masculinidade, à ideia de que o homem precisa demonstrar braveza, valentia, se impor.

Outra briga entre sujeitos da mesma torcida que presenciei - além de algumas já relatadas ao longo desse capítulo - foi quando dois homens discutiram na arquibancada, a ponto de um deles partir para cima do outro, na tentativa de socá-lo, mesmo eles estando em degraus diferentes e a arquibancada lotada. Vários homens tiveram que segurar o que estava mais exaltado e ninguém entendeu muito bem o motivo da confusão. O torcedor valente dizia

que era por causa de um copo, ou algo assim, e os que tentavam apartar diziam para eles pararem com aquilo, que estavam todos do mesmo lado. A discussão só terminou quando orientadores de público, monitores do estádio, tiraram o homem da arquibancada.

Ainda sobre as masculinidades, é importante destacar que o mais apropriado é se referir a elas assim mesmo no plural, pois os estudiosos do tema mostram que elas são múltiplas e que um mesmo contexto pode produzir diferentes masculinidades. O sociólogo americano Michael Kimmel (1998) defende que os significados de masculinidade “variam de cultura a cultura, variam em diferentes períodos históricos, variam entre homens em meio a uma só cultura e variam no curso de uma vida.” (p.106).

De acordo com Kimmel, as masculinidades são relações de poder, muitas vezes invisíveis aos homens, pois quem está imerso em privilégios dificilmente consegue enxergá-los. O autor diz que as masculinidades envolvem dois principais tipos de relação de poder: as relações de homens com mulheres, pautadas na desigualdade de gênero; e as relações de homens com outros homens, pautadas nas desigualdades de raça, etnicidade, sexualidade, idade, entre outras. Dessa forma, segundo o autor dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia.

3.7 A naturalização da homofobia nas torcidas

Neste dia, a fila para a torcida do Paysandu entrar no Mangueirão estava bem grande. Bicolores comentavam sobre o time, faziam especulações para o jogo, o mesmo movimento comum de todas as partidas. Até que surge um torcedor do Remo, um senhor que devia ter por volta de 50 anos. Nitidamente embriagado, começou a fazer graça, como um palhaço em um palco. Ele não dizia nada - estava tão bêbado, que penso que nem conseguiria se tentasse-, apenas dançava de forma super animada, rebolava, enquanto fazia gestos com as mãos. A situação provocou gargalhadas entre alguns torcedores, que começaram a gritar “olha o viado aí”, “deixa o viadão passar”, “viadão”, entre outras que seguiam a mesma lógica. O senhor que estava notadamente fora de si continuava rindo e fazendo palhaçadas para a torcida, até que começou o coro “viado, viado, viado” e, em seguida “remista é gay, é gay, é gay, é gay”. De todas as pessoas que estavam ali, apenas um torcedor demonstrou preocupação com o torcedor remista, tentando pegá-lo pelo braço e tirá-lo de lá. A confusão só acabou quando a polícia chegou e levou o senhor dali.

A história narrada não é um episódio isolado, pelo contrário, é uma das situações que mais se repetem no contexto do futebol. Não é à toa que as anotações sobre discursos, cantos, ocorrências ligadas à homofobia são as que mais tomam espaço e se repetem em meu diário de campo. Se as masculinidades produzem, entre outras expressões, a homofobia, como definir esse termo?

Ao traçar a história do conceito, o pesquisador ítalo-argentino Daniel Borrillo (2010) traz entre outras definições, uma que considero crucial para compreender a homofobia no contexto do futebol.

Do mesmo modo que a xenofobia, o racismo ou o antissemitismo, a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal [...] À semelhança do negro, do judeu ou de qualquer estrangeiro, o homossexual é sempre o outro, o diferente, aquele com quem é impensável qualquer identificação. (BORRILLO, 2010, p. 13-14)

A homofobia é fortemente utilizada no futebol com esse intuito, o de separar quem somos nós de quem são eles, de estigmatizar o outro para se enaltecer. Entre as torcidas, o gay, o viado, a bicha é sempre o outro, o rival, aquele com quem não quero me parecer, com quem não tenho nada em comum.

Como disse anteriormente, o episódio na fila do estádio não é isolado. Situações semelhantes se repetem em todos os clássicos, principalmente nos portões fronteiros entre os lados A e B do Manguirão. Os torcedores rivais que já estão do lado de dentro, subindo a rampa, provocam os que esperam para entrar do lado de fora e vice-versa. Trocam xingamentos, palavrões e gritos como “viadinho”, “gay”, “cornos”, “bando de filhos da puta”, “mocinha”, além de termos que estão ligados à identificação com o clube, como “leoa” (em referência ao mascote do Remo que é o leão) e “terror gay” (em referência à principal torcida bicolor).

Os termos são acompanhados por gestos agressivos, punhos cerrados como quem ameaça dar um soco, socos na própria mão, como quem chama o outro para a briga. Além de gestos obscenos, como apontar o dedo do meio, usar os dedos simulando uma penetração e pegar na partes íntimas apontando para o adversário e dizendo “ó aqui pra ti, pega aqui”. Às vezes, as ofensas viram coro, com muitos na fila cantando para os que estão entrando “viadinho, viadinho, viadinho”. Há nessa situação também um acovardamento, uma certeza de que aquela provocação não vai passar disso, que o rival com quem se está brigando está

distante e impossível de ser alcançado fisicamente, pois é proibido o acesso de um lado para o outro. É a certeza da impunidade.

Borrillo (2010) chama a atenção para o fato de que a homofobia se estrutura em dois pilares centrais: a negação do feminino (o sexismo) e a rejeição da homossexualidade (a homofobia). Assim, chamar o outro de gay, mesmo quando não se sabe sua orientação sexual, é uma forma de atribuir a ele atributos não masculinos e, sendo a masculinidade dominante, é tentar colocá-lo em um lugar menor, inferiorizá-lo.

Na torcida, as palavras mais proferidas para se referir ao adversário durante o jogo são “viado” e suas derivações, no grau aumentativo e diminutivo, mas sempre em tom depreciativo, proferido por homens e mulheres. Além de “filho da puta” e frases como “vai tomar no cu”. Os mesmos termos são utilizados para reclamar da arbitragem. E quando o juiz faz uma marcação controversa, a arquibancada repete em coro: “Ei, juiz! Vai tomar no cu”. Por sinal, nunca presenciei um RexPa sem reclamação da arbitragem e xingamentos ao juiz.

Alguns torcedores são mais criativos na hora dos xingamentos, mas sem deixarem de lado discursos ligados a preconceitos de gênero e sexualidade. Algumas das frases mais inusitadas que ouvi foram: “esses jogadores não saem daí, parecem que querem dar o cu deles”, quando um torcedor reclamou que o time não se movimentava o suficiente em campo. Quando o juiz marcou uma falta a favor do time adversário, foi acusado pelo mesmo torcedor de “estar defendendo os machos dele”, referindo-se ao time adversário. Em outra ocasião, um torcedor reclamou da marcação de falta a favor do time adversário, com a frase “Agora pronto, não pode tocar nessa boneca”, se referindo ao jogador que havia sofrido a falta, e atribuindo a ele uma palavra feminina no intuito de ofensa.

Mas é nos cantos das torcidas que o discurso homofóbico é mais latente. Um clássico do RexPa é o “Quer dar cu, quer dar cu, torce pro Leão Azul” cantado pela torcida do Paysandu e “Quer dar cu, quer dar cu, vai torcer pro Paysandu”, entoado pela torcida azulina. Quando o time adversário perde, é expulso do estádio aos gritos de “Vai, vai, vai pro chiqueiro, vai filha da puta”, ou de “Uh, uh, uh, secador tomou no cu”, sendo o adjetivo trocado por leão ou papão, dependendo de quem está cantando.

Outro canto que ouvi várias vezes foi o entoado pela Terror Bicolor, conhecido entre os torcedores como “liga pro zoológico”, que entre outras coisas diz que o Papão é “come cu de remogay”. A música termina repetindo a frase “remista é gay, é gay, é gay”, que os

torcedores cantam com bastante vontade, enquanto fazem movimento repetitivo com as mãos para cima.

Cantos como este podem estar com os dias contados no Brasil, pelo menos dentro dos estádios. Isso porque o Supremo Tribunal de Justiça Desportiva decidiu punir, com multa ou perda de pontos em campeonatos, os times cujas torcidas cantarem gritos homofóbicos durante os jogos. A medida foi anunciada após a criminalização da homofobia estabelecida pelo Supremo Tribunal Federal e também baseada em guia de boas práticas da FIFA⁴⁶. Desta forma, manifestações homofóbicas podem ser enquadradas no artigo 243-G do Código Brasileiro de Justiça Desportiva, que proíbe a prática de ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante.

Cabe aos clubes e federações a conscientização das torcidas e atletas, com caráter pedagógico, e aos árbitros o policiamento para que a medida seja cumprida, relatando nas súmulas episódios que descumpram a lei. A nova medida já teve desdobramentos, o mais relevante ocorreu na 16^o rodada da Série A do Campeonato Brasileiro, em agosto de 2019. A partida entre os times Vasco e São Paulo foi interrompida pela arbitragem, após torcedores vascaínos entoarem gritos homofóbicos⁴⁷ e a situação foi registrada na súmula do jogo.

Após o episódio, vários clubes brasileiros iniciaram campanha em suas redes sociais para conscientizar as torcidas, entre eles o Clube do Remo e o Paysandu Sport Club. Ainda assim, muitos torcedores veem os comportamentos e discursos homofóbicos como naturais do futebol, algo intrínseco, que faz parte da cultura e tradição da torcida.

Em campo, pude observar que, apesar dos termos homofóbicos se referirem com mais frequência ao rival, outras situações também carregam esse teor. Em um dos dias, na fila de entrada do campo, um grupo de rapazes à minha frente reclamava em voz alta da desorganização para entrar no estádio, dizendo que aquilo era uma “viadagem”. Até que, por algum motivo não compreendido pelos que estavam na fila, um homem com a camisa da organização abriu a grade de contenção para que outro homem entrasse sem passar pela fila, ou seja, furasse a fila. A atitude foi contestada pelos que esperavam para entrar com vaias e gritos de ordem, um dos rapazes do grupo à minha frente proferia em voz alta: “É teu macho,

⁴⁶ Fonte:

<https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/stjd-recomenda-que-casos-de-homofobia-e-transfobia-nos-estadios-sejam-relatados-nas-sumulas.ghtml>

⁴⁷ Fonte:

<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2019/08/25/vasco-x-sao-paulo-e-paralisado-por-arbitro-apos-gritos-de-time-de-veado.htm>

é?!”, questionando o favorecimento. Já próximo à catraca de entrada no estádio, os monitores orientavam homens e mulheres a seguirem em filas diferentes. Ao passo que outro rapaz começou a falar em tom de brincadeira ao amigo: “Agora tu te decides, se tu é homem ou não”, discurso que era repetido em voz alta e provocava risadas entre os outros integrantes do grupo.

Também presenciei esse uso da brincadeira sobre a divisão binária quando fui entrevistar uma interlocutora antes de começar o jogo. E um dos homens que estavam com ela sugeriu que eu o entrevistasse também, expliquei a ele que na pesquisa a proposta era entrevistar apenas mulheres. Rindo e ironizando, ele respondeu fazendo uma voz afeminada: “Mas olha querida, hoje cada um pode ser o que quiser, não tem esse negócio de trans”, provocando risadas no outro homem que estava com ele.

Outra vez, antes de começar o jogo, três mulheres e um homem vestidos com roupa de passistas e mestre sala faziam uma campanha governamental, que não dava pra entender muito bem do que se tratava. Mas como era período de carnaval e eles estavam a caráter, dançavam e sambavam como se estivessem na avenida. Atrás de mim, uma menina que devia ter uns 10 anos de idade, apontou a cena para o pai, claramente empolgada com a performance. Ao que o pai respondeu “vixe, isso é uma bichona”, se referindo ao único homem do grupo que estava dançando. A menina não entendeu e perguntou “como assim?” e o pai respondeu “esse daí dançando lá, uma bichona”.

Tão marcante no futebol, essa utilização de termos ligados a homossexuais de forma pejorativa está ligado ao fato de que o que foge do padrão heteronormativo é estigmatizado, O antropólogo americano Gayle Rubin (2011) chama a atenção para uma estratificação da sexualidade (2011), uma hierarquização das variedades sexuais dentro do sistema sexo-gênero, que determina o que é aceitável pela sociedade, dentro de um modelo heteronormativo, que ridiculariza, patologiza e criminaliza o que foge desse padrão. No contexto em que estou analisando, a homofobia aparece muito mais na esfera da ridicularização, da inferiorização do outro.

É importante analisar que torcedores que proferem discursos homofóbicos não são, necessariamente, pessoas que têm ódio, repulsa aos homossexuais. É claro que naquele espaço tão múltiplo devem haver sim sujeitos que condenam a homossexualidade, odeiam sujeitos homoafetivos, e que seriam capazes de irem além do discurso de ódio e violentarem

fisicamente homossexuais. Assim como devem haver até homossexuais que fazem coro a discursos homofóbicos dentro daquele ambiente.

Por isso, acredito que a homofobia praticada no estádio, em sua maioria, é aquela que de acordo com Borrillo (2010) podemos chamar de homofobia cognitiva. Ela não está no plano da reflexão e é produzida e reproduzida social e culturalmente como uma violência simbólica, em que “o objeto da rejeição não é o homossexual enquanto indivíduo, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social” (p. 22). A homofobia cognitiva, segundo o autor, “serve de fundamento a um saber sobre o homossexual e a homossexualidade baseado em um preconceito que os reduz a um clichê”. (2010, p.25)

O que ocorre também é que existe ali um padrão de comportamento. Os sujeitos torcedores foram socializados dentro do futebol daquela forma, se acostumando a utilizar certos termos, aprendendo a torcer assim, incorporando performances da torcida. Por isso que para tantos torcedores é difícil desapegar da ideia de que chamar o outro de “viado” “bicha” em teor pejorativo não é algo da essência do futebol. Algumas pessoas nem conseguem, ou não querem, enxergar que esse é um tipo de discurso de ódio e, mais que isso, é crime.

Muitas vezes esses discursos encontram nas relações masculinas um caráter de brincadeira, de humor. Digo nas relações masculinas porque, como mostrado ao longo da pesquisa, são as masculinidades que ditam os comportamentos e performances neste espaço, o que não significa que não sejam exercidas entre mulheres. Essas relações são o que Gastaldo (2006) chama de “relações jocosas futebolísticas”, termo que surge da ideia de relações jocosas de parentesco e que têm influência na percepção sobre homosociabilidades. São formas lúdica de interação entre homens, que combinam:

[...] amizade e antagonismo. O comportamento é tal que em qualquer outro contexto social ele expressaria e geraria hostilidade; mas tal atitude não é a sério e não deve ser levada a sério. Há uma pretensão de hostilidade e uma real amizade. Posto de outro modo, é uma relação de desrespeito consentido. (Radcliffe-Brown, 1959: 91 *apud* Gastaldo, 2006, p.10).

É o que pode ser chamado popularmente no Brasil como “zueira”, “sacanagem”, “gozação”. Mas no Pará o fenômeno tem um nome específico: “encarnação”. Encarnar o adversário significa fazer brincadeiras sobre seu time, encher a paciência, rir do rival, provocar, zombar. Essa encarnação se dá de várias formas, como, por exemplo, dizendo que o outro time não presta, enaltecendo as vitórias do seu sobre o rival e rindo das derrotas do

outro, “secando” - torcendo contra - o time adversário, entre outros. Trago aqui alguns exemplos vivenciados em campo que ajudam a entender na prática.

O primeiro ocorreu quando eu estava na arquibancada remista. O time estava perdendo e um policial que estava trabalhando começou a filmar a torcida do Remo. O homem estava na área de circulação do lado de fora da arquibancada, mas com o corpo voltado para dentro. Era nítido que ele queria ali filmar a torcida do Remo e suas reações de insatisfação e tristeza. Alguns torcedores próximos a mim interpretaram aquilo como uma ofensa, que ele era um torcedor do Paysandu e que estava filmando para postar na internet e “encarnar” com os azulinos.

Outro exemplo ocorreu na entrada do estádio, onde remistas conversavam sobre o Paysandu, utilizando um termo que faz parte do imaginário da encarnação contra o time: a mucura, nome dado ao gambá na Amazônia. Um rapaz sem camisa e visivelmente embriagado, pois quase não se equilibrava em pé, começou a fazer piadas em voz alta sobre um torcedor do time rival que era conhecido entre o grupo, chamando-o de mucura, mucura fedorenta. Todos ao redor riam das brincadeiras que ele fazia e do estado de embriaguez do rapaz. O torcedor foi se empolgando com a atenção dada e foi ficando mais agressivo, usando palavras baixas e xingando o amigo bicolor, que nem estava presente, de corno.

A encarnação é um dos principais tipos de interação entre as torcidas paraenses mesmo fora do ambiente do estádio de futebol, sendo uma forma comum de sociabilizar entre amigos ou pessoas que acabaram de se conhecer. Em uma das minhas idas para o campo fui de carro de aplicativo de mobilidade. Neste dia, estava acompanhada do meu namorado e quando o motorista viu que o destino da viagem era o Manguirão, começou a puxar assunto sobre o RexPa. Ao descobrir que eu e meu namorado torcíamos para times diferentes, ele riu e “encarnou” comigo “é, faz parte. Tem gente que gosta de sofrer”. Fomos conversando nesse tom de brincadeira, de encarnação, até o estádio, cada um defendendo a ideia de que seu time iria ganhar.

Já perto do Manguirão, ele comentou algo sobre a esposa dele que não entendi muito bem e perguntei se eles também torciam para times diferentes. A resposta foi: “não, ela não é nem doida” e começou a rir. Na hora de se despedir, ele disse “o papão vai dar de dois a zero na leoa”. Ambos os comentários tiveram a intenção de encarnar, de zoar o adversário. Porém, os dois enunciados contêm um forte sexismo. No primeiro, pela ideia de que por ser esposa dele, a mulher não podia pensar diferente, logo não poderia torcer para o time oposto. E no

segundo, o uso do substantivo feminino na tentativa de atribuir caráter diminutivo e depreciativo ao mascote do grupo.

Falar mal do rival, muitas vezes, passa por essa negação de sua masculinidade, transformando-os em homossexuais com o uso de termos como “Gaysandu” “Remogay” ou em mulheres, se referindo a ele como “leoa”, “loba”, “remocinha”. Discursos como este estão na base da opressão contra as mulheres, pois colocam o feminino como algo ruim, inferior, ao mesmo tempo em que ajuda a legitimar a dominação masculina, além de revelarem claramente a homofobia.

4. AFETOS, PERTENCIMENTOS E DESRESPEITOS: AS EXPERIÊNCIAS DE MULHERES TORCEDORAS DE REMO E PAYSANDU

Ainda que seja uma experiência coletiva, a torcida é formada por sujeitos. Pessoas que trazem consigo suas próprias vivências, histórias e trajetórias. As mulheres presentes ali no estádio são múltiplas, diferentes, e não podem ser universalizadas. Para falar delas, é preciso considerar suas subjetividades e as diversas experiências que as constroem.

Mas como trazer isso para a pesquisa? Como ter cuidado para não objetificar mulheres - que são antes de tudo sujeitos - ao procurar regularidades em seus discursos, suas histórias? Confesso que foi desafiador. Inicialmente, pensei em trazer interlocutoras que pudessem representar uma variedade de experiências, em uma perspectiva interseccional. Mas depois me dei conta de que mais do que contemplar o máximo de marcadores sociais da diferença, o caminho seria compreender cada mulher que conversou comigo, que contou sua história, falou sobre seus sentimentos, em suas múltiplas facetas e complexidades.

Antes de entrar propriamente nos dados, faço uma apresentação, um preâmbulo para mostrar como se deu essa etapa metodológica, as entrevistas com as interlocutoras desta pesquisa. Inspirei-me no modelo utilizado por Grada Kilomba, em Memórias da plantação (2019) ao explicar seus caminhos metodológicos. Primeiro apresentando quem são as interlocutoras, depois contando como as entrevistas foram realizadas e por último, explicando como foi feita a análise.

a) As interlocutoras

Oito mulheres⁴⁸, quatro delas torcedoras do Clube do Remo, quatro do Paysandu Sport Club, todas assíduas no estádio. A proposta inicial era entrevistar dez torcedoras, mas as informações e experiências trazidas pelas oito interlocutoras foram tão ricas que acabaram se mostrando suficientes. A faixa etária das entrevistadas vai de 23 a 38 anos. Todas são naturais de Belém e Região Metropolitana. Cheguei até seus nomes e suas histórias pedindo indicações para amigos, para pessoas ligadas aos clubes e às torcidas. Gostaria de apresentar

⁴⁸ Todas as interlocutoras autorizaram o uso das informações concedidas em entrevista, por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

brevemente cada uma dessas interlocutoras, reforçando que os nomes utilizados aqui não são verdadeiros, foram atribuídos nomes fictícios de forma a preservar a identidade delas.

A primeira mulher com quem conversei foi Renata, torcedora do Paysandu. A jovem de 27 anos é pedagoga e define sua cor como parda. É moradora do bairro Jurunas, na periferia de Belém. Não integra nenhuma torcida organizada, seu estado civil é solteira. A entrevista com ela foi realizada na UFPA.

A segunda entrevistada foi Júlia, também torcedora do Paysandu. Moradora do bairro Val-de-Cans, periferia de Belém., Júlia tem 27 anos, definiu sua cor como negra, é casada com um homem e possui ensino médio completo. Com ela, a entrevista foi realizada no Mangueirão, antes de um RexPa.

Também foi no Mangueirão que conversei com Ana, primeira torcedora remista que entrevistei. É a mais velha entre as interlocutoras, 38 anos. Ana também é moradora do bairro Val-de-Cans, onde vive com o companheiro. Perguntada sobre sua cor, definiu como morena. Possui ensino médio completo.

Carla e Maria são namoradas, ambas torcedoras do Remo. Juntas administram uma página na internet onde divulgam informações sobre o time. Com elas, conversei na mesma noite em um restaurante de Belém. Carla tem 32 anos e mora no bairro da Cremação, é bióloga e define sua cor como parda. Maria tem 34 anos, é funcionária pública e mora no bairro Batista Campos, centro de Belém. Preferiu não declarar sua cor.

Silvia é a única das entrevistadas que não mora em Belém, reside em Marituba, região metropolitana, bairro São João. Torcedora do Remo, Silvia tem 28 anos, e se definiu como parda. É integrante da torcida organizada Pavilhão 6, onde também já fez parte da diretoria e coordenou o departamento feminino. É formada em administração e também desenvolve pesquisas sobre torcida. A entrevista com ela foi realizada em um shopping.

Também integrante de torcida organizada, Dani é torcedora do Paysandu e uma das coordenadoras do Movimento Feminino da Terror Bicolor. Tem 35 anos, trabalha como assistente de loja e definiu sua cor como parda. Mora no bairro da Cabanagem com companheiro. Apesar de morar em bairro próximo do Mangueirão, foi na Curuzu que nos encontramos para entrevista.

A última entrevistada foi Sabrina, torcedora do Paysandu, clube onde trabalha atendente no programa de Sócio Torcedor. Sabrina é animadora de torcida e uma das coordenadoras das Bicolindas. É a mais nova das interlocutoras, 23 anos. Moradora do bairro

do Benguí,, mesmo onde fica o Mangueirão, definiu sua cor como branca. A entrevista com Sabrina foi realizada na Estação das Docas, complexo turístico de Belém.

Abaixo um quadro no qual é possível visualizar melhor o perfil de cada entrevista:

QUADRO 1 - Interlocutoras da pesquisa

NOME	TIME	IDADE/ BAIRRO/ COR/ ESCOLARIDADE	INTEGRANTE DE TORCIDA ORGANIZADA
Ana	Remo	38 anos Val-de-Cans “Morena” Ensino Médio Completo	Não
Carla	Remo	32 anos Cremação Parda Ensino superior completo	Não
Dani	Paysandu	35 anos Cabanagem Parda Ensino Médio Completo	Integrante da Terror Bicolor e uma das coordenadoras do Movimento Feminino da torcida
Júlia	Paysandu	27 anos Val-de-Cans Preta Ensino Médio Completo	Não
Renata	Paysandu	27 anos Jurunas Parda Ensino Superior Completo	Não
Maria	Remo	34 anos Batista Campos Não declarou Pós Graduação Completa	Não
Sabrina	Paysandu	23 anos Bengui Branca Cursando Ensino Superior	Animadora de torcida e coordenadora das Bicolindas
Silvia	Remo	28 anos São João (Marituba) Parda Ensino Superior Completo	Integrante da torcida Pavilhão 6 e ex diretora da Rebelião Feminina

Fonte: Elaborado pela autora

b) As entrevistas

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com um roteiro⁴⁹ de perguntas abertas e algumas questões socioeconômicas para conhecer melhor o perfil de cada entrevistada. Um modelo de entrevista que me permitiu fazer novas perguntas à medida que a conversa ia fluindo.

As entrevistas tiveram como foco as experiências destas mulheres como torcedoras e estavam divididas em três blocos temáticos: 1. História da torcedora com o futebol, abordando a origem do torcer nas suas vidas, a primeira vez no estádio e como vivenciam sua torcida; 2. A relação dela com o estádio, para compreender quais interações são construídas com e naquele espaço, e conhecer as experiências individuais vividas ali; e 3. Impressões sobre si mesmo e práticas do torcer coletiva, no qual as torcedoras contaram sobre seus rituais e modos de torcer, relação e sentimentos pelo clube e suas percepções sobre as mulheres na torcida.

Quando se refere ao lugar das mulheres no futebol, há uma assimetria de poder. As mulheres, raramente, são legitimadas para falar sobre o assunto. Por isso, acredito o quanto as entrevistas foram importantes para ouvir o que as mulheres têm a falar sobre sua torcida, seu time, sobre o esporte e sobre suas experiências.

c) A análise

Magnani diz que é preciso identificar regularidades nos dados de campo para “poder construir, como referência, algum tipo de totalidade no interior da qual seu significado possa ser apreciado” (MAGNANI, 2002, p. 20). Desta forma, é necessário criar categorias de análise. Mas como criar categorias que considerem as subjetividades, sendo elas tão importantes para esta pesquisa?

Desta forma, optei por uma escrita e uma análise fluida que não engessassem ou enquadrassem essas experiências individuais em tabelas ou quadros. Assim, foram criadas categorias que funcionaram como eixos temáticos, reunindo as diversas experiências que giram em torno daquele assunto, mas trazendo livremente as falas destas mulheres.

⁴⁹ Roteiro de entrevista pode ser consultado nos apêndices da dissertação.

Relembro que esta pesquisa tem como objetivo central analisar como as relações de gênero se manifestam nas interações constitutivas do ser torcedora do Remo e do Paysandu, e nas performances das torcidas no RexPa. A análise das entrevistas também se reporta aos dados colhidos na observação em campo, articulando-se com eles, na intenção de complexificar e tensionar as observações e teorias acionadas, a partir das perspectivas trazidas pelas interlocutoras.

4.1 “Sou torcedora desde o berço”: as origens do torcer nas trajetórias das interlocutoras

Desde pequena o meu pai me trazia pro estádio. Era poucas vezes que ele me trazia, porque ele ficava meio receoso. Ele era um pouco preconceituoso de mulher estar no estádio, só que ele sempre tava me envolvendo pra torcer. Quando o Paysandu ganhava algum título importante, a gente ia pro aeroporto, ele me levava, me colocava no ombro dele, era muito legal. Só que, assim, ele já é mais corinthiano, ele já não torcia tanto pro Paysandu. Aí ele queria que a gente fosse Corinthians também, tanto que meu irmão é muito mais corinthiano do que Paysandu. Mas fora isso, desde pequenininha tem várias fotos minhas com ele de Paysandu. [...] Tenho mais cinco irmãos, só que desses cinco quem mais é amante de futebol sou eu e meu irmão. Porque o meu irmão, por mais que meu pai quisesse que ele fosse assim de futebol e tudo mais, meu pai queria que eu fosse mais, se é que tu me entende, ele me trazia mais. (Júlia, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Quais são as origens do sentimento por um time? O que determina quem vai ser um torcedor e para qual time torcer? O que há de sensível nessa escolha? No Brasil, somos induzidos a escolher o clube do coração desde a infância. Conforme ditado que destaquei no primeiro capítulo, à criança é dado “um nome para honrar, uma religião para seguir e um time de futebol para torcer”, o que não significa também que a escolha do time seja uma imposição. Mas uma questão é certa, da feita que o time é escolhido e assumido, não é recomendado trocar de time. “Virar a casaca” - expressão que significa essa troca - é quase uma falha moral e propícia a julgamentos. Em se tratando de RexPa, virar a casaca também pode ser chamado de “atravessar a Almirante”, como expliquei no capítulo anterior.

Na tentativa de compreender quais fatores são levados em consideração nessa escolha, Damo (1998) conclui que os laços de sociabilidade mais próximos são um dos elementos mais relevantes. A pesquisa realizada pelo autor sobre pertencimento clubístico mostra que

nesse processo estão implicadas as influências do pai, da família, dos amigos e aspectos como as cores do clube e a fase que o time está vivendo.

José Miguel Wisnik no livro “Veneno remédio: o futebol e o Brasil” também reflete sobre esta decisão. Trazendo sua própria história como pano de fundo, ele diz que para a criança já capturada pelo fascínio do futebol, a escolha do time talvez seja a primeira decisão pressentida como um ato que alterará a sua vida, “um rito de passagem oficiado no recesso de um foro íntimo imenso e quase virgem” (2008, p. 34). Wisnik também destaca a importância do núcleo familiar nesse processo “como numa sociedade tradicional que já filiasse o nativo a um clã”. Sobre pertencimento e identificação com um clube, o autor conclui:

A escolha do time de futebol redobra, por um gesto nosso, a sujeição primeira a um nome, a inclusão na ordem da linguagem e a identificação inconsciente com um objeto de amor. Ou seja, reencena as bases do nosso processo de identificação, dando-lhe um fantástico teatro em que se desenvolver e se esquecer. Alimentado e açulado pelas motivações grupais e sociais, não é à toa que passamos a defendê-lo pela vida inteira, às vezes furiosa e desesperadamente. (2008, p. 34)

Trago estas reflexões para inserir a discussão trazida neste tópico a respeito da iniciação no mundo do futebol. Em todas as entrevistas, uma mesma pergunta foi ponto de partida para a conversa: quando começou seu interesse pelo futebol? As respostas me trouxeram histórias e percepções que vão ao encontro do objetivo central da pesquisa. É a origem do torcer, a construção de uma torcedora, em um processo imerso em relações sociais - familiares ou de amizade-, em afetos e sociabilidades, em pequenos atos de insubordinação que fazem da primeira vez no estádio um ritual de passagem.

Nas histórias contadas pelas interlocutoras, há um consenso: a influência da família. O time do coração vem como uma herança, algo que foi repassado na infância, desde pequena, ou até mesmo antes de nascer, como no depoimento de Maria:

Desde que me entendo por gente, eu sou envolvida com o futebol. Desde sempre, porque eu tenho uma influência familiar também forte. A minha família por parte do meu pai - porque, assim, minha mãe é filha única e eu também sou. E o meu pai tem nove irmãos e a família do lado do meu pai é uma galera, muita gente e é todo mundo remista. Meus avós eram muito remistas. Cresci vendo meu pai indo pra campo. A minha avó materna gostava muito de futebol, era fanática pela seleção brasileira. Então eu cresci nesse meio, nessa influência familiar, não tinha como eu não curtir o esporte, não gostar de futebol. Vai além do Remo, é um gosto pelo esporte em si. Sendo que eu nunca fui muito boa de esporte. Atividade física nunca foi muito comigo, mas, assim, acompanhar e torcer, sempre gostei, desde

menina. E torcer pelo Remo veio junto nesse pacote, eu não sei te precisar uma data... Não tem, eu sou remista desde o berço se for analisar... (Maria, torcedora do Remo, informação verbal)

Para quase todas as entrevistadas - com exceção de uma -, a figura paterna foi predominante na iniciação no mundo do futebol. O pai que influencia e ensina a filha a torcer. O homem como referência para a menina. Na história de Júlia, trecho que destaco no início deste tópico, era de interesse do pai que ela seguisse seus caminhos, mais ainda do que o irmão. Mesmo que levá-la para o estádio fosse algo que lhe trouxesse receios - por compartilhar da visão dominante de que mulher não deveria estar naquele espaço -, o pai fazia questão de inserir a filha nos eventos ligados ao clube, querendo que ela compartilhasse do mesmo sentimento que ele.

Ainda assim, nem sempre os passos do pai são seguidos pelos filhos. No caso de Carla, houve uma tentativa por parte do pai de influenciar na escolha do time, mas a aproximação com a família materna teve mais peso na decisão:

A minha família é muito fanática por futebol. Se tu for falar com a minha vó, ela não perde um jogo do Remo. E eu sempre tive esse incentivo, de ir pra campo com meus tios, com meus primos. [...] A primeira vez que eu fui, eu era muito pequena, porque o meu pai biológico ele é Paysandu. Eu lembro que foi a pior vez que eu fui pro campo na minha vida, porque ele me levou pro jogo do Paysandu. Foi a primeira vez que eu fui pra campo no Mangueirão e eu tenho essa lembrança, acho que eu tinha uns 5, 6, era por aí, eu era muito pequena, mas já torcia pro Remo. Eu tenho mais ligação, proximidade com a minha família materna. Então todo mundo é muito remista, muito. Pra tu ter noção, meu avô pediu pra sair do hospital pra assistir um jogo da final do Remo. Inclusive o Remo ganhou o campeonato paraense e tipo uns dois, três dias depois ele veio a falecer.” (Carla, torcedora do Remo, informação verbal)

Todavia, no depoimento de Carla há figuras de referência para essa escolha: os avós que são citados recorrentemente na entrevista como uma forma de exemplificar e legitimar o envolvimento e fanatismo da família com o Clube do Remo. E o seio familiar aparece em quase todas as entrevistas como um lugar de troca de afetos e ensinamentos, em que é repassada a tradição de torcer por um time.

Eu, desde pequena, tenho essa ligação com o Paysandu por conta do meu pai, meu pai ele é muito torcedor do Paysandu. Então eu cresci vendo os meus pais indo pra estádio, eu cresci vendo os meus pais com blusa de organizada, essas coisas, só que eu não era tão ligada, torcia pro Paysandu mas não era tanto. [...] Meus pais são divorciados, mas eu sempre faço questão de lembrar eles das coisas. Eu lembro que foi no tempo de 2002, 2003 que... eu falo pra eles

"gente, eu tenho uma imagem na minha cabeça" [...], eu na janela de casa vendo meu pai e a minha mãe de mãos dadas, a minha mãe com um blusão até o joelho, o meu pai de camiseta e com uma caveira⁵⁰ enorme atrás da blusa deles. Eu tenho essa memória, que não tem foto, mas tá aqui tudo na minha cabeça. Eu tinha uns 7 anos. (Sabrina, torcedora do Paysandu, informação verbal)

É como se torcer pelo mesmo time da família permitisse um elo, uma ligação a mais e que vai além da convivência diária. Renata, por exemplo, não mora com o pai biológico, toda sua família de criação é remista, mas escolheu o mesmo time do genitor para torcer. Diferentemente de outras trajetórias, na experiência de Renata a paixão pelo futebol veio primeiro jogando, o ato torcer foi secundário. Apesar de já saber para qual time torcia, a paixão pelo clube se fortaleceu quando ela já era jovem.

Eu me descobri torcedora mesmo, eu tinha uma faixa de 15, 16 anos e o futebol foi me chamando atenção. A influência que me levou a ser torcedora foram os joguinhos de rua, por incrível que pareça. Eu jogava com os meninos na rua e depois disso a gente formava grupo e ia pra esses campinhos que tem, ia jogar. Daí fui me interessando cada vez mais. Primeiro jogando e depois torcendo. Aí que foi pra mim escolher o time, que agora é o time mesmo que eu amo de paixão, que é o Paysandu, foi através do meu pai, porque meu pai biológico ele é Paysandu. Ele só não é doente como eu, mas ele é Paysandu e eu fui pelo caminho dele. (Renata, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Em algumas trajetórias, torcer por um time, ir para o estádio vê-lo jogar fez parte da infância de forma tão intrínseca que não dá para definir quando foi a primeira ida para o estádio ou quando houve o despertar para o futebol. É o caso de Ana, cuja a ida para o campo era como um ritual familiar.

Na escola, sempre pratiquei algum esporte, sendo que minha família também toda é remista e meu pai sempre levou a gente pro estádio pra torcer. Então isso já vem desde pequena, no caso, desde criancinha mesmo [...] Assim que começou o amor, a paixão, tudo, acho que foi hereditário. No caso, de filhos somos 7, né?! Aí tem minha mãe, meu pai e mais um dos tios meus. E quando a gente vinha pro estádio, como a gente era os maiores, vinha 3, 4 irmãos, meu pai e minha mãe... A família quase toda. [...] São duas mulheres e cinco homens. O meu irmão caçulinha vinha agarrado comigo. Então são várias coisas, são tantas histórias [...] A gente no Baenão [...] em tudo a gente acompanhou, viagem a gente acompanhava muito na região aqui, Paragominas, Parauapebas [...] E meu pai então, torcia demais. E eu, pelo fato de gostar de esporte, futebol e handebol, pra mim são dois esportes que eu acompanho sempre e

⁵⁰ Caveira é o símbolo da torcida organizada Terror Bicolor

gosto de jogar também, daí fui acompanhando. (Ana, torcedora do Remo, informação verbal)

Já na trajetória de Silvia, mesmo influenciada pelo pai a gostar de futebol e do Clube do Remo, o território do estádio por muito tempo foi um lugar negado, não permitido. Durante a infância, o contato com o time de coração era apenas por meio da mídia.

Eu já torcia pro Remo por causa do meu pai. O meu pai jogava bola, ele jogou um pouquinho pela Tuna. Só que, assim, o meu avô nunca achava que ia dar futuro aquilo, então ele foi escolher outra profissão e parou de jogar. Hoje ele joga nesses times de bairro [...]. Lá em casa todo mundo é Remo, só que ele nunca gostou de ir pro estádio. Eu sempre falava "pai, me leva pro estádio" e não, ele nunca gostou. E a minha avó, como eu morava com ela, ela achava que não era lugar pra mim, porque era muito perigoso. [...] Daí eu acompanhava mais pelo rádio [...], minha mãe me deu um radinho, eu lembro na época de escutar mais assim. E quando era esporte, programa de televisão, eu assistia com meu pai. (Silvia, torcedora do Remo, informação verbal)

Roberto Da Matta, em *Antropologia do óbvio*, diz que no processo de socialização brasileira há muito controle dos pais sobre os filhos, podendo os genitores determinarem diversas questões, mas que o torcer é uma área aberta, preenchida por preferências individuais. Uma escolha que, para o autor, “permite redefinir a identidade social num nível mais amplo. Um nível que tem a ver com um universo feito de indivíduos e de normas universais e que se realiza concretamente na ‘rua’- no estádio, em pleno domínio público.” (1994, p. 16).

Afirmar que o torcer é uma área aberta preenchida por preferências individuais é negar o quanto há de social nesse processo. É claro que, como já destacado aqui, a escolha por torcer por um time jamais é algo imposto, inevitável a partir de uma lógica hereditária. Dizer isso seria racionalizar demais o processo, sendo que a torcida é algo que está muito mais no âmbito do sensível do que do racional. Não há como negar que na experiência constitutiva de tornar-se um torcedor, os afetos são predominantes, e nos exemplos que trago aqui estão fortemente ligados aos ciclos de sociabilidade construídos no ambiente familiar.

No que se refere ao estádio como um espaço em que o torcedor atinge um outro nível de envolvimento com o clube, concordo com Roberto Da Matta. O que não significa que o torcedor de sofá seja menos apaixonado ou inferior ao frequentador do campo. Mas ir ao estádio permite novas e compartilhadas experiências de pertencimento clubístico, diferentes e não menos importantes do que as experiências vividas por quem não frequenta aquele espaço.

Enxergo a primeira vez no estádio como um processo ritual, a partir da ideia de Schechner de que “o ritual também é uma forma de os povos se conectarem a um estado coletivo, e ao mesmo tempo, a um passado místico e construírem uma realidade social, para formar uma comunidade” (Schechner, 2012 p. 88).

Partindo desta perspectiva, uma das perguntas que considero mais importante nas entrevistas realizadas é sobre a primeira vez no estádio. Pois num contexto em que a presença da mulher neste espaço não é totalmente naturalizada, em algumas das trajetórias contadas aqui a primeira vez no estádio se constitui como um ritual de passagem, que ajuda a romper com lógicas de poder.

Foucault (1979) reflete sobre como as relações de poder ocorrem de forma capilarizada na sociedade. De acordo com o autor, não é possível falar em um poder que emana de determinado lugar, pois o poder está nas relações: “na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado [...] de relações” (p. 249).

O autor também rejeita a tendência em só ver o poder na forma e nos aparelhos de estado e insere reflexões a respeito dos efeitos do poder sobre o corpo. Foucault (1979) chama a atenção para como o corpo social é uma materialidade do poder:

[...] o poder penetrou no corpo, encontrou-se exposto no próprio corpo...Lembrem-se do pânico das instituições do corpo social (médicos, políticos) com a ideia da união livre ou do aborto...Na realidade, a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares...e a batalha continua”. (p. 146)

Esse poder que penetra e se expõe no corpo produz verdades, regimes disciplinares que determinam hierarquias, diferenciações e estas, por sua vez, produzem efeitos, comportamentos, gestos e ações. Esse poder invisível, capilarizado, é regulado pelas instâncias de controle, mas não só.

Em “O sujeito e o poder” (1995), Foucault defende que para compreender as dinâmicas de poder, é preciso compreender uma forma de poder que se aplica à vida cotidiana, categorizando o indivíduo e impondo verdades sobre o corpo, que se faz reconhecer. É essa forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos e esse processo de assujeitamento tem dois significados: o de se sujeitar a alguém ou algo, e o de se sujeitar a si mesmo. Esse processo é o que Judith Butler chama de sujeição, no qual o poder é assumido

pelos próprios sujeitos, de forma que “se impõe sobre nós; enfraquecidos pela sua força, nós interiorizamos ou aceitamos os seus termos” (2017, p. 10).

A sujeição, segundo Butler, “significa tanto o processo de se tornar subordinado pelo poder quanto o processo de se tornar um sujeito”. (2017, p. 10). Dessa forma, de acordo com Butler, o poder assume uma forma psíquica, construindo assim a identidade e a própria existência individual, dentro de regimes hegemônicos e dominantes, entre eles o estabelecimento de papéis de gênero.

Quando uma torcedora mulher aceita o discurso de que aquele lugar não é apropriado para ela e incorpora aquilo como uma verdade, ocorre ali um processo de sujeição, uma subordinação a determinadas regras e padrões de comportamento ditados a partir do sexo biológico. É como se houvesse ali uma aceitação de que o torcer quando se é mulher está cercado de limitações, condições diferenciadas em relação aos homens. Trago como exemplo, a esse respeito, a história contada por Sabrina, torcedora do Paysandu:

O meu pai sempre foi mais de frequentar o estádio do que a minha mãe, inclusive até porque a minha mãe se preocupava muito com essa questão minha e do meu irmão, porque eu tenho um irmão gêmeo. Então quando tinha jogo, nós íamos pra uma casa de uma tia minha, o meu tio e o meu pai iam pro estádio e a minha mãe ficava com a gente vendo o jogo em casa, com a minha tia. Aí quando acabava o jogo, eles voltavam e a gente ia pra casa. Sempre foi assim. (informação verbal)

No exemplo, cabe ao homem o espaço público, a liberdade de sair de casa para torcer. À mulher, o espaço privado, doméstico. Com o dever de cuidar dos filhos, o torcer era em casa, assistindo o time pela televisão, enquanto esperava o marido retornar do campo. As lógicas de poder baseadas no determinismo biológico definindo os papéis de gênero e qual era o lugar de cada um.

Foucault, ao analisar a relação entre sujeito e poder, destaca que toda relação de poder implica uma estratégia de luta, uma relação de confronto: “A partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa” (FOUCAULT, 1979, p. 241). Se o discurso dominante é o de que aquele espaço não é para as mulheres, ocupá-lo é uma estratégia de enfrentamento. A primeira vez no estádio pode ser um pequeno passo de resistência, mesmo que inconscientemente. Sabrina, que via o pai ir ao estádio e a mãe torcer de casa, alterou essa lógica ao ocupar seu lugar na arquibancada:

Eu assistia pela televisão quando dava, até em 2014, nesse período eu morava com a minha avó, minha avó era super protetora comigo. E ela não deixava eu ir sozinha pra estádio, o meu irmão ia e eu ficava morrendo de ódio porque ele ia e eu não ia. Ela morria de medo, porque o meu irmão chegava lá falando em briga e ela tinha medo que acontecesse alguma coisa comigo. O meu irmão, eu não sei porque, gente, o meu irmão tem a mesma idade que eu, não custa nada deixar eu fazer as mesmas coisas que ele, pelo amor de Deus. [...] Aí quando foi no meio do ano de 2014 pra cá que eu comecei a ir pra estádio sozinha. Eu fui com uma amiga minha, ela me convidou [...] falou assim "bora pro jogo" e eu falei "mas como é que eu vou?", e ela "deixa que eu vou te buscar, onde é que tu tá?", "tô na casa da vovó", "tá, te arruma aí que a gente vai". Peguei, me arrumei, ela me levou, foi num sábado até, o Paysandu ganhou. Quando eu fui a primeira vez, eu ainda não era maior de idade, lembro que eu tinha uns 17 anos e meu pai falou assim: "olha, cuidado", a minha avó toda hora pedia pra minha tia ficar me ligando pra ver se eu tava bem, "tô bem, vô, tudo bem, tá tudo certo". (informação verbal)

Já no caso de Silvia, o acesso ao futebol foi algo negado em diversas esferas. A insubordinação foi a estratégia para romper com as estruturas e fazer o que tinha vontade:

Com 8, 9 anos eu comecei a jogar bola. Estudava em colégio de freira e a gente tinha um dia que era da educação física, então era obrigatório tu escolher um esporte. Só que como era colégio de freira, ou tu tinhas que escolher queimada ou vôlei. Não podia futebol e a gente jogava escondido. Aí depois foram liberando, a gente formou um time e foi quando a gente participou a primeira vez do JEPS⁵¹ e daí eu fiz a oitava série e entrei pro IFPA, acho que com 13 anos. Lá também tinha que escolher um esporte, e eu continuei a jogar de novo futsal e handebol. A gente treinava todo santo dia, eu fiz parte do time de lá e viajava e jogava os campeonatos. Com 16 anos foi a minha primeira ida pro estádio. [...] E aí, quando foi uma vez, ia ter um RexPa no dia das mães, se não me engano, e eu pedi pra minha mãe pra eu ir com uma amiga e ela não deixou. Eu vim pra casa dela nesse dia, a gente foi escondida e eu vi. Foi o meu primeiro clássico, 16 anos. (informação verbal)

Ter que se esconder para ir ao estádio também foi a estratégia adotada por Maria. Diferentemente de Silvia, ela já era adulta e não era sua primeira vez no campo. Já tinha ido quando adolescente acompanhada dos pais, mas em determinadas condições. O ato de rebeldia e quebra do discurso de poder foi a decisão de ir sozinha pela primeira vez.

Eu comecei a ir sozinha pro estádio em 2013, porque antes sempre teve aquela situação "tu és uma menina, tu não podes ir pra um estádio sozinha, por que que tu vais?, não tem como, é perigoso...". E aí teve um jogo do Remo no campeonato paraense, era um domingo,

⁵¹ Sigla utilizada para se referir aos Jogos Estudantis Paraenses, campeonato disputado entre as escolas que envolve diversos municípios do estado.

eu fui almoçar com os meus pais, a gente tava no shopping almoçando e o Remo ia jogar cinco horas da tarde no Manguelirão. Era Remo e Santa Cruz de Cuiarana. Era um jogo, assim, que valia a classificação do Remo para a semifinal do campeonato paraense. E eu não tinha ninguém pra ir no jogo. E nunca até então eu tinha ido sozinha, né?! Isso faz 7 anos. [...] Terminamos de almoçar e tudo e tal. Se eu fosse falar isso pro meu pai, pra minha mãe, eles iam pirar o cabeção e iam ter um troço, só que a cuíra de ir pro jogo, de ver o Remo jogar era tão grande, tão grande que teve uma hora, assim, que "Ai meu deus, eu vou ou não vou? Eu vou". Aí virei pra mamãe e disse "Mãe, eu vou assistir o jogo na casa da Jade". Jade costa larga, uma amiga minha, nem remista é [...] Ela é Paysandu [...] Aí eu falei e ela "Ah, minha filha, tá bom, cuidado, não demora muito pra voltar", "Não, mãe, só vou ficar na casa da Jade, não vou sair pra lugar nenhum, não sei o quê...", "Então tá bom". Peguei o carro, eu não tinha ingresso, eu não era sócia ainda, eu sou sócia desde 2015, isso foi em 2013. Peguei o carro, fui embora pro estádio, cheguei lá, comprei o estacionamento na hora, estacionei e fui pra fila do Ceju comprar ingresso. A situação era o seguinte, tu não tá entendendo, a fila era um monte de macho e eu. (Maria, torcedora do Remo, informação verbal)

Entre as interlocutoras, também há aquelas que não lembram quando e nem como foi a primeira vez no estádio. A ida ao campo fez parte da infância como um programa de família. As que tiveram sua iniciação na arquibancada na juventude têm em comum um aspecto, todas foram levadas por uma outra mulher que já tinha aquela vivência e que fez o convite na intenção de que a amiga também compartilhasse da experiência. Além dos casos supracitados das torcedoras Silvia e Sabrina, a trajetória se repete com Dani e Renata.

Eu sempre fui Paysandu, desde pequena, só que eu comecei a ter interesse pelo futebol através de uma amiga minha. Ela faz parte da torcida que eu faço e ela me convidou pra eu vir no jogo aqui na Curuzu. Era a primeira vez que eu tava vindo pro estádio, isso vai fazer quatro anos. E desde aí eu não parei mais, eu me apaixonei. Lá em casa nós somos metade Paysandu, metade o outro time. Eu acompanhava o time, campeonatos, tudo, no esporte, eu sempre acompanhei, sempre gostei de futebol. Mas não tinha aquele negócio de ir pro estádio. Eu vim mesmo passar a ir pro estádio através dessa minha amiga.. (Dani, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Minha primeira vez no estádio surgiu num convite através de um grupo de whatsapp, tem mais ou menos 6 anos. Eu fui com a minha irmã de criação junto com um grupo de torcedores. E lá me chamou muita atenção pelo fato de a mulher estar bem presente e que antigamente não era assim. E aquilo foi me contagiando, foi me levando a querer fazer parte daquele ambiente, sendo que antes era só televisão. Quando eu participei mesmo, que eu estive presente, que eu estava lá como torcedora de verdade, aquilo foi me deixando mais

emocionada e eu quis participar cada vez mais. Como nesse dia o jogo foi no Manguirão, eu conheci o Manguirão pela primeira vez assim, e eu fiquei muito emocionada, muito emocionada mesmo. Aí desde então, eu não parei mais, virou um vício” (Renata, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Emoção é a palavra utilizada por Renata para definir o que sentiu nesse ritual de passagem que é a primeira vez no estádio. É a torcida em seu aspecto mais puro e primário: o sensível. Para além das condições que cercaram este debute no estádio, também interessa para esta pesquisa a ordem dos afetos e sentimentos que permeiam as lógicas do torcer- e por que não ilógicas, sendo o torcer permeado por aspectos tão pouco racionais?-. Àquelas para quem a primeira vez no estádio ainda é algo que está na memória, pergunto sobre qual foi a sensação:

Eu já sentia uma certa emoção vendo pela televisão, mas quando eu cheguei ali eu vi que era outra coisa, melhor. É uma emoção tu ver a torcida cantando, tu ver todo mundo ali gritando e quase faz gol. Aí um jogador erra o passe e todo mundo grita e xinga, é desse jeito. (Sabrina, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Aquela emoção, né? Primeiro porque era um clássico, segundo porque assim teve muita briga, muita briga. Então é uma mistura de emoção, medo e aquele negócio assim de...como posso dizer? É a torcida cantando, é uma mistura de sentimento.... (Silvia, torcedora do Remo, informação verbal)

Foi emocionante! É assim, uma emoção inexplicável e não é a mesma coisa em cada jogo, entendeu? É totalmente diferente, é uma sensação boa, tu tá perto do teu time torcendo pra ele e naquele lugar. [...] Eu pensei que a gente fosse ficar mais restrita, por a gente ser mulher, eu pensei que a gente não ia ter aquela mesma emoção que os homens têm na bancada de pular, gritar e tudo, mas não no estádio é todo mundo junto, todo mundo grita, todo mundo canta. (Dani, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Acho que a primeira coisa que me chamou muito atenção foi aquela grama verde, parecia um tapete. Parece uma coisa assim, quando você sobe a rampa no Manguirão e tem aquele impacto, aquela sensação de "uau, é tudo isso aqui". Então eu lembro disso, lembro também da agitação da torcida, naquela época ainda não existia a torcida 33, então tinha a Império, tinha a Trovão Azul, essas torcidas mais antigas que a característica delas principais são as charangas, aqueles instrumentos, tem aquela coisa musical bem característica, né?! E aí eu me lembro muito disso, dos bandeirões, isso ficou muito na minha mente.” (Maria, torcedora do Remo, informação verbal)

Emoção, medo, o sentimento bom de estar perto do time, ver a torcida toda gritando e cantando, gritar e cantar junto, a reação a um quase gol, as músicas, as bandeiras das torcidas. Diversos elementos são destacados pelas interlocutoras para tentar dar conta de expressar em palavras o que foi a sua primeira experiência no estádio. Aspectos que mais do que tudo falam sobre o sentir e todos os sentidos implicados nesse processo. Se a iniciação do ser torcedora está envolta em afetos e memórias, a experiência do torcer está na ordem do sensível, tem gosto, som, cheiro, textura e cor.

Quando Maria conta que ao subir a rampa do Mangueirão pela primeira vez, o verde do gramado saltou aos olhos e provocou um impacto visual, lembro da crônica de Luís Fernando Veríssimo, “Vermelho”. Nela, o escritor descreve a primeira vez em que foi a um jogo de futebol ver o Internacional jogar, ainda sem a certeza de que aquele seria o clube que escolheria para amar. Veríssimo compara a sensação com a da famosa canção de Paulinho da Viola, “Foi um rio que passou em minha vida”:

Paulinho da Viola descreveu a primeira vez que viu desfilar a Portela. Aquele azul que passou em sua vida não era do céu, não era do mar. Era um azul só delas, da Portela e da sua lembrança. Um azul exclusivo, inexplicável, único, que nunca mais seria o mesmo. Mas não era o azul que jamais se repetiria — era a sensação de vê-lo pela primeira vez. A mesma sensação que eu tive na primeira vez em que fui a um jogo de futebol, um Grenal, e vi entrar em campo o Internacional. O vermelho da sua camiseta não era do sangue, não era do fogo. Eu nunca tinha visto um vermelho assim antes, e nos sessenta anos seguintes nunca o vi da mesma maneira outra vez. Um vermelho só reproduzível na memória. Um vermelho inaugural, inédito, como o de um rio de lava no começo do mundo. E o meu coração se deixou levar. (2010, p. 24)

Tenho certeza que Maria, torcedora que vai em todas as partidas que o Remo joga em Belém, há muito já se acostumou com o verde da grama do estádio. Hoje, talvez subir a rampa do Mangueirão não tenha o mesmo impacto da primeira vez, mas continua sendo um momento repleto de significados e emoções, o que faz com que aquele espaço seja um lugar em que a torcedora deseje voltar e volte praticamente toda semana, mesmo que o time perca, ainda que o resultado em campo não seja o esperado. No Mangueirão, além do verde do gramado, também é o azul como na música de Paulinho da Viola, que faz o coração bater apressado, o corpo todo ser tomado e a alegria voltar. Seja ele celeste ou marinho, o coração se deixa levar.

E se deixar levar é também se permitir experimentar sensações coletivas, como no depoimento de Dani. A torcedora achou que não teria o mesmo comportamento dos colegas de arquibancada, mas tomada pela emoção do estar junto se permitiu gritar, pular e cantar da mesma forma, num sentimento compartilhado.

4.2 “Tu nunca tá sozinha ali”: companhias, conversas e relações da torcida

As sensações descritas pelas interlocutoras ao lembrar da primeira vez no estádio se renovam e se transformam a cada nova experiência vivida ali. Todas as interlocutoras tornaram-se torcedoras frequentes no campo, mulheres que fazem parte da multidão apaixonada que lota as arquibancadas para ver o time jogar.

Quando pergunto com que frequência vão ao estádio, recebo respostas como: “É toda semana praticamente, sempre que o Remo joga em casa eu tô no estádio”, ou “Desde que comecei a frequentar o estádio, acredito que nesses anos eu deixei de ir acho que só duas vezes pra jogos”, ou ainda “Em todos os jogos que tem em Belém, mesmo quando é só amistoso” e “Acho que de 10 jogos, 7 eu venho”. Tem também aquelas que viajam para ver o time jogar em outras cidades e fora do estado. “Já cheguei a ir sozinha pra um jogo em Recife [...]. Também já fui algumas vezes em Fortaleza e no interior do estado”. E quando falam sobre as vezes que não puderam ir para o estádio, os impedimentos foram trabalho, faculdade, viagem, doença ou quando não tiveram com quem deixar o filho pequeno.

Como essas torcedoras vão pro estádio? Quem são suas companhias? Costumam ir sozinhas? Que relações são construídas naquele espaço? Desde que comecei minha pesquisa de campo, estes foram pontos de interesse nas observações sobre as mulheres presentes nos jogos. De forma que resolvi trazer estas questões para as entrevistas, pois entendo que a experiência do estádio não está limitada somente aos 90 minutos do jogo. Envolve a rotina pré-jogo, a preparação, a ida para o campo, o trajeto, o pós-jogo, a volta para casa, as companhias. Diversas circunstâncias que são parte de um todo.

Renata conta que para ela não há um padrão na hora de ir para o estádio: “Vou de ônibus, vou de carro, pego carona e assim vai. Não tem uma regra. É como dá, uma amiga diz: ‘tô passando de carro, vamos?’ e eu to indo. Se não, ‘olha, eu tô pegando o ônibus, vamos nos encontrar em algum lugar’ e seguimos...” As companhias da torcedora bicolor são sempre amigas mulheres, na arquibancada acaba encontrando com um grupo maior de amigos, entre

homens e mulheres. Algumas vezes também vai sozinha e encontra com as amigas no estádio.

Também é acompanhada de outras mulheres que Carla assiste ao jogo do Remo. No carro vai ela, a namorada Maria - igualmente interlocutora desta pesquisa - e mais algumas amigas. Antes de começarem a namorar, as companhias eram familiares, tios e primo. Hoje ainda encontra com eles na arquibancada, onde sentam todos juntos. Carla conta que em toda sua trajetória de ida para jogos, nunca foi ao campo sozinha:

Antes sempre tinha companhia do meu tio, do meu primo e às vezes quando não dava pra eles irem e eu tinha vontade de ir sozinha, aí ficava aquele negócio, "é muito perigoso uma mulher sozinha". Tanto que quando comecei a ir com a Maria logo no início ficavam assim "ah, mas vão só vocês duas?". Depois foram se acostumando, tanto que na maioria das vezes, a gente encontra com eles só lá quando chega. (Carla, torcedora do Remo, informação verbal)

Já para Maria ir acompanhada para os jogos só se tornou comum quando começou a namorar com Carla. Antes ia sozinha de carro para o estádio, às vezes dava sorte de encontrar algum amigo pela arquibancada, mas desde que voltou a frequentar o campo, ir desacompanhada nunca foi um empecilho. O importante é ver o time jogar:

Eu assisti sozinha a maior parte dos jogos do Remo em 2015 do acesso, que foi aqueles jogos da série D pra série C, quando o Remo subiu pra série C. [...] Eu sempre vou de carro, aí teve um jogo desses em 2015 que eu me lembro que foi tanto sufoco que eu fiquei sozinha dentro do meu carro e foi uma confusão geral na frente do carro, em frente do portão A2. Até a cavalaria no meio do povo, era cavalo roçando no carro e eu lá, sozinha, aqui eu vou ficar e aqui ninguém vai me tirar. Entrei e o Remo já tava com uns 20 minutos de jogo praticamente, mas eu entrei e o Remo fez o gol. Então assim, vale cada sufoco, cada coisa que você passa. (Maria, torcedora do Remo, informação verbal)

Maria também possui superstições no que se refere a companhias. Ir com alguma amiga pode ser sinônimo de sorte para o time, com outras significa derrota:

Tenho uma amiga que é um amuleto, é um talismã porque toda vez que ela foi até agora o Remo ganhou. Eu tenho certeza que o Remo não subiu porque ela não foi lá pro estádio. Já a minha cunhada é zica total em RexPa, não tem condições. Porque o Remo nunca ganhou um RexPa com ela, ou fica empate ou o Remo perde. (Maria, torcedora do Remo, informação verbal)

Quando o jogo é do Paysandu com outro time que não o Remo, Júlia vai sozinha e encontra com os amigos - a maioria mulheres - já no campo. Em dia de RexPa, costuma ir

acompanhada do marido que é remista. Chegam juntos, o esposo a deixa no portão de entrada e segue para sua torcida. Para o Mangueirão, Júlia destaca que não costuma ir de transporte público: “Quando é na Curuzu eu vou de ônibus, quando é pra cá eu venho de carro porque eu acho um pouco perigoso pra cá pro Mangueirão. Tem a descida e eu desço um pouco mais longe”.

Ana também compartilha da experiência de ter um marido que torce para o time rival. Em dias de RexPa, o casal até vai junto para o jogo, de carro próprio, mas ao chegar no campo ela segue para a torcida do Remo e ele do Paysandu. Porém as companhias mais frequentes da remista são os irmãos, mantendo a tradição da infância: “Venho com meu irmão. Meu marido é do outro lado, mas a gente sempre vem junto, aí a gente já sobe a arquibancada eu e meu irmão. E às vezes ainda vêm mais os três irmãos e mais os meus primos. Aí a gente se encontra e sobe na arquibancada”. Por sempre ter com quem ir, a torcedora nunca precisou ir sozinha ao estádio.

Já Dani torce para o mesmo time do esposo, que também é integrante da Terror Bicolor, torcida organizada da qual ela faz parte. Eles costumam ir juntos para os jogos, de moto. Quando não, ela vai junto com o bonde do bairro dela, o BVU Cabanagem: “Quando é dia de jogo no Mangueirão, a gente se reúne tudo próximo ao Líder Independência, todos os bondes e de lá a gente vai andando até o Mangueirão, todo mundo”. Se precisar também vai só, e encontra os amigos lá: “Aquele ambiente é meu, eu já me sinto à vontade nele. Eu não tenho receio, nem nada de ir pro estádio sozinha”.

Como trabalha também nos fins de semana, muitas vezes sai do trabalho direto pro jogo. Nos dias em que a torcida está realizando alguma ação social, costuma chegar mais cedo no estádio:

Quando eu costumo chegar assim duas horas antes, é quando a gente vai fazer alguma arrecadação de alimentos, já que a gente às vezes precisa ajudar alguma pessoa. A gente diz "gente, no jogo, quem puder levar um quilo de alimento". Aí já chega antes, já faz aquela coleta daquele alimento pra poder guardar direitinho antes de entrar no estádio. (Dani, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Geralmente quem integra as organizadas, costuma ter a companhia dos próprios colegas de torcida para ir ao estádio. Desde quando começou a ir para os jogos, Silvia participa da Pavilhão 6, então nunca aconteceu de ficar sozinha na arquibancada. Às vezes saía de casa só e encontrava os amigos no trajeto:

Não tinha ninguém lá do meu bairro que ia, ou ninguém era Pavilhão. Então eu encontrava com os meninos no caminho, eles ficavam esperando o ônibus, eu dizia o ônibus que eu tava e ia com eles, ou às vezes ia e encontrava com eles no estádio. Agora não, vou pra sede e da sede saio com eles. [...] Lá sempre tem uma condução pra gente, quando não tem a gente vai de ônibus normal mesmo, se divide. (Silvia, torcedora do Remo, informação verbal)

Também já foi sozinha quando viajou para ver o Remo jogar, representando a Pavilhão. Durante o período em que integrou a diretoria da torcida, passou a ter uma rotina em dias de jogos que fez com que a ida para o estádio envolvesse circunstâncias para além do lazer:

O jogo é quatro horas, tu tem que tá na sede oito horas, nove horas da manhã, porque tem que abrir a loja, tem que cuidar dos materiais, tem que movimentar a sede. Aí tu sai pro jogo duas horas antes porque tu tem que colocar o material pra dentro, coloca a faixa, tudinho. Depois tem o período do jogo, aí tu tem que esperar, se for clássico dependendo se teu time ganhar ou perder, tu tem que sair bem depois. [...] Umas seis horas mais ou menos termina o jogo, sete horas tu ainda tá por lá, guardando material, até voltar pra sede. Aí tu vai chegar na tua casa lá pras dez horas da noite, então é muito cansativo. [...] Além de outras preocupações e correria, se precisar resolver algum problema com a polícia ou com o Remo, alguma coisa tem que tá lá cedo pra resolver. (Silvia, torcedora do Remo, informação verbal)

Situação semelhante é vivenciada por Sabrina, como integrante e uma das coordenadoras das Bicolindas. A ida para o estádio começa muitas horas antes do jogo:

A minha rotina dia de jogo, quando eu tô com as meninas a gente tem que tá na sede 11h30, porque a van sai meio dia, uma hora, quando o jogo é 4 horas. [...] De lá a gente vai pro Mangueirão, porque a gente acha que é rápido mas não é rápido, quando vê já tá em cima da hora. Lá a gente pode tomar banho, se arrumar, se maquiar. Eu faço questão que as meninas já vão um pouquinho arrumadinhas, pra chegar lá e só ficar retocando. Dá umas 3 e 15 e já é pra tá todo mundo pronto. Elas dão uma passada na coreografia, enquanto as coordenadoras ficam responsáveis pra dar o lanche, pra ficar informando qual é o horário de quê ali. E acho que umas 15 pras 4, nós entramos pra pista de corrida. Porque aí sempre vem o hino, o túnel pra fazer, então a gente tem que entrar com 15 minutos antes. Aí acaba o jogo 6 horas e a gente sai do Mangueirão 6 e meia, quase 7 horas. E essa é a minha rotina: dia de jogo que é no horário de 4 horas da tarde, eu saio de casa 10 horas da manhã pra chegar quase 8 horas da noite. (Sabrina, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Hoje, por ser animadora de torcida, Sabrina assiste aos jogos do gramado. Quando ia para a arquibancada, ia de carro com amigos e sentava junto a uma torcida organizada. Foi apenas uma vez para o estádio desacompanhada:

Assim na hora do gol quando sai, tu consegue amizade do lado e do outro, tu nunca tá sozinha. Uma vez quase que eu derrubo um senhor da arquibancada, saiu o gol e a gente pulou, se abraçou.. Então eu não achei muito estranho, eu não achei ruim [...] Eu tenho medo de ir de ônibus quando é jogo, mas eu peguei um moto táxi porque é bem pertinho, moto táxi de ida e de volta. (informação verbal)

Seja família, colegas de organizada, amigos, amigas, namorada, marido. As companhias para ir ao estádio são as primeiras interações construídas ali. Antes de fazer parte de um todo, a torcedora faz parte de um grupo e essas relações podem permitir experiências diferentes dentro do campo.

Durante a observação participante realizada, pude perceber como o silenciamento era mais comum entre as mulheres do que entre os homens. Torcer interagindo, puxando assunto, conversando inclusive com desconhecidos na arquibancada, foi um comportamento visualizado muito mais entre os homens. Tendo a noção de que o patriarcado coloca a mulher e sua palavra em constante questionamento, pergunto às interlocutoras se sentem-se à vontade para fazer comentários sobre o jogo, conversar com quem está perto na arquibancada, se sentem-se ouvidas. As experiências divergem.

Sabrina relata que sempre se sentiu respeitada ao conversar com os colegas de arquibancada:

Eu não sei se é porque eu sempre fiquei do lado da pessoa certa pra me escutar, pra também comentar coisas do jogo comigo e eu responder. Mas eu sempre sou escutada, claro que cada um tem sua opinião, às vezes bate a tua opinião junto com a da outra pessoa, principalmente quando é sobre um lance. Mas eu nunca me senti desrespeitada, sempre me senti à vontade pra fazer o meu comentário sobre o jogo com as pessoas que estão ali ao meu redor. (informação verbal)

Júlia acha que ainda há uma ideia generalizada de que a mulher não entende de futebol, o que faz com que exista um desrespeito: “Às vezes tem algumas pessoas que "Que que essa menina tá falando? [...] Ela não entende nada de futebol e tudo mais". Ainda é um pouco assim, infelizmente.”

Para Renata, nem sempre quem comenta o jogo está esperando resposta. Falar em voz alta, para a torcedora, é algo natural da torcida:

Olha, no momento, assim, a gente nem olha pra quem tá do lado. A gente comenta, a pessoa que tá do lado responde ou não [...] No momento da euforia, tem vários torcedores lá, pessoas que eu não conheço, pessoas que eu conheço...e na hora que nós estamos comentando, aí vira e fala. Quando não, alguém tá comentando atrás de mim, eu viro e converso com a pessoa e assim vai. (Renata, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Já para algumas torcedoras, estabelecer ou não uma conversa, ser ou não ouvida depende de com quem você está falando. Para Carla e Maria, nestas experiências interativas estão incluídas questões geracionais:

A galera mais nova que é mais respeitosa. [...] Esse pessoal mais antigo, mais velho, eles são mais fechados pra isso, acho que eles não dão muita abertura pra ter uma conversa. Enfim, acho que eles devem pensar "o que que eu vou conversar com essa menina?", "O que que ela entende de futebol?". (Maria, torcedora do Remo, informação verbal)

Eu acho que depende muito das pessoas com quem você está conversando, entendeu?! Tem gente que é de boa, aceita, te ouve, ainda mais quando sabe que tu entende. Mas tem uns que mesmo assim não ouve muito bem. Acho que principalmente os homens mais novos têm uma mente um pouco mais aberta de ouvir e de conversar, ainda mais quando eles percebem que a gente entende do assunto. Geralmente os mais antigos são mais desconfiados, tipo "procede o que essa menina tá falando?", mas no geral debatem. Eu nunca enfrentei nenhuma situação de "ah, cala a boca que tu não sabe o que tá falando", eles ouvem, entendeu? Mas tu percebe quando os torcedores levam mais a sério e quando outros não. (Carla, torcedora do Remo, informação verbal)

Enquanto para outras torcedoras, ser ouvida tem a ver com provar que ela entende de futebol. Está por trás desta ideia a necessidade de que a mulher precisa legitimar seu lugar na arquibancada, se afirmar como torcedora:

Teve uma vez que tavam reclamando do Eduardo Ramos⁵². Lances do jogo, né?! Aí eu falei "não adianta vocês ficarem torcendo contra, tem que torcer pra dar certo". E no último minuto, do clássico, ele fez o gol. Aí tinha um pessoal do meu lado, todos me abraçaram [...] essa alegria assim. Então isso é bacana. Aí eles já começam a entender que a gente também sabe. (Ana, torcedora do Remo, informação verbal)

Tem umas pessoas que gostam e tem umas pessoas que entendem de futebol. E eu faço os dois, eu gosto muito e também eu procuro entender de futebol. Eu tenho um filho que tem 19 anos e eu sempre assisti jogo com ele. E quando você entende que vai questionar ou

⁵² Jogador que atua no meio de campo do time remista e que divide opiniões entre a torcida

falar, eles sempre te ouvem normal. (Dani, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Visão semelhante é compartilhada por Silvia. A torcedora que vem de uma trajetória ligada à torcida organizada acredita que para ter a opinião ouvida, a mulher precisa conquistar o espaço, é algo que só vem com um tempo de caminhada.

Hoje eu acho que eu tenho minha opinião respeitada, porque eu batalhei muito pra isso. Querendo ou não, eu me forcei muito pra ter o meu lugar de voz. E esse mesmo lugar de voz que eu tenho, eu incentivo as meninas a terem também. Hoje eu consigo debater com eles, debato, discuto e eles respeitam porque eles sabem também da minha caminhada, entendeu? Às vezes a gente tem umas ideias diferentes, a gente fica discutindo [...]”(Silvia, torcedora do Remo, informação verbal)

O relato de Silvia vai ao encontro da ideia discutida no segundo capítulo, a partir de Solnit (2017), sobre como a credibilidade é uma ferramenta de sobrevivência para a mulher. Muitas vezes, para ser ouvida, para ter sua palavra considerada, a mulher precisa passar por processos de legitimação. E essa posição que ela ocupa, a imagem que ela representa pode determinar o quanto aquela mulher é digna de falar e ser ouvida.

No universo do futebol, as mulheres raramente são o primeiro público procurado quando é para falar sobre este esporte. Poucas são as figuras femininas ocupando espaço como comentaristas, apresentadoras, colunistas. Quando pensamos em futebol e sobre quem está tecendo comentários sobre o esporte, os homens são a maioria. As mulheres que têm vez e voz precisam demonstrar mais competência, mais conhecimento para conseguirem algum espaço.

E as mulheres que compõem a torcida apaixonada por futebol, que vão aos jogos, seguem e dedicam parte da sua vida a um clube, com quem elas encontram espaço para falar sobre o time, sobre os lances, sobre os campeonatos, ou até mesmo sobre seus sentimentos como torcedora? Na perspectiva de compreender como essas interações ocorrem na trajetória das torcedoras, questiono as interlocutoras sobre com quem elas conversam quando o assunto é futebol.

Para algumas das torcedoras, os interlocutores (as) são as mesmas companhias de ir para o estádio, o que mostra como as socialidades do torcer ultrapassam aquele espaço.

Sobre futebol eu converso com a minha namorada e a minha amiga que vai com a gente. Quase que diariamente a gente fala sobre o Remo, sobre as novidades, sobre quem vem, quem vai jogar, quem

não vai, sobre se o Vinícius⁵³ tá bem [...]. É assunto recorrente demais, assunto diário. (Maria, torcedora do Remo, informação verbal)

Além das duas, Maria também cita os tios da namorada com quem conversa no ambiente do estádio e um colega de trabalho, que também é fanático por futebol:

Nós conversamos abertamente sobre o Remo, diariamente sobre as novidades, sobre o que acontece, e ele é mais velho que eu. E a gente conversa como se eu fosse da mesma idade que ele, e é um homem. E ele super me respeita e é de outra geração. Então eu acho que isso de um tempo pra cá tem essa abertura de haver essa conexão entre homens e mulheres dentro de um estádio mais tranquilamente, de maneira mais igual. Ainda não é o ideal, estamos longe do ideal, mas já melhoramos muito. (Maria, torcedora do Remo, informação verbal)

A vivência como torcedora organizada influencia as interações construídas por Silvia. Seus principais interlocutores acabam sendo pessoas que ela conhece por causa da torcida.

Eu acho que são dois amigos meus da torcida, um deles o meu ex presidente. As pessoas também de outras torcidas, tenho amigos do Fortaleza, da JGT⁵⁴. E a gente já conversa mais entre as mulheres, agora a gente já consegue debater [...] A gente tá evoluindo, é um processo de evolução. (Silvia, torcedora do Remo, informação verbal)

Com as meninas da torcida, para além de parceiras para trocar ideias sobre futebol, Silvia acabou desenvolvendo também uma relação de cuidado. Quando estava na posição de diretora do departamento feminino, acabava se sentindo responsável pelas companheiras de torcida: “Quando eu fiquei na frente eu fui conhecer um outro lado meu, porque é tipo como se eu fosse aquela irmã mais velha ou a mãe delas. Eu ficava assim "quem já chegou? quem já chegou, dá um alô", aquela preocupação [...] Então saber que elas chegaram bem também, dá um alívio”.

Experiência semelhante é relatada por Dani, para quem o ambiente da torcida organizada também é um espaço de proteção: “Quando a gente sai do estádio, os meninos também têm muito cuidado com a gente, eles sempre falam "olha, bora com a gente", ou então "olha, quando vocês forem cuidado, liguem", eles sempre têm essa proteção”. Sobre

⁵³ Vinicius é o goleiro do Remo. Por seu bom desempenho, é hoje em dia o jogador atual mais querido e respeitado pela torcida remista.

⁵⁴ JGT é a Jovem Garra Tricolor, torcida organizada do time do Fortaleza, Ceará.

conversar de futebol, a torcedora conta que até troca ideia com amigos da torcida em grupo, mas seus principais interlocutores são homens da família:

Eu converso assim muito com meu marido e com meu filho, a gente conversa muito de futebol, a gente assiste esporte juntos. Quando eu tô lá pra casa da minha mãe, a gente já assiste esporte, jogo, a gente sempre vê na rede social também. Quando a gente se encontra, a gente comenta "tu viu essa contratação não sei o que...", a gente sempre fala de futebol, nós três. (Dani, torcedora do Paysandu, informação verbal)

É interessante destacar que o filho a quem Dani se refere é remista, informação que a interlocutora hesitou em me revelar. Ela contou que tentou de tudo para que o filho fosse bicolor, mas não deu. Hoje a rivalidade é motivo para brincadeiras entre os dois:

Desde pequeno eu incentivei ele a ser Paysandu, comprei bandeira, roupa e ele falava papão. E o pai dele era Remo, né, e o pai dele não se importava, ele falava "não, não me importo. Quando ele decidir, ele vai saber o que ele vai ser". E aí ele decidiu pro lado do pai dele. [...] Mas eu encarno muito nele. Quando o time dele perde, que perde pra caramba, eu falo "olha, eu tentei te tirar dessa situação, mas tu não quis, agora aguenta as consequências". Ele fica um pouco chateado, mas leva tudo na esportiva. [...] Ele também vai pra estádio. Já fomos juntos e fomos pra lugares separados, mas é difícil a gente ir juntos. Ele sempre vai mesmo com o pai dele, com os amigos dele. (Dani, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Essa encarnação também é vivenciada dentro da família por Renata, sendo a única bicolor da casa. Ao conversar com o pai e o irmão sobre futebol, a interação é marcada por sociabilidades jocosas:

No caso, os que moram comigo são remistas, os meus pais de criação.[...] E aí é muita encarnação.. Às vezes a gente conversa, tem uns papos sérios em relação ao futebol, mas às vezes tem bastante encarnação, quando o time foi ruim e aí começa "ah, o time não presta", essas coisas. (Renata, torcedora do Paysandu, informação verbal)

A torcedora também menciona, entre seus interlocutores, amigos que também são companhias de estádio. São três: um homem e duas mulheres. Além disso, faz parte de um grupo de *whatsapp* para trocar informações sobre o time:

Eu faço parte de um grupo de whatsapp. Nós sempre nos encontramos nos jogos, sempre estamos juntos, torcendo juntos e trocamos informações pelo whatsapp. Quando sai alguma notícia do Paysandu, eu vou, envio pra eles. Quando não, eles estão enviando. Até então os homens estão predominando. A porcentagem de

mulheres ainda é pequena, mas eu espero que isso mude. (Renata, torcedora do Paysandu, informação verbal)

É o torcer para além de espaços físicos, mostrando que estar junto para compartilhar o sentimento por um time não está condicionado a um ambiente. Carla também conta fazer parte de um grupo de *whatsapp* de torcedores do Paysandu, mas que dificilmente utiliza o espaço para dar opiniões. O grupo acaba sendo apenas uma fonte de informação, discutir futebol mesmo é mais com as companhias de estádio: a namorada, a amiga, os tios e o primo.

A trajetória de Carla como torcedora está a todo tempo atravessada por relações familiares, por uma família que é inteiramente remista e que vive esse sentimento pelo time de forma intensa. Em vários momentos da nossa conversa, a torcedora conta episódios que mostram essa paixão pelo time: o avô que saiu do hospital para ver o Remo jogar e faleceu dias depois; os encontros e aniversários de família onde sempre é cantado o hino do clube, o bisavô que vendia laranjas no Baenão, entre outros. Mas a maioria dos episódios está ligada a uma referência feminina, a avó. Com 90 anos recém completados e comemorados com um aniversário temático azulino e com direito a um vídeo de parabéns gravado pelo craque remista, Vinícius, a avó de Carla é uma influência como torcedora para ela e para outras mulheres da família. Além disso, é uma interlocutora para Carla, quando se trata de falar sobre futebol:

Sempre converso com a minha avó, quando a gente chega com ela, ela sempre pergunta como é que tá, quem é, se fulano de tal mesmo saiu, se fulano tá machucado... E quando a gente assiste jogo com ela na televisão, aí ela também vai perguntando. Às vezes ela não enxerga muito bem, tem que ficar alguém do lado dela dizendo quem pegou a bola [...] Ela tá com 90, ela só não vai pro estádio porque ela não tem mais condições físicas. Mas ela não perde um jogo, ela sabe o nome dos jogadores, ela sabe conversar contigo sobre o que tá acontecendo com o Remo. (informação verbal)

As relações familiares são espaços de conversas sobre futebol em várias trajetórias, com o marido, a avó, os tios. No caso de Sabrina, a mesma influência paterna que está na origem da sua identificação como torcedora também faz com que o pai seja seu principal interlocutor. Além dele, há outra figura masculina:

Sobre futebol primeiro vem o meu pai, eu vejo o meu pai muito como meu amigo, mora só eu e ele, então a gente sempre tá ali conversando. E sobre futebol mesmo eu converso sempre com ele. Depois dele, tem um rapaz com quem eu tenho um relacionamento, ele não é do Paysandu, ele é do Remo mas a gente comenta muita coisa, só não dá pra levar muito além o assunto porque do nada um

começa a falar uma besteira, aí começa a jogar as piadinhas, aí pronto, acabou o assunto e começa a briga. Mas acho que são as duas pessoas, depois dos dois aí vem um grupo de amigas que eu tenho. (Sabrina, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Apesar de fazer parte das Bicolindas, Sabrina não tem o hábito de conversar com as colegas sobre futebol. Por estar numa posição de coordenação, acha que pode ser mal interpretada se tecer alguns comentários:

Eu não converso muito com as bicolindas em relação a isso, porque às vezes eu tenho medo de falar muito sobre futebol ali e as meninas querendo ou não, acharem que eu quero ser mais torcedora do que qualquer uma delas. [...] Em relação a críticas também, eu prefiro não me posicionar ali dentro porque o nosso grupo tá ali pra apoiar o Paysandu independente de qualquer erro. Como alguém de dentro do clube, eu sei que tenho que apoiar o meu clube. Mas se eu for falar como torcedora do Paysandu fora do clube, é claro que eu vou criticar [...] Então são coisas que eu prefiro comentar com gente que esteja desse lado de lá. (informação verbal)

Além das relações familiares, outro ciclo de sociabilidades que também aparece nas entrevistas como espaço de conversas sobre futebol é a vizinhança. Na experiência de Ana, família e rua se misturam nessa relação, seus interlocutores são homens:

Converso com meu marido mesmo e meu irmão. E na frente de casa, do lado são três casas, eu moro de esquina e tem do lado da casa da minha tia que são cinco homens lá são tudo Paysandu. Da casa da minha avó, eles são paysandu lá e os genros deles são remistas. Aí a gente se reúne e começa a debater, então praticamente eu entendo de futebol, de algumas coisas, sobre escalação, sobre essas coisas. [...] Terminou o jogo a gente fala o que tá certo, o que tava errado, do que poderia ser melhor. A gente debate muito. (Ana, torcedora do Remo, informação verbal)

O esposo também é o principal interlocutor de Júlia, apesar de ele ser torcedor do rival. No meio dessa relação, tem também o filho de 5 anos, que acaba sendo levado para as duas torcidas:

Eu costumo trazer ele, não pro Mangueirão, mas eu levo ele pra Curuzu. Sempre tô envolvida com ele. Como meu marido é remista, aí fica meio uma briga assim. [...] Quando ele tá com o pai dele, ele é remista. Quando ele tá comigo, ele é Paysandu. Eu já vim uma vez pro jogo do Remo por causa do meu filho, porque o pai queria trazer, e eu vim por, sei lá, instinto materno de querer proteger. [...] Eu quero que ele escolha, não vou forçar nada. Tô levando ele pra que ele seja Paysandu. Porque ser Paysandu é coisa de louco, não tem explicação e eu quero que ele sinta isso. (Júlia, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Em todas as interlocutoras, é possível perceber como torcer por um time nunca é algo solitário. Mesmo que se vá sozinha para o campo; mesmo quando se é a única da casa que torce para um time. Ainda que torça calada, sem puxar assunto com ninguém na arquibancada. A experiência da torcida é relacional, comunicativa, interacional. Está no plano da intersubjetividade e é cercada de afetos, seja entre amigos, em laços familiares, entre companheiros de organizada, ou até mesmo entre desconhecidos.

Se torcida é substantivo feminino, torcer é verbo transitivo indireto⁵⁵. E o complemento não é apenas torcer “para”. Torcer é antes de mais nada torcer “com”.

4.3 “Todo mundo na vida deveria ter essa experiência”: o estádio e o encontro entre os corpos

O que faz com que a ida para o estádio seja algo tão importante na experiência do torcer? No que assistir ao jogo naquele espaço difere de acompanhar a partida em casa pela televisão, rádio ou internet? Quais são as relações construídas no estádio e o que as torna tão singulares?

A emoção é totalmente diferente. Na televisão, a gente pode voltar dependendo do que tu tá assistindo. E no estádio a emoção é única. É lance a lance, entendeu?! É brigar naquela hora [...] a emoção é inexplicável, o calor da torcida também é uma coisa sensacional, fora do comum. A gente assistindo pela TV não consegue ter a energia também dos demais torcedores. E é isso que te deixa mais apaixonado ainda.[...] Você estando no estádio é diferente, o amor é diferente e são energias diferentes. (Ana, torcedora do Remo, informação verbal)

Toda a energia que rola da gente estar ali, parece que a gente tem mais confiança que o time vai jogar melhor, que ele vai tá melhor se a gente tiver lá. E também a gente acha que dá uma energia a mais pro time. Quando a gente tá na TV, a gente pode estar ouvindo comentário e tudo, tem a comodidade, mas não é tão legal, sabe?! E a gente tem todo nosso ritual, parece que cada superstição vai ajudar também o time a ganhar... (Carla, torcedora do Remo, informação verbal)

Quando Ana e Carla, assim como outras interlocutoras, comparam o assistir ao jogo presencialmente ao assistir em casa pela mediação da TV, elas destacam que a comodidade da televisão pode até permitir rever um lance, ouvir comentários, mas não faz sentir o calor da torcida, a energia dos demais torcedores. As falas evidenciam o papel da comunicação na

⁵⁵ O verbo torcer pode ser transitivo ou intransitivo.

experiência do torcer. Não a comunicação midiaticizada, da transmissão do jogo pela TV, e sim aquela construída em um estádio de futebol, a partir da vinculação entre os corpos.

Para compreender o papel do corpo nesse processo, recorro às ideias de Norval Baitello Junior. O autor, que tem como referência e ponto de partida os estudos do alemão Harry Pross, classifica o corpo como mídia primária na vida humana, a partir da ideia de que “toda comunicação inicia no corpo e nele termina”.

É essa a comunicação que ocorre no flerte, na articulação e na leitura dos gestos e da mímica facial, no movimento e deslocamento no espaço dos estudantes, sindicalistas, movimentos populares e pequenos produtores da agricultura que vão às ruas em passeata, demonstrando com o próprio corpo seu descontentamento (quem conseguiria imaginar que um banqueiro ou um grande industrial o fizesse de forma semelhante?). Na diplomacia e no cerimonial, também é o corpo e seu portar-se que prioritariamente deve ser regulamentado, quem se senta ao lado de quem, quem cumprimenta quem, onde ficar, como andar, para que lado olhar, que gestos são permitidos e quais são proibidos. Eis a mídia primária. Impensável qualquer interação de um indivíduo com outros indivíduos sem o corpo e suas muitas e múltiplas linguagens, os sons, os movimentos, os odores, os sabores e as imagens que se especializam em códigos, conjuntos de regras com seus significados, "frases" e "vocábulos" corporais. (BAITELLO JUNIOR, 1999, p. 2)

Apesar de partir do pensamento de Baitello Junior, nesta pesquisa não tenho a intenção de analisar minuciosamente gestos, movimentos corporais e expressões - como quem procura esgotar os significados de uma piscadela -, e nem o propósito de analisar as mensagens enviadas de um corpo para o outro. Porém, a compreensão do corpo como mídia permite compreender o estádio a partir do princípio da ambiência.

O corpo não se reduz a um único vetor ou a uma única direção de vinculação... não é... mero meio de comunicação ou mídia. Muito antes, ele é um catalisador de ambientes, e talvez seja sempre o catalisador inicial de um ambiente comunicacional. Podemos nomear essa implicação de “princípio da ambiência”. Sua simples presença gera a disposição de interação, desencadeia processos de vinculação com o meio, com os outros seres do entorno e com seus iguais... Somos vocacionados para a interação com outros que preencham nossas faltas e necessidades, porque somos corpo, com limites e alcances espaciais claros, com uma duração apenas presumível, mas indubitavelmente finita. (BAITELLO JUNIOR, 2008, p. 99)

Dessa forma, o estádio de futebol é um ambiente comunicacional, que permite a vinculação entre os corpos e a construção de um comum. Estar naquele espaço significa também estabelecer conexões e relações:

Hoje no estádio eu me sinto assim como se eu confraternizasse todo tempo com meus amigos, porque é lá que a gente se encontra. A gente passa tempo, às vezes semanas sem se ver, Mas lá a gente se encontra e a gente vê que é a mesma amizade, conversa, eu gosto muito de estar ali no estádio. (Dani, torcedora do Paysandu)

A fala de Dani permite visualizar a importância da comunicação estabelecida presencialmente, em sua forma mais primária, sem aparatos tecnológicos, com “emissores e receptores em um mesmo espaço físico e num mesmo tempo” (BAITELLO JUNIOR, 2000, p. 5). Uma comunicação essencial para o estabelecimento da vida em sociedade, dos vínculos, das amizades. É como Baitello Junior explicita, se utilizando inclusive de um termo do futebol: “mídia é o meio de campo que procura superar o abismo entre eu e o outro” (2012, p. 60). Sendo o corpo uma mídia primária, essa perspectiva culmina em uma afirmação tantas vezes reiterada pelo autor: todo corpo pede corpo.

A ideia de que todo corpo pede corpo parte da concepção de que a história do indivíduo é constituída por vínculos, desde o nascimento até a morte. O corpo precisa se comunicar com outro corpo para superar o abismo e para suprir algo que lhe falta, pois “a falta é um sentimento corporal. Quando nos falta alguma coisa, é o nosso corpo o primeiro a registrar essa falta” (2012, p. 105). E para suprir a falta, recorremos às imagens:

Se o corpo pede corpo e não é atendido, criam-se mecanismos para que ele se contente com o que recorda o preenchimento de sua carência. É, às vezes ele se contenta com imagens (internas ou externas), recordações, resquícios, formas de vazios. Mas as imagens tanto lembram a presença como igualmente recordam a ausência. E o corpo é algo da ordem da presença em toda a sua sensorialidade. (BAITELLO JUNIOR, 2012, p. 105)

Ainda que se recorra às imagens, decidindo assistir ao jogo do time do coração pela televisão, para uma torcedora que está habituada a ir ao estádio, a experiência nunca será igual:

Sentimento de amor, né, de tá lá acompanhando, é emoção, é aquele momento que tu pode extravasar. Já passa a semana todinha naquele estresse de trabalho e acompanhar o teu clube é isso, é amor. [...] Acho que se eu fosse assistir em outro lugar já seria meio estranho, porque tu já tá acostumada com aquela batida da bateria, tu tá agitando todo tempo, na hora de cobrar tu tem que cobrar, entendeu? Nem sei te dizer como seria se fosse de outro jeito. [...] Tanto é que esse último jogo eu não assisti [a torcedora não pôde ir ao estádio e preferiu não ver o jogo pela televisão]. Muito estranho tu ficar em casa e assistir pela televisão, parece que todo tempo tá faltando algo. Não é a mesma coisa, é muito agonizante. (Silvia, torcedora do Remo)

O que falta nessa experiência mediada é a sensorialidade da arquibancada, a música e o agito singulares. É claro que o torcedor pode se conectar ao time e vivenciar sua paixão pelo clube através das mídias terciárias, àquelas que segundo Baitello Junior (2008) necessitam de aparatos tecnológicos: a TV, o rádio, entre outras. Mas como o autor destaca, temos existências diferentes quando nos comunicamos presencialmente, corpo a corpo.

Eu posso dizer que representa um amor muito forte, um amor que a gente não sabe explicar, não temos palavras pra isso. Mas a emoção que nós sentimos ao estar dentro do estádio assistindo o jogo, muitas das vezes xingando, o que faz parte do torcedor, eu posso dizer que é gratificante. São emoções que nós passamos, que nós sentimos, muitas vezes choramos por isso, eu não tenho nem explicação. (Renata, torcedora do Paysandu, informação verbal)

É surreal, né?! Surreal, completamente diferente do que assistir numa tela de tv, num computador. Porque você estando ali você vive, você sente a energia. O estádio de futebol é um caldeirão de energia, de energia positiva, é um lugar onde você deixa muita coisa ali, em termos de espírito mesmo. Tu trabalha a semana inteira, tu tá super estressado e quando chega no sábado, no domingo, você vai ao estádio pra ver o teu time de coração jogar, muita coisa fica ali, muita coisa, porque você extravasa seja de alegria, seja de raiva. Você extravasa, porque você grita, você berra, você xinga[...]é uma experiência única. Eu acho que todo mundo na vida deveria ter essa experiência de torcer pra um time e estar num estádio de futebol. (Maria, torcedora do Remo, informação verbal)

O estádio é este espaço em que emoções não precisam ser contidas, um caldeirão de energias onde o amor é expressado em suas manifestações mais extremas: o choro, a raiva, a alegria, o extravaso. Aspectos sensíveis definem a experiência do torcer e as performances materializam suas práticas. Estes corpos que se encontram nos estádios não são estáticos, são corpos que performam:

Eu fico muito nervosa quando eu assisto o jogo. Eu fico roendo toda a unha, já destruí todo meu esmalte [...] Eu brigo com os jogadores, eu viro bicho quando eu tô no estádio. [...] Fico focada no jogo, fico agoniada, fico roendo sozinha as minhas unhas, chamando "caralho" mesmo, gritando. Aí todo mundo me olha e fala "Ei, caramba! não vai ficar doida aí". Tem gente que fala isso, né?! Aí fico sentada, fico em pé.... (Ana, torcedora do Remo, informação verbal)

Eu grito mais, eu sou de falar mesmo, de gritar, de reclamar, entendeu? De contestar".(Dani, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Eu não sou das que falam muito não, acho que eu sou até mais das que são apreensivas do que das que falam. Mas às vezes me dá um encaralhamento e eu xingo, né, "filha da puta", "ladrão". E tem uma coisa assim, porra, juiz é foda, juiz é uma coisa foda, então às vezes não tem condição. (Maria, torcedora do Remo, informação verbal)

“Virar bicho”, xingar, contestar, roer as unhas, gritar. Várias performances que fazem parte do padrão de comportamento da arquibancada. Mesmo havendo este padrão, expressões e atitudes que já são esperadas naquele espaço, a performatividade também atua sobre as performances. É possível notar isso quando Ana conta que quando está gritando é repreendida, é chamada de doida, embora isso seja algo comum na torcida.

As performances partem de um comportamento restaurado, mas estão dotadas de emoções, como no relato de Sabrina:

Eu vibro, eu choro, eu bato o pé, eu grito, eu saio de lá sem voz. [...] No último jogo do Paysandu ano passado que a gente já tava ali com a mão no título da Copa Verde, parece que quando eu vi aquele gol no último minuto de jogo, eu lembrei do jogo contra o Náutico⁵⁶ e aquilo já me fez começar a passar mal. [...] Quando o Cuiabá começou a pressionar muito o Paysandu, eu comecei a realmente passar muito mal, eu tava gelada, me tremendo toda. Tanto que as meninas que foram pra coordenar falaram assim "fica aqui, senta aqui". E eu já fiquei ali, as meninas na hora dos pênaltis tudo arrumadinhas e eu não tenho condição pra ver pênalti. [...] E eu falei "não vou ver" eu abaixei a minha cabeça, eu sempre abaixo a minha cabeça quando chega esses momentos e começo a passar muito a mão assim no cabelo, e comecei a chorar. (informação verbal)

Sendo animadora de torcida, precisava voltar para junto das outras meninas, que enfileiradas esperavam as cobranças, mas a emoção do momento foi tão forte que não dava para fazer de conta ali, foi difícil manter o controle do próprio corpo. A performance além de o ser como ação, é também interação. No caso do futebol, acaba sendo uma resposta para o que acontece no gramado:

Dependendo do jogo, ultimamente do Remo tá só estresse, então é só xingamento, só estresse. Mas assim depende muito do jogo. Ainda mais assim se for final, ou se tu tá dependendo pra virar o jogo, já vem aquele nervosismo, tu já não consegue ficar tão elétrico como é num jogo normal, depende muito. (Silvia, torcedora do Remo, informação verbal)

⁵⁶ O jogo contra o Náutico do qual a torcedora relembrou foi a partida que eliminou a possibilidade do acesso do Paysandu para a série B do Campeonato Brasileiro. O time paraense estava ganhando por 2x0 até os 20 minutos do segundo tempo. Mas o Náutico conseguiu empatar após marcação de pênalti duvidosa. O jogo foi para os pênaltis e o Paysandu foi eliminado, permanecendo na série. O Paysandu ainda recorreu ao Supremo Tribunal de Justiça Desportiva, o STJD, questionando o pênalti que favoreceu o time do Náutico, mas o recurso foi negado e o resultado mantido.

Isso ocorre porque no estádio, há a possibilidade de interagir presencialmente com o time que está em campo, sendo esse um movimento que também é de comunicação entre gramado e arquibancada. Essa perspectiva vai ao encontro da análise feita por Damo (1998) - trazida no capítulo anterior -, na qual o antropólogo compara a relação entre jogadores e torcedores com um processo semiótico em que há uma constante decodificação subjetiva e coletiva, a partir de um comum compartilhado. Esse olhar permite compreender o porquê da torcida encarar a ida para o estádio como uma forma de trocar energia com o time, apoiando-o:

Eu acho que a gente é o décimo segundo jogador. A gente é peça fundamental ali pra eles, pros jogadores, porque ali a gente tá incentivando o nosso time, tá demonstrando o nosso amor e quer também que eles deem o melhor, assim como a gente dá o melhor na nossa bancada. Porque também a gente faz festa, a gente quer tudo bonito e espera esse retorno deles também. (Dani, torcedora do Paysandu, informação verbal)

É mais emocionante porque tu tá sentindo o calor da torcida, tu tá sentindo o que os jogadores estão sentindo, dá pra apoiar, dá pra gritar. Tu xinga, tu apoia eles, tu fala muita coisa pra ver se o time vai pra frente. (Júlia, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Estar ali torcendo é mais do que ser parte de um todo. Cada torcedor se enxerga como peça única de um coletivo, sendo sua presença capaz de influenciar, inclusive, no desempenho do time: “parece que a gente tem mais confiança que o time vai jogar melhor, que ele vai tá melhor se a gente tiver lá” (Carla, torcedora do Remo). Há também o pressuposto de que ir para o estádio faz parte do papel do torcedor, principalmente quando este integra torcidas organizadas:

É o nosso papel como torcedor [...] digamos assim que não chega a ser uma obrigação, tu pode sim assistir em outro lugar, mas só que tu tens que entender qual é o teu papel de torcedor organizado. Tu sai com a tua torcida, tu tem que ficar lá com a tua torcida. E apoiando os 90 minutos, que é o papel de uma torcida organizada. (Silvia, torcedora do Remo, informação verbal)

Estabelece-se então uma relação de troca, na qual ir para o estádio é mais do que um momento de lazer. O torcedor que vai para o estádio está em busca de algo - no caso o bom desempenho dos jogadores e bons resultados do time -, deseja que o time corresponda ao seu esforço de sair de casa, pagar um ingresso e ir para o campo. Por isso, o desempenho do time

dita o comportamento na arquibancada, influenciando diretamente nas performances da torcida.

4.4 “Sempre tenho que ter uma camisa do clube, ou uma camisa da torcida”: os elementos visíveis do torcer

Eu tenho um escudinho do Paysandu como um pingente, eu beijo esse escudo o jogo todo, eu faço oração, eu volto, eu xingo, então eu não sei te explicar o que é assistir um jogo ali dentro do estádio. É muito diferente de que assistir em casa, claro que tu sente emoção assistindo um jogo pela televisão, mas ali dentro é uma energia [...] (Sabrina, torcedora do Paysandu)

Ao descrever como se comporta naquele espaço, Sabrina traz elementos importantes para pensar as relações construídas no estádio. Para além das performances do corpo-, a torcedora insere outros elementos: os amuletos e rituais acionados pela torcida. A palavra torcer, em sua origem etimológica, está ligada à ideia de se contorcer, à movimentação corporal. Mas o corpo ali não é suficiente para demarcar o espaço e o papel do torcedor. Por isso são acionados símbolos, como os escudos, os pingentes, as camisas, as bandeiras.

Ainda de acordo com Baitello Junior, no intuito de aumentar sua capacidade comunicativa, o homem cria aparato, mídias secundárias que amplifiquem o raio de alcance de seu corpo, de sua mídia primária. São consideradas secundárias, as mídias em que apenas o emissor necessita de um aparato, ou suporte. Por exemplo, “as pinturas corporais, as roupas, os adereços e depois aparatos mais complexos, como a escrita e todos os seus desenvolvimentos, carta, imprensa, livro, jornal [...]” (BAITELLO JUNIOR, 1999, p. 3).

De acordo com o autor, a mídia secundária inaugura a “permanência e a sobrevivência simbólicas após a presença do corpo” (2000, p. 5). Na ambiência do estádio, não basta estar presente, é preciso demarcar seu espaço e identidade, se diferenciar do rival. E a primeira mídia secundária acionada são as roupas, é necessário vestir a camisa do time de coração: “Eu não gosto de ir pro estádio sem uma camisa do Paysandu ou uma camisa da minha torcida. Eu não gosto de ir pro estádio com roupa normal, eu não vou. Eu sempre tenho que ter uma camisa do clube ou uma camisa da torcida”. (Dani, torcedora do Paysandu).

Para um torcedor organizado, essa responsabilidade é ainda maior. Há uma necessidade de se diferenciar do torcedor comum, e isso é feito de forma coletiva e individual. No coletivo, com o uso dos bandeirões que demarcam a presença e o espaço de

cada torcida no estádio e, no individual, por meio da camisa da torcida, que para este torcedor é tão importante quanto a do clube, um uniforme quase que obrigatório. “Eu tô sempre com a camisa da torcida. Eu tenho mais camisa da torcida do que do Remo oficial, bem mais. Até pela questão do valor, né. A gente é uma torcida povão, Então é mais fácil tu comprar uma camisa de 40, 50 reais do que dar 200 reais numa oficial”. (Silvia, torcedora do Remo)

Percebe-se que neste processo também estão inseridas diversas lógicas de consumo. Torcer passa a significar também adquirir produtos do time, camisas, acessórios dos mais variados.

Eu me interesso por vários materiais do Paysandu, tanto é que as meninas até falam, elas brincam "essa daqui ela vai pra estádio, ela pega um dinheiro só pra comprar um monte de troço que ela vai vendo". É copo, é chapéu, [...] é faixa, é cordão, é tudo, um monte de coisa, não é só a camisa [...] Toalha, sandália....(Sabrina, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Todas as interlocutoras destacaram o consumo como um item importante em seus modos de torcer e se relacionar com o clube. Torcedoras com maior poder aquisitivo investem em produtos oficiais: “Eu tenho 22 camisas do Remo e eu só vou sossegar quando eu tiver 33”, conta Maria, referindo-se a número simbólico para a torcida remista, o tabu em que o Remo passou 33 jogos sem perder para o seu adversário. Adquirir produtos oficiais também significa apoiar o clube: “Eu compro algumas coisas, sempre que possível eu tô ajudando também o time financeiramente.” (Júlia, torcedora do Paysandu).

Além dos produtos do clube, oficiais ou réplicas, há também produtos das torcidas. Dentre eles, materiais específicos para o público feminino, uma preocupação mais recente nas torcidas organizadas. Silvia, que faz parte da Pavilhão 6, torcida organizada remista, conta que quando começou a participar da torcida não havia produtos voltados para as mulheres: “Eu queria comprar a primeira camisa, não tinha camisa feminina, só era camisa masculina. Tanto que a minha primeira camisa eu ainda tenho, ela é masculina, ela era enorme e eu mandei cortar, ainda cortou um bocado de desenho”.

A torcedora relata que, após a conscientização da diretoria da torcida sobre essa realidade, hoje já existe uma variedade de produtos para este público: “A gente sempre tá inovando nos materiais, chegou uma bermuda, chegou um shortinho, chegou um body, um boné, tu quer ter tudo. Então geralmente quem faz parte de torcida, ele já vai todo arrumado. É bermuda, camisa, boné [...]”. (Silvia, torcedora do Remo)

Experiência semelhante é relatada por Dani, integrante da torcida Terror Bicolor. Ela afirma se sentir mais valorizada como torcedora quando há produtos pensados para as mulheres:

Ali eles te diferenciam realmente dentro da tua torcida, porque a gente quer uma coisa específica pra gente, é tipo uma valorização. A gente não quer comprar uma blusa masculina e transformar numa blusa feminina, que até sai um custo mais caro de mandar ajeitar, a gente quer um material nosso mesmo, pensado pra gente. [...] Hoje nos produtos da torcida temos, shorts, leggings, bodys, regatas, polos, uma variedade de materiais da torcida. Tem produtos pensados com nosso pet, porque a gente tem um pet dentro da nossa torcida, do nosso movimento feminino, aí a gente manda fazer material feminino com aquele pet e com o símbolo da torcida também. A gente dá o modelo da roupa, do short ou da legging que a gente quer e eles fazem uma adaptação com o nosso pet. [...] Eles mandam pra gente, pra ver qual é a nossa opinião, se tá bom, se precisa melhorar, aí assim a gente vai até chegar onde a gente quer. (Dani, torcedora do Paysandu, informação verbal)

A torcedora se sente valorizada pois por trás da criação de produtos específicos para as mulheres, existe o pressuposto do reconhecimento. Há a conscientização de que a mulher também é uma torcedora e que precisa ser considerada em suas especificidades e vontades. Isso porque, a lógica do consumo também acaba criando necessidades e está aliada a uma sensação de bem-estar, como no depoimento de Sabrina:

Eu não tinha uma condição financeira pra ter blusas oficiais, então como meu pai trabalha com sublimação, eu fazia as artes e ele sublimava minhas blusas, aí desde então eu comecei a ter as camisas sublimadas feitas por mim. Depois quando eu comecei a trabalhar e ter uma condição financeira melhor, eu comecei a comprar, já ganhei também blusa do clube. Mas as blusas no começo eram o mais importante, porque eu não tinha. Depois eu comecei a ter a blusa oficial, eu comecei a me sentir feliz, melhor. (Sabrina, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Comprar a camisa que tanto almejou lhe trouxe sentimento de felicidade, porém mesmo quando não tinha condições de comprá-la, a torcedora fazia suas próprias blusas para suprir essa vontade. A camisa do time é o item mais importante para um torcedor, pois ela é considerada um símbolo, um manto:

Minhas camisas são tratadas de maneira diferente, sabe? São lavadas só as camisas do Remo. Eu lavo só as camisas do Remo separadas de qualquer outra roupa, no delicado. E aí essa camisas que eu separo, têm um lugar especial no meu guarda roupa, fica uma do lado da outra... (Carla, torcedora do Remo)

A camisa é também um elo de aproximação com o elenco do time, pois costuma ser o mesmo uniforme vestido pelos jogadores. E é algo que precisa ser valorizado, os versos da música cantada pela torcida remista deixam isso bem claro: “uma coisa eu te peço, joga com raça e paixão, honra essa camisa, meu poderoso Leão”. Honrar a camisa que veste, para o jogador é dar o melhor em campo, respeitando o clube que está representando.

Essa importância que é dada para a camisa faz com que esse produto assuma uma dimensão simbólica. Para além dos rituais citados no segundo capítulo, quando pergunto para as interlocutoras se elas possuem algum ritual na hora de torcer, quase todas as respostas acabam desembocando na relação com a roupa que estão usando, principalmente com a camisa:

Tenho várias camisas, sempre compro e toda vez que eu venho no jogo eu tenho que trazer uma camisa. Como agora é campeonato diferente, rivalidade e tal, jogando com o rival, eu vim com uma camisa nova porque toda vez que acontece isso, ou é o empate ou é a vitória. E até então ainda não perdi... Estrear, vir no estádio toda vez que eu compro uma camisa eu nunca saí com uma derrota. (Ana, torcedora do Remo, informação verbal)

Às vezes, quando começa o campeonato se o Paysandu ganha com aquela determinada roupa que eu tô, eu procuro ir em todos os campeonatos, todos os jogos com aquela roupa. Mas aí se perde, no outro jogo eu já troco de roupa pra ver se ganha. (Julia, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Em seus estudos sobre rituais dos povos ndembos (1974), o antropólogo Vitor Turner evidencia a importância da interpretação dos símbolos presentes nos rituais. Ao considerar os diversos elementos que compõem um rito, o autor chama a atenção para a dimensão visível do ritual. Ainda que seja algo que está no plano do sensível, o ritual conta com estruturas e objetos palpáveis para ser realizado. E estes símbolos e suas relações, segundo Turner, não são somente um conjunto de classificações para estabelecer a ordem em um determinado universo, mas “são também, e talvez de modo igualmente importante, um conjunto de dispositivos evocadores para despertar, canalizar e domesticar emoções poderosas tais como ódio, temor, afeição e tristeza (1974, p. 60).

Nos rituais do torcer, a camisa nova para o início de campeonato é símbolo do recomeço. Se o time perdeu enquanto o torcedor estava com aquela camisa, logo ela passa a ser associada ao azar. Se ganhou, passa a ser símbolo de sorte. Não é apenas ir caracterizado para o estádio, a roupa escolhida também tem um significado.

Torcer é se apegar também a pequenos acasos, superstições que ganham caráter de seriedade neste contexto, como se o sucesso do time dependesse desses elementos. Objetos que ganham significados e ajudam a estabelecer uma atmosfera ritual, movimentando emoções e sentimentos:

Eu digo que eu tenho uma camisa que eu não vou, porque eu acho que ela dá azar que é a camisa retrô do Bené. Eu falo "meu Deus, essa camisa nunca vou pro jogo com ela que não dá sorte". Eu tenho uma blusa preta que é a do goleiro de 2018, eu digo que essa dá sorte. Essa e a Valentia que também é de 2018, eu gosto dela. E já essa do Bené eu não vou nunca, eu falo que ela é só pra passeio, não vou pra estádio nunca com ela. E tem a questão também do pingente do Paysandu, eu digo que aquele pingente dá sorte [...] Eu beijo esse escudo o jogo todo [...], parece que se eu não for com ele, eu fico com aquele negócio na cabeça "Meu Deus, o paysandu pode perder hoje porque eu não vim com ele". Eu fico com isso na minha cabeça, mas depois eu digo "Não, só esqueci. É só um jogo, vai dar tudo certo". (Sabrina, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Eu tenho uma camisa da sorte, que eu só vou com ela em jogos especiais. Só em jogos muito críticos, ou jogos muito importantes, a gente usa a camisa da sorte. [...] Tem assim um índice de 95% de sucesso.. E a gente tem aquele negócio assim, camisa nova a gente não estreia em jogo muito importante, porque aquela camisa não tem uma história, entendeu?! Cada camisa tem uma história. [...] Aí tem umas camisas "ah não, essa daqui eu não vou porque não dá muita sorte pro Remo". Aí camisa nova a gente vai em jogo mais simples, início de campeonato dá pra usar camisa nova, sabe?! Mas se for jogo importante não [...] Geralmente eu também vou com o mesmo short. Tô quase sempre com o mesmo na foto. (Carla, torcedora do Remo, informação verbal)

Os depoimentos mostram como há crenças que são comuns, como o da camisa nova que pode ser utilizada apenas em inícios de campeonato. Em jogos mais decisivos, o ideal é usar camisas que tenham “história”, isto é, revestidas de um simbolismo positivo. Para o torcedor, a camisa é o item de maior importância, mas também há outros acessórios que adquirem dimensão ritual, status quase mágico. Nos depoimentos, a sorte também pode estar no pingente, no short e até em objetos próprios da vestimenta feminina:

Olha, eu tenho umas calcinhas. São três calcinhas que de vez em quando assim eu pego, uma que eu sei que é boa pra RexPa, tem outra que é só pra final [...] É uma branca, uma azul e uma vermelha. Eu sempre vou tá com uma delas, com toda certeza. Além disso, eu tenho uma camisa, que é uma camisa branca. É até uma camisa de basquete, mas é uma camisa que dá muita sorte em RexPa. Então normalmente em RexPa eu uso ela. (Maria, torcedora do Remo, informação verbal)

Eu gosto de me arrumar, eu gosto de passar uma maquiagem, batom e colocar sempre o brinco do Paysandu. O brinco do Paysandu não pode faltar no meu look, tem que ter o brinco do Paysandu se não nem venho. (Julia, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Apesar das justificativas serem pessoais e as experiências peculiares para cada indivíduo, o uso de roupas e acessórios possui um significado que é comum nas práticas do torcer. Entre homens ou mulheres, há ideias e superstições que se repetem. Mas quando se é mulher, o medo da violência de gênero faz com que a escolha da roupa para ir ao estádio vá além de crenças e rituais. Algumas das minhas interlocutoras alegaram refletirem e/ou se preocuparem com a roupa com a qual irão sair de casa:

Vou pra jogo de calça legging e blusa, não me sinto à vontade de ir de short porque eu já ouvi muita besteira de homem, entendeu? Homem que fala alto, te chama de gostosa, te chama disso e daquilo alto e eu não me sinto à vontade e acredito que muita mulher também não se sintam. (Sabrina, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Eu não gosto de ir com roupas muito curtas porque enfim, né?! Mas eu vou no geral com short acima do joelho, a gente vai até porque é quente e tudo. Mas eu nunca tive preocupação "ah isso aqui é muito curto pra eu ir pra campo, tem muito homem bêbado, vão mexer comigo". [...] Porque o que a gente repara é que os caras ficam olhando quando as meninas passam e tudo mais. Mas no geral, eu nunca presenciei outra situação também como ouvir frases de pedreiro, sabe?! (Carla, torcedora do Remo, informação verbal)

A gente percebe quando a gente tá sendo assediada pelo o olhar do cara, a gente se sente mal. Não adianta dizer que é besteira, porque a gente se sente mal. Então eu me preocupava muito com a roupa que eu usava, só que depois eu passei a me despreocupar porque eu acho assim, não sou eu que tenho que mudar minha vestimenta, ele tem que mudar o posicionamento dele, entendeu? Então hoje eu vou de qualquer jeito. [...] Mas sempre com a camisa da torcida, a não ser que esteja punido. (Sílvia, torcedora do Remo, informação verbal)

Entre medo de assédio e reflexões sobre o comportamento masculino no estádio, prevalece o desejo de sentir à vontade com a roupa que está usando. A fala de Sílvia demonstra que mesmo havendo uma preocupação, ir para o estádio com a roupa que deseja parte de um enfrentamento a certas estruturas de poder e do controle do corpo feminino.

4.5 “Eu não sou vagabunda”: experiências de violência e desrespeito

A gente tava assistindo um jogo, não lembro nem qual jogo foi. Eu sei que o Remo fez um gol e na hora que o Remo fez o gol tem

aquele negócio, né?! Todo mundo abraça todo mundo, todo mundo tá feliz. E aí nessa, tinha um cara do meu lado que veio me abraçar e tentou me beijar à força. Eu fiquei aqui com isso daqui [pescoço] vermelho, meio roxo. E a sorte é que eu sou grande também e consegui me desvencilhar, mas ele encaixou no meu pescoço, fez assim [movimento de puxar] e tentou...Tanto que eu fiquei com a marca do dedo dele [...] Eu consegui me sair dele, apesar de que ele tava totalmente bêbado, isso dava pra perceber. E a sorte também é que meus tios que estavam atrás de mim não viram essa situação, tava todo mundo comemorando o gol, não repararam, porque se não aí ia ser confusão...Eu consegui me tirar, mas se fosse uma pessoa menor talvez ele tivesse conseguido beijar. (Carla, torcedora do Remo, informação verbal)

Da preocupação com a roupa escolhida para ir ao campo à tentativa de um beijo forçado na arquibancada. As entrevistas com as interlocutoras revelaram diversas experiências de violência e desrespeito no estádio de futebol. O que não significa, é claro, que todas as torcedoras entrevistadas afirmaram ter passado por alguma situação deste tipo. Duas delas relataram nunca terem vivido ou presenciado qualquer tipo de violência, sendo que uma destas destacou apenas o medo da violência urbana na ida para o estádio, o que faz com que ela não tenha coragem de ir para o Mangueirão de ônibus.

No contexto das torcidas, como já ressaltai aqui, há diversos marcadores sociais que se cruzam e se sobrepõem, influenciando na experiência vivenciada. Uma torcedora que depende do transporte público para ir ao estádio está suscetível a mais tipos de violência. Se essa mulher integrar uma torcida organizada, há também a possibilidade de violência institucional pela polícia, além daquela sustentada na rivalidade entre torcidas. Para todas as mulheres, existe a violência de gênero, o medo por ser uma mulher em um espaço público, principalmente em um ambiente onde as masculinidades são dominantes.

Esta é uma perspectiva interseccional, que considera as diversas formas de opressão e como elas influenciam na experiência social. O termo interseccionalidade, cunhado por Kimberlé Crenshaw (2004), representa uma estrutura que permite identificar como discriminações e opressões diferentes operam juntas. O contexto da criação do termo é a interseccionalidade entre raça e gênero, mas a ideia também se refere a outras formas de dominação como classe social, orientação sexual, religião, nação, origem, dentre outras.

É a partir de paradigmas interseccionais, e de como eles moldam as mais diversas experiências de opressão, que Patrícia Hill Collins (2019) desenvolve, em o Pensamento feminista negro, uma perspectiva teórica-metodológica e política para compreender como se

dá essa dominação. A autora parte das experiências das mulheres negras nos Estados Unidos para pensar matrizes de dominação, que seriam a forma “como essas opressões interseccionais são de fato organizadas”.(p.57)

Segundo Collins (2019), uma matriz de dominação é uma organização de poder “na qual os grupos sociais estão inseridos e sobre a qual pretendem influir” (COLLINS, 2019, p. 368). Desta forma, a autora apresenta quatro matrizes de dominação, quatro tipos de domínios de poder que reaparecem em formas distintas de opressão, e que aqui servirão de base para analisar as experiências de desrespeito e violência vividas no estádio pelas torcedoras. São estes: os estruturais, os disciplinares, os hegemônicos e os interpessoais.

Qualquer matriz de dominação, quer seja vista pelas lentes de um sistema único de poder, quer seja considerada à luz das opressões interseccionais, é organizada por quatro domínios de poder inter-relacionados: o estrutural, o disciplinar, o hegemônico e o interpessoal. Cada domínio cumpre um propósito específico. O domínio estrutural organiza a opressão, enquanto o disciplinar a administra. O domínio hegemônico justifica a opressão, e o interpessoal influencia a experiência cotidiana e a consciência individual dela decorrente. (p. 437)

Nessa perspectiva, o domínio estrutural está ligado às instituições sociais e ao modo como elas são organizadas a fim de reproduzir a subordinação. O desrespeito institucional com as torcedoras se dá desde a própria estrutura do Mangueirão, como os exemplos e relatos trazidos no capítulo anterior evidenciam. No estádio público administrado pelo Governo do Estado, faltam banheiros femininos e os que existem estão em péssimas condições, demonstrando como o espaço não foi pensado para as mulheres.

Neste domínio estrutural, uma das instituições que aparece nas entrevistas como um aparelho de dominação é a polícia. E essa opressão tem um caráter interseccional latente, é mais sentida por torcedores organizados, que geralmente carregam consigo marcadores de classe e raça. As reclamações sobre a polícia e a segurança contratada no estádio apareceram apenas nas entrevistas cujas interlocutoras possuem vivência de torcida organizada. Despreparo por parte de agentes de segurança, grosserias com torcedores e violência na revista do material que as torcidas levam foram algumas dessas queixas.

Alguns episódios foram vividos e outros presenciados, como a história contada por Sabrina.

Nesse dia, a Terror tava sendo escoltada pra cá e o pessoal da torcida do Remo tava pra lá. Tava essa briga de torcida e polícia, até então onde eu vi o policial - porque eles não podem ir com bala de verdade,

vão com bala de borracha-, ele deu um tiro no olho do namorado dela. Ela se desesperou e começou a gritar. O policial pegou pelo cabelo dela naquela pista do BRT, ainda não tava funcionando no momento, ela tinha o cabelo grande. Ele arrastou ela pelo cabelo e jogou dentro do camburão. Ela tava gritando porque simplesmente ele deu um tiro no olho do namorado dela. Ele foi sem pena, sem dó nem piedade, eu chorei vendo aquilo porque pra mim, eu me imaginei no lugar dela. (Sabrina, torcedora do Paysandu, informação verbal)

O poder policial além de estar inserido no domínio estrutural é um dos que exerce o domínio disciplinar. Este domínio, segundo Collins (2019), administra as relações por meio da regulação, pela forma como as organizações são dirigidas. Está ligado à criação da burocracia e sua “consolidação como organização social moderna”, que permite o controle de populações a partir dos marcadores sociais da diferença. Neste contexto, segundo a autora, “a vigilância se tornou um aspecto importante do domínio disciplinar do poder” (p.443).

No Mangueirão, eu acho assim que até o policiamento vê a gente de uma outra forma. Até numa revista que tu passa, porque tem certos materiais da nossa torcida que não entram. [...] Já aconteceu casos deles quererem barrar as meninas de entrar com um short, com uma blusa e elas falaram "sim, eu vou entrar só de sutiã?" A minha amiga já fez menção de tirar a blusa e o rapaz deixou ela entrar. (Dani, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Proibir os torcedores organizados de entrarem no estádio geralmente é a punição aplicada quando a torcida é penalizada. Dani conta que mesmo quando a torcida não estava punida, já tentaram barrar a entrada de torcedoras com acessórios da organizada. E como Collins (2019) incita, no domínio disciplinar a estratégia é resistir de dentro das burocracias. Foi o que a torcedora fez:

Já aconteceu de uma amiga minha também, tava tendo Náutico x Paysandu, nós somos torcidas aliada. E as minhas amigas não conseguiram ingresso pro Paysandu e conseguiram ingresso pro Náutico. O presidente da torcida do Náutico veio e falou "olha, vocês querem ver, a gente cede pra vocês". Aí elas foram com a camisa do Náutico, só que elas tavam com short da torcida, o short poderia entrar, mas como era num outro jogo, a minha amiga teve que tirar o short, ficar só com um blusão pra ela poder entrar no jogo.(Dani, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Nos exemplos, é possível notar como estes domínios não atuam de forma separada. Trago mais um relato que revela essa inter-relação:

Quando eu entrei, a gente tava muito perto do jogo começar, então era muita gente querendo entrar ao mesmo tempo, então quando fica

todo mundo assim, aí o cara passa a mão em ti, ou quando ele tá vendo que tu tá na agonia, ele pega no teu peito. São coisas assim que já aconteceram comigo. E tu vais falar o que? Ele tá porre. Tu não tem na verdade com quem falar, porque se tu for falar pra algum policial, ele vai dizer "mas pô, tu tá com esse short curto" "olha a roupa que tu tá vestindo", entendeu? Ainda mais se tu tiver com camisa de torcida organizada, aí piora. (Silvia, torcedora do Remo, informação verbal)

A situação vivenciada por Silvia ajuda a pensar sobre o domínio hegemônico do poder, este que segundo Collins “diz respeito à ideologia, cultura e consciência” e visa justificar práticas exercidas nos outros domínios de poder: “Ao manipular a ideologia e a cultura, o domínio hegemônico atua como um elo entre as instituições sociais (domínio estrutural), suas práticas organizacionais (o domínio disciplinar) e a interação social cotidiana (o domínio interpessoal)” (COLLINS, 2019, p. 448). Está ligado às ideias do “senso comum”, às imagens de controle e às ideologias opressoras.

No relato de Silvia, o desrespeito parte de várias ideias presentes no poder hegemônico. Primeiro, a imagem estereotipada que se tem da mulher de torcida organizada, o que faz com que o domínio estrutural também atue, no momento em que ela tem consciência de que pedir ajuda para polícia é em vão. Segundo, a de que o corpo da mulher é público, principalmente se ela estiver no espaço público. Aliás, qual mulher nunca ouviu assédios, xavecos e até teve o corpo tocado, só de estar andando na rua? E terceiro, a de que a mulher que usa short curto não merece respeito.

Essas duas últimas também estão presentes nas experiências de desrespeito vivenciadas por Sabrina, enquanto animadora de torcida:

Lá no Mangueirão não dá pra escutar tanta coisa, mas na Curuzu muito, tipo eu não vejo isso vindo de torcida organizada, eu vejo isso vindo de torcida única que fica ali. Na verdade, as torcidas organizadas respeitam bem mais as meninas do que os torcedores avulsos. Eu já vi batendo no vidro, chamando as meninas de galinha, de puta, de tudo. E é muito escroto, muito escroto. As meninas ficam mal e eu digo "não respondam, não respondam, pelo amor de Deus, deixem pra lá", mas tem uma hora que não dá mais, tem uma hora que chega no limite [...]. Já jogaram copo de cerveja nas meninas, isso não foi só uma vez, foi umas duas vezes e, claro, eu vendo a situação [...] Jogaram o copo de cerveja, as meninas ficaram rindo, eu olhei pra elas: "vocês estão rindo do quê?" "ah, o cara acabou de jogar um copo", "como assim ele jogou um copo de cerveja e vocês estão rindo?". Tive que chamar a minha coordenadora chefe, ela chamou o policiamento, o policiamento tirou o cara de lá. Aí o meu

medo é as meninas saírem e irem atrás delas lá fora.... (informação verbal)

Em sua trajetória como animadora de torcida, Sabrina também traz relatos que evidenciam como o domínio interpessoal do poder atua neste contexto. Este domínio é aquele alimentado nas interações sociais, no poder interpessoal, que segundo Collins (2019) “funciona por meio de práticas rotineiras e cotidianas que dizem respeito ao modo como as pessoas tratam umas às outras (por exemplo o nível micro da organização social)”. (p. 453).

Sabrina conta que há uma rivalidade velada entre as animadoras dos dois clubes e que já teve que escutar piadinhas e indiretas desrespeitosas. Por trás deste exemplo, está um discurso dominante da rivalidade feminina que serve a um modelo patriarcal e prega a desunião das mulheres. Afinal, se as mulheres não estiverem unidas, não há possibilidades de insurreições coletivas contra as estruturas dominantes.

É claro que é preciso considerar que no estádio de futebol já existe uma rivalidade fortemente estabelecida entre as torcidas, o que faz parte das dinâmicas do torcer e das relações construídas neste contexto. Mas esse clima de disputa não pode ser utilizado como justificativa para hostilidades e agressões entre torcedores. Antes de ser animadora, Sabrina fazia parte de uma torcida organizada, a Império Bicolor, quando protagonizou um episódio de violência:

Quando foi num clássico, acho que foi de 2016...eu fui com a blusa de torcida. Eu não sei porque eu não tinha medo, eu andava com a blusa, até porque eu pensei que, assim, a briga era só entre as duas maiores torcidas organizadas. Até onde eu sei, em dia de RexPa, Augusto Montenegro é Remoçada e Transmangueirão é da Terror. Então ninguém passa pro lado de ninguém, se for passar é escoltado. Pra mim a briga era entre elas, não tinha nada a ver com as outras. Só que eu lembro que teve um jogo que eu fui e uns cinco ou seis caras da Remoçada me fecharam. Eu tava com um amigo meu nesse dia e ele só falou assim "bora atravessar, sobe no moto táxi e vai", peguei e fui, só que nesse intervalo de subir no moto táxi foi quando eles me fecharam. Foi horrível, eles tomaram minha blusa, me assaltaram. Eu fiquei só de sutiã em plena Augusto Montenegro, aí esse meu amigo que já me deu a blusa dele pra eu ir pra casa. Foi uma coisa muito horrível, eu fiquei muito assustada.. (informação verbal)

Para além de experiências de desrespeito mais extremas como essa vivenciada pela torcedora onde também fica clara a presença de outros domínios de poder, as formas de domínio interpessoal costumam ser práticas “tão recorrentes e familiares que muitas vezes passam despercebidas” (COLLINS, 2019 p. 453). Retorno ao exemplo da rivalidade feminina

presente nas interações cotidianas, mas desta vez entre mulheres da mesma torcida, na história contada por Silvia, ao relembrar sua entrada na organizada:

Quando eu cheguei lá, eu não falava muito com as meninas, até porque era assim, tava todo mundo acompanhado e chegava uma mulher solteira, já ficavam meio de lado "o que ela veio fazer pra cá?" [...] Porque quando a gente entra na torcida, principalmente mulher, tem muita rivalidade porque, assim, a mulher sempre tem que tá na luta pra ela ser notada de alguma maneira. Se ela viaja, se ela faz alguma coisa...Então aquilo, aquela fama sobe pra cabeça de algumas, entendeu?! Então quando tu vê outra menina se destacando, elas já acham que é uma ameaça pra elas e começa aquela disputa. (informação verbal)

A torcedora relata que essa rivalidade foi mudando com o tempo, por meio de uma mudança cultural na torcida, promovida por ações de conscientização do papel político da mulher e do protagonismo feminino na organizada. É o que Collins (2019) chama de “reivindicar o ‘poder livre do pensamento’ (p. 449), revertendo o processo pelo qual as opressões utilizam as dimensões da subjetividade individual para a dominação.

Portanto, empoderar-se dentro dessa matriz de dominação começa no desenvolvimento da “consciência crítica” para compreender como as ideias hegemônicas são construídas e assim criar estratégias de resistência.

Eu já discuti com um policial, não dentro do estádio mas fora. Lá no Chaco, eu lembro que nós estávamos ali em um dia de semana [...] Eles chegaram humilhando todo mundo, chamando todo mundo de vagabundo, quebrando copo, mandando todo mundo ir embora. Nesse tempo, eu tava namorando com um rapaz, ele tinha uma moto, nós estávamos lá. O policial falou assim mesmo: "De quem é essa moto amarela?". Eu falei: "é do meu namorado, por que?". "Eu dou cinco minutos pra vocês saírem daqui. Eu perguntei pra ele: "Por que eu tenho que sair daqui em cinco minutos?". E ele falou assim "Porque eu tô te mandando". Eu falei "cadê a ordem pra eu sair daqui em cinco minutos? O que que vai acontecer se eu não sair daqui em cinco minutos?". Aí o outro que tava com ele, falou assim "olha, não fica respondendo pra ele porque tu não conhece ele". Nessa hora, parece que [...] Aí eu falei "Por que? Tu tá me ameaçando, ele tá me ameaçando? Vocês vão fazer alguma coisa comigo?". Eu falei bem alto pra todo mundo ouvir "Vocês vão fazer alguma coisa comigo?". "Não, a gente só tá pedindo pra que você tenha calma". "Calma não, você chegou aqui chamando todo mundo de vagabundo, eu não sou vagabunda, do mesmo jeito que você tá aqui fazendo o seu trabalho, amanhã sete da manhã eu tô de pé, oito horas eu pego no meu serviço, trabalho o mesmo período que você. Então eu não sou vagabunda, me respeite e respeite qualquer um que tá aqui". Aí as minhas amigas me puxaram, porque ele ficou olhando bem na minha cara mesmo. Tanto é que no outro jogo quando eu fui pelo

Chaco, eu passei e eram os mesmo policiais e ele ficou me olhando, eu olhei pra cara dele e falei "boa noite" e ele falou "boa noite".
(Sabrina, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Por não aceitar o que estava sendo imposto e a opressão utilizada, a torcedora não se sujeitou a posição de subordinação que o poder estrutural e disciplinar tentaram lhe imputar, ainda mais pelo nível de violência utilizado na abordagem. No depoimento de Sabrina, o enfrentamento só foi possível por causa de um pensamento crítico e questionador. É preciso também reconhecer alguns privilégios neste contexto, a torcedora não estava com camisa de torcida organizada, para ser respeitada precisou reforçar que também era uma trabalhadora. Sabrina é uma mulher branca.

Talvez se as circunstâncias fossem diferentes, o desfecho seria outro. Se Sabrina fosse uma torcedora organizada, negra e estivesse acompanhada de seus colegas de torcida, talvez o desfecho fosse parecido com a situação relatada pela mesma interlocutora, quando presenciou a polícia usando de extrema força contra uma integrante da Remoçada, ou semelhantes a tantos outros casos de repressão da polícia com torcedores organizados, marginalizados também por questões de raça e classe.

4.6. “A gente tá se igualando a eles”: percepções individuais sobre a presença e comportamento das mulheres na torcida

Negociações e disputas de poder constantes fazem parte da história das mulheres no futebol. Como já colocado aqui, a presença delas nos estádios não é uma novidade, mas como será que elas veem essa participação? As condições que isso se dá são refletidas pelas torcedoras? Como frequentadoras daquele espaço, quais são suas opiniões sobre esta presença?

Em relação ao número de mulheres no campo de futebol, há quem ache que ainda está longe de atingir uma equidade:

Eu vejo que ainda tá um pouco devagar apesar de mostrarem que tem mais torcida feminina, mas eu acho que ainda tá um pouco devagar a torcida feminina no estádio. Não é igual, a dos homens ainda tá prevalecendo mais. (Júlia, torcedora do Paysandu, informação verbal)

E também quem observe esse crescimento ao longo dos anos:

Igual não é, mas acho que é bem considerável, bem expressiva pro que era antigamente. Por exemplo, naquele jogo que eu fui lá atrás com 16 anos não tem comparação. Hoje você vê muita família também no estádio, bebezinho, não que eu levasse meu filho

bebezinho pra estádio porque acho também que a pessoa tem que ter noção, mas assim em termo de mulheres realmente é bem expressivo. (Maria, torcedora do Remo, informação verbal)

Acho que igual ainda não é, mas aumentou bastante, tem aumentado cada vez mais. E eu acho que as mulheres estão se sentindo cada vez mais confortáveis em frequentar o ambiente de estádio. É diferente do que a gente ouvia na década de 90 ou nos anos 2000, que o pessoal ainda ficava "estádio não é lugar pra mulher, só vai homem, pessoal vai tá bêbado, o que tu vais fazer lá?". Hoje em dia eu já vejo mulheres mais à vontade. Inclusive tem dado muito mais família, frequentado, a gente já vê muito mais criança, famílias inteiras indo ao estádio. Reparo que a cada ano tem aumentado mais a presença da torcida feminina. (Carla, torcedora do Remo, informação verbal)

A fala da interlocutora pressupõe que se o estádio é um espaço mais confortável para as mulheres, ele também é possível de ser frequentado por crianças. A imagem da mulher aqui também é associada à maternidade. Essa representação que coloca mulheres e crianças em um mesmo grupo de pessoas que devem ser “protegidas” também aparece na fala de Sabrina:

Eu acho o estádio inseguro pra mulher. Eu defendo o lugar da mulher ali dentro, só que o machismo ainda grita ali dentro do estádio, entendeu? Eu tô sujeita a ouvir muita coisa, por exemplo, como essa questão de jogarem copo nas meninas. Eu não acho um lugar seguro pra criança também. No último jogo contra o Bragantino teve briga entre as duas torcidas: Paysandu e Bragantino, e joga copo pra cá, joga copo pra lá. Não acho seguro nessa questão, quando começa as brigas, quando tá criança [...] Eu acho bacana levar criança pra estádio também mas nessa questão de briga, de xingamento, essas coisas, quando o xingamento é direcionado à mulher ou a agressão é direcionada à mulher ou à criança, nesse ponto eu não acho seguro. (Sabrina, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Para a torcedora, mesmo sendo um espaço conquistado por elas, as mulheres ainda precisam lidar com o machismo e atitudes que podem ser incômodas. Sabrina também pontua que não é só na arquibancada que as mulheres têm ocupado lugar:

Eu já digo que hoje em dia as mulheres estão dominando o espaço e eu fico muito feliz de ver isso. Tanto que na questão do sócio bicolor tem muitas mulheres, no sócio bicolor do Paysandu. Então eu acho que a mulher já tá pegando esse espaço, coisa que até um tempinho atrás não era, mas hoje em dia as mulheres estão dominando mais. É, até mesmo dentro do clube. Pego pela nossa vice presidente que é uma mulher. (informação verbal)

Já na percepção de Ana, a ocupação do espaço do futebol por mulheres, aparece como algo que está diretamente ligado ao fato da mulher mostrar que entende de futebol:

Hoje em dia as mulheres estão dominando muito. E isso é legal, porque como eu te falei, né?! Tem homem que imagina que a mulher não consegue entender de futebol. Mas existem mulheres que entendem muito mais do que eles. Tanto é que até tem várias comentaristas agora, né?! [...] Eu acho que hoje tá igual. (informação verbal)

Renata, por sua vez, também enxerga as mulheres como minoria no estádio, mas acredita que é uma realidade que está sendo transformada:

As mulheres ainda são minoria dentro do estádio. Mas o que eu observo é que é uma porcentagem que tá quase se igualando. As mulheres estão tendo um domínio dentro do estádio [...] Acho que os homens jamais poderiam ter imaginado isso, mas elas estão quase se igualando. (informação verbal)

Ao ser questionada sobre como percebe essa presença das torcedoras no estádio, Dani traz a questão para a realidade da torcida organizada, e acredita que o número de mulheres está se igualando:

Eu acho que é um número equilibrado porque a gente tem aquelas que estão no dia a dia, que a gente vê que estão lá, que estão no grupo com a gente. Mas também tem aquelas que vêm pro estádio, se unem na nossa bancada e ficam lá, entendeu? Eu vejo que a gente já tá se igualando a eles. [...] Porque ali a gente, não é só futebol e nunca vai ser, ali a gente mostra a nossa vaidade, a nossa beleza, a gente mostra nosso instinto de mulher. Que apesar da gente tá ali numa coisa que certas pessoas acham que só é pra homem, a gente tá ali dando nosso toque feminino na bancada. E eu tenho certeza que se a gente não tivesse lá, nada ia ser igual, porque a gente faz a diferença dentro da arquibancada. (informação verbal)

Quando defende o papel da mulher na arquibancada, Dani acaba reforçando estereótipos associados à feminilidade: o da beleza, vaidade, o instinto de mulher. Em contrapartida, Silvia que também relaciona essa percepção à realidade da torcida organizada, já tem uma visão mais crítica sobre esse pensamento. Para ela, associar a mulher a esta ideia é algo que precisa ser combatido:

Eu acho que as mulheres hoje já frequentam mais [...] Mas os homens ainda acham que o lugar delas não é ali, ele ainda acha que ela não entende. Ainda tem aquele pensamento também de que "ah, a mulher veio pra cá, deixa as meninas aí que a arquibancada fica mais bonita". Ainda tem aquela ideia de embelezar a arquibancada e é a mesma coisa na torcida. Só que assim, a gente já tem um pensamento um pouco melhor do que a gente tinha antes, mas por que? Porque a

gente lutou muito pra mudar essa atitude e não vai parar de tentar lutar. (Silvia, torcedora do Remo, informação verbal)

Por trás desse pensamento de que as mulheres têm essa função de “embelezamento”, está um discurso que objetifica a mulher. Está também aquilo que a escritora feminista Naomi Wolf chama de “O mito da beleza”, uma verdade universal que internaliza nas mulheres a ideia de que a beleza é uma obrigação para elas muito mais do que para os homens. A beleza assim seria então uma “situação necessária e natural por ser biológica, sexual e evolutiva” (2018, p. 18) do gênero feminino.

Para Wolf (2018), quanto mais as mulheres se fortalecem politicamente, mais o peso do ideal da beleza recai sobre seus ombros, como forma de abalar as lutas feministas. O que leva a pensar que à medida que as mulheres ocupam espaços até então negados a ela, outros discursos de poder aparecem para enquadrar os corpos femininos. Isso explicaria o porquê da concepção de que a mulher no estádio existe para o embelezamento do espaço.

Wolf também vai dizer que além de recair sobre a aparência, o mito da beleza determina o comportamento. Ao atribuir padrões físicos impostos culturalmente, ele expressa relações de poder que fazem com que as mulheres passem a competir entre si (WOLF, 2018). Essa percepção pode ser relacionada com os exemplos de rivalidade feminina já discutidos aqui, o mito da beleza se impondo por meio das relações interpessoais.

Ainda sobre a participação feminina nas torcidas organizadas, Silvia destaca também como homens e mulheres são vistos de forma diferente dentro das torcidas:

O homem se ele for de vez em quando pra um jogo ou se ele não for sócio, ele teve um problema dele, mas se for uma mulher é porque ela não quer nada com a torcida. Ainda tem essa diferença, entendeu? Tu tem sempre que tá mostrando porque que tu é boa, porque que tu tá ali, mais que o homem. (informação verbal)

Além de questionar sobre a percepção individual a respeito da presença das mulheres na torcida, interessa saber também como as interlocutoras percebem o comportamento das torcedoras no estádio, se elas visualizam uma igualdade em relação aos homens. Algumas afirmaram acreditar que na arquibancada todos se comportam da mesma forma:

Lá todo mundo age igual. Lá naquele momento a gente age igual, a gente canta a mesma música, a gente pula do mesmo jeito, tudo a gente faz de acordo com o mesmo padrão, da bancada, entendeu? (Dani, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Acho que é igual, pode-se torcer da mesma forma. Tudo na paz e no respeito. (Júlia, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Para essas torcedoras, há um código comum da arquibancada, que determina um comportamento coletivo, independentemente de gênero. Para outras, a diferença está no fato de que as mulheres agem de forma menos agressiva e não reproduzem comportamentos preconceituosos:

Na hora todo mundo xinga, mas no geral xingamentos mais agressivos, homofóbicos, eu vejo menos em mulheres, mas eu vejo mulheres fazendo também, entendeu? Porém menos do que homens, nós mesmas evitamos quando começa aquele grito da torcida "ah, gay, não sei o quê", eu não falo. Até porque eu acho que chamar alguém de gay é um elogio, não um xingamento, então eu vou elogiar a pessoa que eu tô criticando? [...] Geralmente homens são mais agressivos com relação a isso, mulheres se seguram mais. (Carla, torcedora do Remo, informação verbal)

Os homens mostram ser bem mais explosivos do que as mulheres em relação a estar no estádio. Alguns perdem mesmo o equilíbrio acabam sendo bem mais explosivos. [...] A mulher tem aquele momento de raiva, mas não chega a ser tão estressante quanto o homem. Porque o homem já tem no seio aquele negócio de futebol, a mulher não, ela vai se descobrindo aos poucos. (Renata, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Além de dizer que o comportamento dos homens é mais explosivo, Renata coloca o espaço do futebol como natural da masculinidade, algo de uma suposta essência do homem, enquanto na mulher seria algo construído. Essa percepção mostra como a performatividade atravessa as interações de forma tão naturalizada que se passa a acreditar que certos papéis sociais são próprios de uma certa identidade de gênero. Outra fala que ajuda a refletir sobre isso é a de Sabrina:

Tirando por mim, eu me comporto igual a um macho na bancada, mas eu acho que tem certos pontos que têm algumas diferenças. No sentido de torcer, é quase a mesma coisa, mas no sentido de se comportar, têm alguns comportamentos de homens ali que são meio nojentos. E aí a mulher já fica meio contraída. [...] A mulher sabe se comportar mais que o homem no estádio. (informação verbal)

Para Sabrina, a mulher tem mais polidez do que o homem naquele ambiente, mas na hora do torcer iguala-se ao comportamento masculino. Dizer que se comporta igual a um “macho na bancada” é assumir como a masculinidade é dominante naquele espaço, como o masculino dita as performances no estádio. Torcer e performar sua torcida seria então, para a

interlocutora, assimilar-se à figura masculina. A performatividade de gênero condicionando as interações construídas.

Ana diz não observar o comportamento da torcida quando está na arquibancada, mas acha que a diferença entre homens e mulheres está no fato dos homens acharem as mulheres inferiores em relação ao conhecimento sobre futebol:

Eu quando tô no estádio, sinceramente, eu nem presto atenção pra ninguém, porque eu fico assistindo o jogo mesmo, de verdade. Mas existe uma diferença sim por parte deles. Eu acho que deles imaginarem que a gente não consegue entender. Mas comigo nunca aconteceu isso. (Ana, torcedora do Remo, informação verbal)

Maria, por sua vez, acha que o comportamento na arquibancada está condicionado não só a partir de desigualdade de gênero, mas sim em uma diferença geracional:

A galera mais nova que é mais respeitosa. [...] Esse pessoal mais antigo, mais velho, eles são mais fechados pra isso. Assim, acho que eles não dão muita abertura pra ter uma conversa, enfim, acho que eles devem pensar "o que que eu vou conversar com essa menina?", "o que que ela entende de futebol?". Eu acho que tem muito disso ainda. [...] Além dessa questão do machismo, da homofobia porque a gente tem que também entender que a galera é da outra geração e se todo esse contexto é ligado ao futebol, muito ligado ainda ao futebol hoje em dia, imagina lá pra trás. (informação verbal)

O aspecto geracional é visto como algo que favorece uma postura menos enrijecida e naturalizada no que se refere à discriminação de gênero. O que pode estar relacionado ao fato de que a nova geração já cresceu em um ambiente onde há mais conscientização e ampla discussão a respeito destas questões.

Compreender como as interlocutoras enxergam a participação feminina na torcida foi uma forma também de entender como lidam com a performatividade de gênero, seja internalizando discursos, seja questionando-os. Além disso, ao falarem sobre suas percepções, puderam trazer suas visões a respeito do espaço que é o estádio de futebol, expuseram situações que são verdadeiros entraves para a presença da mulher no estádio, como a falta de estrutura, desconforto e insegurança encontradas ali. Questões estas pontuadas e discutidas no segundo capítulo.

Para uma das interlocutoras, incentivar e naturalizar a participação feminina são ações que poderiam ser feitas junto aos clubes, pode meio do diálogo: “Eu acho que falta algo voltado pra gente. Eles questionarem ‘o que tá faltando pra vocês dentro do estádio?’, ‘o que

vocês acham que a gente pode melhorar?, como é que vocês podem ajudar a gente a melhorar?’ Esse tipo de atitude que poderia fazer a diferença. (Silvia, torcedora do Remo).

4.7 “É uma coisa que tu sabe que vai ser pra vida inteira”: sentimentos e pertencimento clubístico

“Torcer é o mesmo que pertencer”⁵⁷. A frase é do antropólogo Arlei Damo, em estudo que analisa a relação dos torcedores com um clube de futebol. Essa relação é o que ele chama de pertencimento clubístico. Acompanhar um time de forma que ser torcedor torna-se parte importante de uma história de vida. Pertencer a um clube é adotar suas cores, seus símbolos, seus ídolos, sua história. É seguir o time e apoiá-lo em todas situações, amando-o até nos momentos mais adversos.

Toda as falas trazidas até aqui trouxeram inferências para pensar como esse pertencimento clubístico é vivido pelas interlocutoras. Dizem respeito a acompanhar o time nos jogos, a vestir a camisa desse clube, às experiências vividas por causa desse amor, às relações sociais construídas por meio desse vínculo. E a fim de compreender algumas questões práticas deste pertencimento, conversei com as minhas interlocutoras sobre suas relações com o clube. Primeiro, quem essas mulheres elegem como ídolos, quais são suas referências quando o assunto é futebol.

Entre as interlocutoras remistas, houve um consenso. Todas apontaram o goleiro remista Vinícius⁵⁸ como um ídolo atual para os torcedores azulinos.

Acho que pelo caráter dele, por todo trabalho que ele faz pelo Clube do Remo. Atualmente não tem assim pra botar, porque praticamente o Vinícius representa todo o time. Eu gosto muito dele, o jeito dele, a seriedade com que ele faz o trabalho dele, é muito bacana de ver, coisa que a gente já tava meio que desacostumado com o Remo, porque era muito jogador farrista, descompromissado. (Silvia, torcedora do Remo, informação verbal)

Além dele, também foram citados dois ex jogadores do Remo: o atacante Landu, este também elogiado por sua humildade, e o meia Gian. Como a pergunta era sobre os ídolos no futebol e não direcionava de qual time, uma das interlocutoras também mencionou o jogador

⁵⁷ DAMO, 1998, p. 11

⁵⁸ Como já destacado, Vinicius é hoje em dia o jogador atual mais querido e respeitado pela torcida remista. O goleiro está no time desde 2017 e sempre apresentou bom desempenho em campo, defendendo bolas difíceis e salvando o Remo de derrotas por inúmeras vezes.

Bruno Henrique, atacante do Flamengo. E outra falou sobre ídolos da seleção brasileira de 1994, Romário, Bebeto e Taffarel.

Já entre as torcedoras do Paysandu, do elenco atual do time foi citado o atacante Nicolas, mas por apenas uma interlocutora. A maioria das respostas apontaram como ídolos ex jogadores bicolores: o meia Lecheva, o lateral Yago Pikachu e os atacantes Vandick e Zé Augusto. Os dois últimos mencionados como exemplos para além do campo:

O Vandick tem uma importância muito bacana pra mim, porque o Vandick eu digo que ele não é só o meu ídolo pelas coisas que ele participou sendo jogador do Paysandu, mas pela pessoa que ele é. Numa ação do Paysandu no Hemopa, eu conheci um garotinho chamado Gerlison, ele têm câncer, quando eu falei com o Vandick sobre o Gerlison, ele rápido se prontificou em ajudar: "quero visitar o Gerlison, quero conhecer ele". Levou presente pro Gerlison, conversou. Então eu digo que é o Vandick por ter sido um jogador muito importante pro Paysandu e também pela pessoa que ele é. (Sabrina, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Uma torcedora bicolor também mencionou o ídolo da seleção brasileira Ronaldo Fenômeno. Outra apontou Marta e Cristiane como referências. Foi a única vez que jogadoras mulheres foram citadas. Vale ressaltar que a entrevista em que a interlocutora destacou as jogadoras foi realizada no período em que estava ocorrendo a Copa do Mundo 2019, de futebol feminino.

Quando pensamos em amor por um clube no contexto brasileiro, geralmente se trata de amor por um time de futebol masculino. Como já mostrado aqui, o Brasil é o país do futebol dos homens. Tanto Remo, quanto Paysandu possuem times de outras modalidades esportivas: basquete, futebol feminino, vôlei, futsal, remo, natação e handebol. Mas que não possuem a mesma projeção, movimentação econômica e investimento. Para entender como a torcida se relaciona com outras modalidades, também pergunto às interlocutoras se há esse interesse.

As torcedoras do Remo afirmam tentar acompanhar e assistir jogos de basquete, futebol feminino e regata, mas que às vezes quando buscam informações a respeito dos jogos e não encontram:

Geralmente basquete é certo, que a gente sempre vai assistir no final do ano. Os outros às vezes a gente não vai ver mais por falta de informação mesmo, é muito pouco divulgado. Então a gente não sabe quando tá tendo jogo de vôlei, quando vai ter torneio de natação. Às vezes só divulgam depois as fotos e, poxa, já aconteceu. (Carla, torcedora do Remo, informação verbal)

Eu gosto muito do futebol feminino e do basquete. [...] O futebol feminino ele ainda tá tentando ganhar força, tem as torcidas femininas que apoiam muito, né, tem todo um trabalho voltado pra elas. E o basquete porque eu já gostava antes de assistir. (Silvia, torcedora do Remo, informação verbal)

Sempre que dá a gente vai atrás, principalmente basquete que é normalmente o que é mais divulgado. As regatas também gosto bastante de saber porque o Remo é pioneiro, né, no estado aqui é o clube que mais tem tradição. Mas fora isso, é difícil a gente saber de alguma coisa ou frequentar. Mas sempre que divulgam, que a gente pode, a gente vai... (Maria, torcedora do Remo, informação verbal)

Já as torcedoras do Paysandu disseram se interessar pelo vôlei, futebol de salão, regata e basquete do time.

Às vezes eu dou uma olhada assim em relação ao vôlei, me chama um pouco de atenção, aí pego algumas informações e vou ler. Quando não, no futebol de salão. Mas é mais isso mesmo, mais o vôlei. (Renata, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Além do futebol, as outras modalidades que eu já vi é regata. Quando tem regata eu sempre vou, na maioria das vezes, e basquete. Eu não entendo muito, mas eu gosto de ver o basquete. E gosto de ver regatas também, acho bacana. (Sabrina, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Dani conta que a torcida Terror Bicolor está se movimentando para tentar acompanhar também o futebol feminino: “A gente vê que as meninas têm essa dificuldade também, que é totalmente diferente dos homens. Elas têm muita dificuldade, patrocínio, então esse ano a gente quer também focar na participação dos jogos delas”.

Ouvir as interlocutoras sobre esses assuntos ajuda a entender questões práticas do envolvimento com o clube, mas é importante frisar que a ideia de pertencimento clubístico está muito mais ligada a aspectos sensíveis.

Está nos pequenos símbolos, como o amor à cor do time e, em se tratando de RexPa, na aversão à cor do rival: “Eu não uso azul marinho, em hipótese alguma. Nada, só um jeans mais escuro. Agora roupas, coisas, brinco, esmalte, não uso nada azul marinho”, conta a torcedora bicolor Dani.

É transformar datas e números importantes para o clube em verdadeiros símbolos. Como quando Maria, torcedora remista afirmou querer ter 33 camisas do time, ou Carla que

está ansiosa para completar 33 anos, idade que fará em 2020. O aniversário será comemorado com festa de aniversário temática do Clube do Remo.

Números que ganham tanta simbologia que viram até tatuagem, como é o caso de Júlia que tem no braço o ano de fundação do clube:

Minha tatuagem é uma forma de demonstrar o amor que eu sinto pelo Paysandu, que é 1914, foi o ano que surgiu o clube. Então foi uma forma de demonstrar, como todo mundo tem uma escrita "lobo" ou tem um lobo tatuado, eu queria fazer de uma forma diferente e que as pessoas que vissem, vissem que essa data é do Paysandu. Então assim eu ia reconhecer que é torcedor do Paysandu. Quem é Paysandu reconheceu. E é uma forma de demonstrar o amor que eu sinto pelo Paysandu. [...] Já tem mais de dois anos ela e até hoje perguntam "o que significa 1914?" aí eu falo "Paysandu, "ai tu é louca" "é, eu sou louca pelo Paysandu". (Júlia, torcedora do Paysandu, informação verbal)

Torcer por um time é fazer parte de um todo, é ganhar um sobrenome, um estilo de vida:

Acho que eu não sei nem te explicar em palavras o que é ser remista, é tudo, faz parte do que eu sou, é uma coisa que eu cresci sendo, literalmente faz parte de mim. Porque desde criança minha família toda é, é quase como se fosse um sobrenome, sabe? [...]É literalmente o que eu sou. (Carla, torcedora do Remo, informação verbal)

A gente chama isso de remismo. Remismo é esse viver constante com o Remo, não é vivendo do Remo, é o viver constante com o Remo, de vivenciar o clube, de amar uma instituição centenária e que carrega com ela uma explosão de energia positiva, uma explosão de amor [...] Então, assim, é um estilo de vida que não tem como, a partir do momento em que você é influenciado desde pequeno a gostar daquilo, não tem como você dissociar da sua vida. Eu vivo o Remo. (Maria, torcedora do Remo, informação verbal)

É adotar o mascote do clube de forma tão intensa, que acaba sendo incorporado na própria identidade. É ser leão, ser leoa, ser papão, ser lobo, virar bicho:

É sangue de lobo correndo na minha veia, é garra, é vibração, é alegria, é choro, é tudo. É uma emoção assim que é inexplicável, porque eu digo que o clube me faz viver muitos momentos maravilhosos. Então ser Paysandu pra mim é uma coisa maravilhosa, porque não é só ali dentro do estádio de futebol, o clube me proporciona momentos em ações, eu conheço pessoas especiais. O Paysandu vai muito além do futebol, então ser Paysandu é sangue de loba... (Sabrina, torcedora do Paysandu, informação verbal)

É ter com o time um relacionamento. Um casamento que pode até ter brigas, mas dificilmente um divórcio:

A gente sofre, a gente chora, a gente ri, é um estilo de vida. Por isso que quando dizem que não é só futebol, essa frase é a mais certa que tem, não é só futebol, sabe? E tu vais conhecendo as histórias, o que o futebol pode modificar a vida das pessoas, entendeu? É muito além de falar dos jogadores, é muito além de qualquer coisa, então é essa coisa mesmo de amor. É um amor maior que o amor por uma pessoa, é uma coisa que tu sabe que vai ser pra vida inteira e que aquilo não vai terminar. É mais que um casamento. (Carla, torcedora do Remo, informação verbal)

E como em todos os relacionamentos, é ter momentos de altos e baixos:

Teve momentos de tristeza e de alegria pra mim. Em relação à tristeza, no título, que praticamente já tava quase encerrando a partida. Aí o Paysandu cruzou a bola do início do campo e o Zé Augusto fez o gol. Então eu desabei, chorei e tal. Contra o Cuiabá também, nem consigo te explicar o que aconteceu⁵⁹... De alegria, foi quando o Remo ganhou do Paysandu na Copa Verde, gol do Dadá e do Sílvio no final... (Ana, torcedora do Remo, informação verbal)

Pertencer a um time é, muitas vezes, priorizar esse relacionamento, em detrimento a vários outros:

Conforme eu fui ganhando experiência de vida, ser remista foi se tornando uma coisa importante a se considerar, ao me envolver com uma pessoa amorosamente falando. Porque eu tive experiências pelo fato de eu viver muito intensamente esse remismo, eu tive experiências com pessoas que não compreendiam isso. E isso se tornou um problema. E infelizmente é uma coisa que faz parte de mim, tão de mim, que gostar de mim significa respeitar isso daí. Então quando eu conheço uma pessoa que eu tô me envolvendo com uma pessoa eu digo logo: "olha, é assim o Remo vai jogar e eu só não vou se for o aniversário do meu pai e da minha mãe, o teu aniversário, ou se for doença, porque fora isso não me peça". (Maria, torcedora do Remo, informação verbal)

É mesmo sem saber o que o futuro reserva, ter a certeza de que um amor vai continuar: "Nosso plano pra nossa velhice é seguir o Remo em todo lugar que ele for" (Carla, torcedora do Remo)

Amar um time, segui-lo e se dedicar a ele pode ser também uma forma de abrigo, de esquecimento dos problemas, ao se deixar levar pela emoção dos 90 minutos de bola rolando:

⁵⁹ O jogo contra o Cuiabá a qual a torcedora se refere foi a final da Copa Verde em 2015. Após ganhar o primeiro jogo em casa contra o Cuiabá por um placar de 4x1, o Remo estava confiante para o segundo jogo. Mas acabou perdendo por 5x1 fora de casa, na Arena Pantanal. A situação foi uma das mais constrangedoras vividas pelo time remista nos últimos anos.

Eu já vi no Paysandu até refúgio. Já passei por momentos difíceis que, indo pra jogo, indo pra alguma coisa do Paysandu me fez esquecer de alguma coisa que eu tava passando. Então eu não sei como eu seria se eu não fosse torcedora do Paysandu, como eu ia conseguir reagir a certas situações se eu não fosse. Um exemplo, eu perdi a minha avó. No sétimo dia da minha avó, foi no dia que o Paysandu jogou contra o Atlético, o Paysandu rebaixou o Atlético ganhando de 4x0. Ao mesmo tempo em que eu tava feliz pela vitória do Paysandu, eu tava triste pela perda da minha avó, mas o meu momento vivendo ali... Não é que eu deixei de dar importância a perda da minha avó, mas o momento que eu tava vivendo ali dentro do clube me fez esquecer o que eu tava passando, entendeu? Então eu vejo o Paysandu como um tudo, um tudo e um todo pra mim. (Sabrina, torcedora do Paysandu, informação verbal)

É ter suas principais experiências de vida ligadas àquele clube, de modo que não dá para desvencilhar o torcer, do viver, do ser:

É a minha vida. Passou a ser a maior parte da minha vida. É quando eu me reconheci pra além de torcedora, também meu papel como mulher. É quando ele me apresentou outros lugares, outras pessoas, outras culturas. É quando a gente sai daquela caixinha e começa a conhecer um mundo de possibilidades, então praticamente a maior parte da minha vida hoje é o clube do Remo. [...] Hoje não tem um dia assim que eu não fale do Remo.... (Silvia, torcedora do Remo, informação verbal)

É impossível falar de torcida sem falar dos afetos. Ao mesmo tempo em que as entrevistas permitem analisar como as relações de gênero são construídas no torcer, também possibilitam refletir sobre como a história das mulheres, mesmo em lugares de disputa de poder, não precisa ser apenas de dor e sofrimento. A experiência de ser torcedora está cercada de sentimentos coletivos, de alegria, de trocas e de amor.

5. APITO FINAL - ESSE LUGAR TAMBÉM É MEU: TENSÕES, ALEGRIAS, RESISTÊNCIAS E DESCOBERTAS

Só o futebol permite que você sinta aos 60 anos exatamente o que sentia aos 6. Todas as outras paixões infantis ou ficam sérias ou desaparecem, mas não há uma maneira adulta de ser apaixonado por futebol. Adulto seria largar a paixão e deixar para trás essas criancices: a devoção a um clube e às suas cores como se fosse a nossa outra nação, o desconsolo ou a fúria assassina quando o time perde, a exultação guerreira com a vitória. Você pode racionalizar a paixão, e fazer teses sobre a bola, e observações sociológicas sobre a massa ou poesia sobre o passe, mas é sempre fingimento. É só camuflagem. Dentro do mais teórico e distante analista e do mais engravatado cartola aproveitador existe um guri [e uma guria] pulando na arquibancada.

(Luís Fernando Veríssimo)

Jeanne Favret-Saada⁶⁰ reflete sobre o lugar dos afetos na experiência humana (2005). Em sua pesquisa sobre feitiçaria, a etnóloga percebeu que foi afetada quando tinha reações que escapavam de seu controle. A autora faz uma crítica sobre os antropólogos que dizem fazer uma observação participante, mas que na verdade estão mais interessados na observação do que na participação. Para a autora, é possível fazer da participação um instrumento de conhecimento, ao se deixar afetar sem procurar pesquisar, compreender. Afetos para ela aparecem como intensidades específicas e significativas vivenciadas em determinado lugar. Assim, a participação pode ser um instrumento de conhecimento, e vivenciar o campo é também em muitos momentos se deixar afetar.

Não foram poucos os momentos em que fui afetada em campo e não poderia encerrar esse trabalho sem falar a respeito. Assistir a um jogo do time pelo qual torço, estando na torcida rival não foi fácil. Tensões e o medo de não saber reagir em determinados momentos. Como se comportar durante o gol do time adversário sobre o seu? Como não reagir a um gol do seu time de coração estando na arquibancada rival? Foi preciso acionar performances do faz de conta para tentar não externalizar sentimentos.

De todos os momentos da pesquisa de campo, teve um que foi o de maior envolvimento para mim. Na torcida remista, evidentemente- talvez haja alguma predisposição

⁶⁰ Siqueira, P. (2005). “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos De Campo**. (São Paulo 1991), 13(13), 155-161.

para os afetos? Era o jogo mais decisivo da série C para os times paraenses. Transcrevo aqui alguns escritos do meu diário de campo sobre aquele dia:

Depois de muito trânsito, foi uma correria para conseguir entrar. Logo ao passar da catraca, já dava para ouvir o hino sendo cantado, o que indicava que o jogo já ia começar. Muitos corriam e eu acelerei o passo também, quase correndo em direção à rampa de acesso. No caminho e no sentido contrário, três policiais da cavalaria vinham rápido na direção dos torcedores. No susto e com medo dos cavalos que se impunham sobre a multidão, tive que me afastar para o lado e acabei batendo com força o meu braço em uma grade (o que me presenteou com um hematoma roxo durante dias). Já fui batizada ali, afetada fisicamente, inclusive.

Subi a rampa e fui atrás de vaga na arquibancada, a primeira entrada que tentei estava tão cheia que desisti e fui para a próxima, que também estava lotada, mas não dava mais tempo de procurar outro lugar. Fui me apertando e me colocando entre a multidão. Nunca tinha estado em uma arquibancada tão cheia. Nunca tinha me sentido tão pequena. Na minha frente algumas moças e um rapaz. Atrás não parava de chegar gente.

O jogo começou e foi difícil olhar ao redor durante quase todo o primeiro tempo. A observação da arquibancada foi deixada de lado, meus olhos procuravam apenas o gramado em qualquer brecha entre as cabeças de pessoas que estavam no mesmo plano que eu, superando qualquer lei física de que dois corpos não ocupam o mesmo lugar, ali não eram só dois, eram incontáveis. Não demorou muito para eu ser tomada, inebriada pelo calor da torcida eufórica, apertada. Era um empurra, empurra e em diversos momentos senti meus pés fora do chão. As reações dos torcedores eram as de sempre, os gritos, os cantos de amor embalados pela torcida Camisa 33, que era a banda mais próxima de onde eu estava.

O ápice foi o gol do Remo, ainda no primeiro tempo da partida. Me deixei levar, em todos os sentidos, inclusive no físico, pois do lugar instável em que eu me encontrava, fui empurrada como em um avalanche de pessoas, indo parar uns três degraus abaixo. Não sei como não caí. Na verdade, sei sim, os outros corpos da arquibancada foram apoio para o meu, assim como fui para eles. Cada um se sustentando nos que estavam em volta, virando quase que uma coisa só. Na hora, não teve como não lembrar da corda do Círio de Nazaré, foi um movimento parecido, só que sem a dor e a oblação, apenas alegria. Não era corda, era como um abraço coletivo, em meio a comemorações e uma emoção indescritível. Deixei me levar por ela e lagrimei. Outras pessoas ao meu lado também estavam chorando. Com os

empurrões, a água que eu segurava molhou alguns que estavam a meu redor e depois me desculpei com alguns rapazes que acabei molhando mais. Eles riram e brincaram que pelo menos não era cerveja.

Quase fim do primeiro tempo e o árbitro marca pênalti para o Paysandu. A torcida remista gritava em coro “timinho, timinho, timinho”. Não gritei junto, mas estava tão nervosa e envolvida que não quis olhar a cobrança da penalidade. Ao mesmo tempo pensava “meu Deus do céu, o que tô fazendo? Eu devia estar fazendo minhas anotações de pesquisa”. Virei o rosto para não ver a cobrança do pênalti. O jogador bicolor errou, não vi o que aconteceu, se a bola foi pra fora, se bateu na trave ou se o goleiro Vinícius pegou. Só percebi que o gol não tinha sido marcado quando a torcida remista começou a gritar e comemorar. Eu comemorei junto incrédula e com um misto de alívio e angústia. Queria entender o que tinha acontecido, comecei a perguntar para uma moça que estava do meu lado, que me respondeu sorrindo eufórica que tinha sido para fora, enquanto me abraçava forte e feliz.

Nesse jogo, penso que consegui sentir o que Favret-Saada quer dizer com fazer mais do que uma observação participante, sobre participar e ser afetado de tal forma que eu não era um outro ali, eu era mais do que nunca parte.

Percebi que eu era parte quando me vi em situações que sempre enxergo os sujeitos das torcidas. Quando depois das vezes que reagia de forma espontânea e torcia com os mesmos códigos, rituais e frases utilizados ali, me via pensando como pesquisadora e analisando a mim mesma, em uma metafísica confusa. Quando me permiti ser abraçada por outra mulher que nunca tinha visto e encontrei ali um sentimento de cumplicidade.

Talvez pelo caráter decisivo do jogo e por ser um dos mais importantes em que estive durante pesquisa de campo, tive a impressão de que esqueci que eu estava ali para pesquisar e às vezes tinha que me recolocar como pesquisadora. O que era difícil, pois estava sentindo as mesmas emoções e me comportando como todos que ali estavam.

Sentir as mesmas emoções aliás é o que faz com que todas aquelas pessoas se reúnam no estádio para torcer por um time. É a energia, o calor, o não estar sozinho. E é a torcida que confere ao futebol a circularidade das emoções, e vice-versa. (DAMO, 2005). Torcer é se deixar afetar. E neste encontro de afetos que é a arquibancada, pessoas compartilham de um comum, mas continuam tendo suas próprias subjetividades e trajetórias.

Quando pensamos o estádio como ambiente comunicacional e espaço de vinculação entre os corpos, quais corpos são resistência ali? Talvez os pobres, com uma cultura de

modernização dos estádios brasileiros que têm imposto um padrão FIFA; os homossexuais, que passam os 90 minutos ouvindo a arquibancada usar o que eles são como ofensas; as mulheres, que enfrentam o discurso de que aquele não é lugar para elas. São vários os processos de negociação com formas insidiosas e nem sempre visíveis de poder para vivenciar o amor pelo clube, *in loco*.

Ainda que as mulheres às vezes sejam objetificadas, outras inferiorizadas e muitas vezes desrespeitadas, elas resistem ao continuarem ocupando o estádio, saindo de casa para viver a sua paixão pelo clube, de perto. Faz-se necessário reforçar mais uma vez que não é por estarem sempre em posição de negociação que a experiência de ser torcedora seja só dores e sofrimentos.

Pelo contrário, torcer é alegria, é um bocado de sentimento misturado, que pode ser resumido, no fim das contas, a amor. Mas não é por isso que se deva ignorar as desigualdades. Collins (2019), no contexto da interseccionalidade de raça e gênero, utiliza uma frase de Crenshaw que ajuda a resumir o que quero dizer: “é bastante óbvio que tratar coisas diferentes do mesmo modo pode gerar tanta desigualdade quanto tratar as mesmas coisas de maneira diferente”. (p. 64)

Não é fácil acreditar em uma experiência completa de igualdade social, quando se leva em consideração a formação histórica do futebol, construída com base na afirmação de diferenças de gêneros e de papéis sociais biologicamente definidos. As mulheres, mesmo as que foram ensinadas a torcer desde sempre, têm sua condição de torcedora limitada por discursos que dizem o que a mulher não pode fazer. Por isso que a primeira ida ao estádio para uma mulher é mais do que nunca um ritual de passagem, parte da convicção de que, “sim, aquele lugar também é meu”.

O momento atual das torcidas no Brasil e no Pará cada vez mais aponta para uma politização, a partir de uma reflexão mais consistente sobre essas desigualdades. Campanhas que vêm tentando driblar preconceitos homofóbicos e racistas, consolidação de torcidas antifascistas, mobilizações em defesa das mulheres. É preciso reconhecer que boa parte dessas iniciativas passa pelas torcedoras, nas manifestações pela igualdade de gênero, levantando bandeiras que pedem o fim do assédio e da violência contra a mulher, pedindo respeito e reforçando, mais uma vez, que o estádio é o lugar delas.

Ainda assim, acredito que essa equidade de gêneros não esteja tão próxima. São as masculinidades que ditam as performances naquele espaço, e a performatividade de gênero

continua condicionando as interações. Se ainda há a ideia de que para viver sua torcida em plenitude é preciso se “comportar como um macho”, é porque o torcer ainda está associado às masculinidades. E quando a mulher se assemelha demais a este comportamento dominante ainda acaba virando motivo de risos, sendo tachada de louca, histérica. Ou seja, a mulher está sempre sendo rotulada. Enquanto isso, outros comportamentos que fujam da heteronormatividade são tidos como ameaçadores. Pequenas atitudes, como levantar uma bandeira LGBT, ou um homem que dança no gramado em uma campanha de forma “afeminada”, são ridicularizadas e chegam até a provocar ira dos torcedores. Reações que partem da ideia de que tudo bem ter mulheres e homens no estádio, desde que seja cada um no seu quadrado, performatizando sua identidade de gênero conforme o que prega a normatividade.

Não dá para fechar os olhos para as disputas de poder que ainda permeiam o futebol, mesmo que se reconheça as mudanças e avanços para fazer do estádio um lugar mais democrático. O que talvez esteja ocorrendo aos poucos sejam pequenos abalos no domínio hegemônico do poder, com desenvolvimento de pensamento crítico sobre o que antes não era refletido.

Essa compreensão quando se transforma em construção de novas ideias é o primeiro passo para provocar mudanças, inclusive mais estruturais. E quais são as mudanças que podem tornar o estádio paraense em um lugar realmente equânime para homens e mulheres? Seria necessária uma pesquisa de opinião mais abrangente. Todavia, a partir das conversas com as interlocutoras desta pesquisa e das observações de campo, é possível apontar algumas direções. No sentido estrutural, vão desde melhores condições para o público feminino - como número maior de banheiros e em condições mais higiênicas -, a medidas de segurança que permitam que as mulheres não tenham medo de serem assediadas ou inferiorizadas naquele espaço.

É claro que as interlocutoras desta pesquisa são mulheres que, mesmo reconhecendo os problemas do estádio, jamais deixam de ir para o campo ver o time jogar. Agora quantas mulheres torcedoras não estão deixando de viver o amor pelo clube em sua totalidade, por não se sentirem parte, por acharem que aquele não é o lugar delas? Se é na rua, no estádio, que o torcedor eleva o nível de pertencimento por meio do sentimento comum com a torcida, é preciso dar estrutura e instrumentos para que as torcedoras vivenciem esse sentimento de forma igual.

Nos clubes paraenses, o reconhecimento da mulher como torcedora caminha em passos lentos, mas importantes. Está na produção de materiais esportivos femininos, em iniciativas como campanhas e promoções específicas para sócio torcedoras, na criação de uma mascote fêmea, no apoio a manifestações de mulheres no estádio. Mas como dito aqui, é preciso inaugurar novas ideias que respeitem e entendam o lugar da mulher como torcedora, em sua totalidade.

É preciso ouvir as mulheres, conversar com elas, é preciso dar espaço e oportunidades para que elas falem sobre seus desejos, sentimentos, suas torcidas, seus ídolos, ou apenas sobre futebol. Sem que a mulher precise provar a todo instante o porquê merece ser chamada de torcedora, como se existisse um tipo ideal.

É importante também incentivar as mulheres a conversarem com outras mulheres, mostrando como as mudanças podem vir por meio das relações interpessoais, criando ambientes que não coloquem mulheres como rivais e sim como parceiras. E este movimento está ocorrendo aos poucos se pensarmos que a cada vez estão mais raros espaços como concursos de beleza de musas da torcida. Enquanto tem aumentado o surgimento de torcidas femininas. Torcedoras deixando de competir e passando a se unirem para lutarem por seus espaços. Assim como na situação do aperto da arquibancada que descrevi acima, corpos sustentam outros corpos para que eles não caiam, e mulheres podem apoiar outras mulheres para juntas se fortalecerem.

Se as relações interpessoais podem ser de dominação, elas também podem ser de empoderamento, ao mudarmos a forma como nos relacionamos com a própria torcida e até com a rival. Não estou falando aqui, obviamente, de acabar com rivalidades. Pelo contrário, a competição está na base das emoções que movimentam o futebol. Aliás, no Pará, o que seria das relações sociais futebolísticas se não houvesse a encarnação? Esse fenômeno de zoar com o adversário, encarnar no rival é um recurso recorrente para a construção de sociabilidades. A encarnação, cultural no RexPa, é importante e prazerosa. Mas não pode ser tida como um espaço para reprodução de discursos opressores, ainda que velados. É preciso afastar da encarnação a homofobia e o machismo. Palavras como “leoas” “lobas” “viados” “gay” não podem ser termos utilizados como xingamentos.

Mudar as coisas começa pelo pensamento crítico, pois “compreender o sentido das ideologias hegemônicas é empoderador. Reconhecer que não podemos acreditar em tudo que nos é dito e ensinado é libertador” (COLLINS, 2019, p. 451). E esse é o primeiro passo para

que as mulheres tenham liberdade de serem leas ou lobas de coração, alma e corpo presentes, no estádio.

REFERÊNCIAS

- ANTHUNES, Theophilo; SOUZA, Milton, Matheus. **Violência no futebol paraense: um diálogo bibliográfico acerca da violência que envolve as torcidas de futebol de campo em Belém do Pará**. Belém: Universidade do Estado do Pará, 2012.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. Amor e masculinidade nos estádios de futebol. **Esporte e Sociedade**, ano 7, n. 19, p. 1-26, mar. 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/30652060/Amor_e_masculinidade_nos_est%C3%A1dios_de_futebol. Acesso em: 12 abr. 2019.
- _____; SEFFNER, Fernando. Representações sobre mulheres nos estádios de futebol. **Mosaico**, v. 9, n. 14, p. 285-301, 2018. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/74098/73217>. Acesso em: 12 abr. 2019.
- _____; _____. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, v. XIV, n. 29, p. 246-270, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10426/7524>. Acesso em: 12 abr. 2019.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.
- _____. Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos. In: RODRIGUES, David (org.) Os valores e as atividades corporais. São Paulo: Summus, 2008. P. 95 - 112
- _____. O tempo lento e o espaço nulo. mídia primária, secundária e terciária. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (COMPÓS), IX, 2000, Porto Alegre. **Anais da Compós**. Porto Alegre: Compós, 2000.
- _____. A mídia antes da máquina. **JB Online**, Caderno Idéias, Rio de Janeiro, 16 out. 1999. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/maquina.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2020.
- BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, n° 43, jul-dez 2014: pp. 441-474. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n43/0104-8333-cpa-43-0441.pdf>. Acesso em: 02 set 2019.
- BORILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.
- BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. **Verso e Reverso** (58): 62-77,

janeiro-abril 2011;

_____. O grau zero da comunicação. **E-Compós**, v. 18, n. 2, 11 set. 2015.

BUTLER, Judith [1990]. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo (1993). In: LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista** – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **A vida psíquica do poder: Teorias da sujeição**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; AUGUSTO, Izabela Guimarães; SILVA, Silvio Ricardo da. A relação entre as torcedoras de futebol e o estádio em Belo Horizonte. In: **FAZENDO GÊNERO**, 9, 2010, UFSC. Florianópolis. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1276549001_ARQUIVO_arelacaoentrea_torcedorasdefuteboleostadioembelohorizonte.pdf. Acesso em: 12 abr. 2019.

CASTRO, Fábio F. **As “interações sociais” como objeto de pesquisa da comunicação**. Percursos teóricos e metodológicos. Paper apresentado em seminário no Grupo de Pesquisa Interações e Tecnologia na Amazônia (ITA) da Universidade Federal do Pará, 29 de abril de 2015.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CONNEL, Raewyn. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 185-206.

CONNEL, Raewyn; MESSERSCHMIDT James W; Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013

COSTA, Leda M. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, Ano 2, número 4, Nov2006/Fev2007
CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Cruzamento:raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004.

DA MATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 10-17, 1994. Disponível em: Acesso em 12 abril 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26954/28732>. Acesso em: 12 abr. 2019.

_____. **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotkeke, 1982.

_____. O ofício do etnólogo, ou como ter ‘anthropological blues’. **Cadernos do PPGAS**, Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1978

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 1998.

DAWSEY, John C.; SCHECHNER, Richard. Antropologia em performance: entrevista com Richard Schechner, por John C. Dawsey. **GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia**, v. 3, n. 1, 23 jul. 2018.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul (Org.). **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 231-249, 1995

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRANÇA, Vera Veiga. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? **Ciberlegenda**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, n. 05, 2001.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, Dec. 2005. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 Mar. 2019.

FREITAS, Aline M. C. **Não é só futebol**: uma análise dos laços de afeto que envolvem os torcedores do Clube do Remo, a partir de processos socioculturais comunicativos. Belém: Universidade Federal do Pará, 2017.

GASTALDO, Édison. **Pátria, chuteiras e propaganda**: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume, 2002

_____. Futebol midiaticizado e sociabilidade masculina: apontamentos etnográficos. In: **ABA - Associação Brasileira de Antropologia**, 25^a, 2006, Goiânia.

_____. Goffman e as relações de poder na vida cotidiana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.23, n. 68, PP. 149-153. Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisas Sociais. São Paulo, out 2008.

GAUDÊNCIO, Itamar Rogério Pereira. **Diversão, rivalidade e política**: o Re x Pa nos festivais futebolísticos em Belém do Pará (1905-1950). 2007. 174 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em História) - Universidade Federal do Pará, Belém. Disponível

em:

http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/4207/1/Dissertacao_DiversaoRivalidadePolitica.pdf. Acesso em: 12 abr. 2019.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

GOELLNER, Silvana V.. Mulheres e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Revista Pensar a Prática**, v.8, n.1, pp 85-100. Goiás, jan/jun 2005a.

_____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física Especializada**, v.19, n.2, pp.143-151. São Paulo, jun 2005b.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

_____. **Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GUBER, Rosana. **La etnografia**. Método, campo y reflexividad. Buenos Aires: Editorial Norma, 2001.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil** – Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009, v. 1

HELAL, Ronaldo; GORDON JR., Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Estudos históricos**. - 23. [S. l.]: FGV, 1999. pp 147-165.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** - episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v4n9/0104-7183-ha-4-9-0103.pdf>> Acesso em: 13 abr. 2019.

LAUAND, Jean. Reavaliando a fraseologia I – a origem das expressões: “torcedor”, “bater papo” e “será o Benedito?”. **Revista Internacional d’Humanitats**. 36. CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona. Jan-abr 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista** – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAGALHÃES, Sandra Leticia Ferreira. **Memória, futebol e mulher: anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense (1980-2007)**. Recorde: Revista de História de Esporte, v. 1, n. 2, p. 1-39, dez. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/776/717>. Acesso em: 12 abr. 2019.

MAGNANI, José Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 17 no 49 junho/2002.

_____. Etnografia como prática e experiência. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009

MAUSS, Marcel. As Técnicas do Corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, pp. 399-422.

MENEGOTTO, Francine Morim. **Que rosa nada, elas usam é azul!** Um estudo sobre a participação das mulheres na torcida jovem do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense. 2011. 61f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Educação Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32296/000784152.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 abr. 2019.

MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. **Caleidoscópio convexo: mulheres, política e mídia**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011

NORONHA, Marcelo Pizarro. **Futebol é coisa de mulher!** Um estudo etnográfico sobre o “lugar” feminino no futebol clubístico. 2010. 185 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2113>. Acesso em: 12 abr. 2019.

_____. Sou mulher! Sou gremista! Representações da mulher no futebol e as cristalizações de gênero envolvidas neste processo: uma etnografia sobre torcedoras do Grêmio. In: **ANAIS DO ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA**, XI, 2012, UFRGS. Porto Alegre. p. 640-649. Disponível em: http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346336267_ARQUIVO_ArtigoMarceloNoronhaANPUH-RS.pdf. Acesso em: 12 abr. 2019.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014

PINTO, Mauricio Rodrigues. Pelo direito de torcer: as histórias de coletivos e movimentos de torcedores contrários à homofobia e ao machismo no futebol. In: **ANAIS DO ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL**, XII, 2017, UFMG. Belo Horizonte. Disponível em: http://www.sudeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1509501403_ARQUIVO_PeloDireitodeTorcer_Textocompleto.pdf. Acesso em: 12 abr. 2019.

_____; ALMEIDA, Marco Bettine de. Novos “sujeitos-torcedorxs”: trajetórias e estratégias de visibilidade da Galo Queer, Bambi Tricolor e Palmeiras Livre. **Mosaico**, v. 9, n. 14, p. 106-124, 2018. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/73996/73206>. Acesso em: 12

abr. 2019.

QUÉRÉ, Louis. D'un modèle épistémologique de la communication à un modèle praxéologique. In: **RÉSEAU** n. 46/47. Paris: Tekhné, mar-abril 1991;

REQUENA, Jesús González. **El discurso televisivo: espectáculo de la posmodernidad**. Madri: Catedra, 1995.

RUBIN, Gayle [2011]. Pensando o sexo. In: **Políticas do Sexo**. São Paulo: Ubu, 2017.

SANTOS, Irlan Simões; Helal, Ronaldo. Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube. **Triade: comunicação, cultura e mídia**. Sorocaba, SP, v. 4, n. 7, p. 53-69, jun/2016

SCHECHNER, Richard. "O que é performance?". In: **Performance studies: an introduction**, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51, 2006.

_____. O leque e a rede (de Performance Theory). In: LIGIÉRO, Zeca (org.). **Performance e antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Mauad X. 199 pp, 2012

_____. Ritual (do Introduction to Performance Studies). In: LIGIÉRO, Zeca (org.). **Performance e antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Mauad X. 199 pp, 2012

SCOTT, Joan W.. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOLNIT, Rebeca. **Os homens explicam tudo para mim**. São Paulo: Cultrix, 2017

STAHLBERG, Lara T. Jogando em vários campos: torcedoras, futebol e gênero. In: Toledo, Luiz H.; Costa, Carlos E. (Orgs.). **Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Terceiro Nome, 2009, p.141-66

SOARES, Antônio Jorge. História e invenção de tradições no campo de futebol. **Estudos históricos**. 23. [S. l.]: FGV, 1999. pp 119-146

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro. **Esporte e Sociedade**. Ano 8, n 21, mar/2013.

_____. TORCIDAS JOVENS E NOVOS MOVIMENTOS DE TORCEDORES NO RIO DE JANEIRO: SENTIDOS ATRIBUÍDOS À PAIXÃO FUTEBOLÍSTICA E ÀS MANIFESTAÇÕES TORCEDORAS. In: **Anais do I Simpósio de Estudos sobre Futebol**. Museu do Futebol, USP e PUC-SP, 10-14 de maio, 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no Futebol**: dimensões simbólicas de um esporte nacional. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2002.

_____. Futebol e Teoria Social: Aspectos da Produção Científica Brasileira (1982-2002). BIB, São Paulo, n° 52, 2 ° semestre de 2001, pp. 133-165

_____. **Torcidas organizadas de futebol**, Campinas, Autores Associados/Anpocs, 1994.

TURNER, Vitor. **O processo ritual**. Estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de Si**. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade. Lisboa: Fim de Século. 264 p., 1995.

Velho, Gilberto. **Um antropólogo na cidade**: Ensaio de Antropologia Urbana. Zahar: Rio de Janeiro, 2013.

Veríssimo, Luís Fernando. **Time dos Sonhos**: paixão, poesia e futebol. Rio de Janeiro : Objetiva, 2010

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rosa dos tempos: Rio de Janeiro, 2018

APÊNDICE A - Roteiro de perguntas

I. DADOS SÓCIO-ECONÔMICOS

Nome: _____

e-mail: _____

Data de Nascimento (dia/mês/ano): __/__/____

Bairro onde reside: _____

Naturalidade: Belém Outro. Qual? _____

1. QUAL É O SEU GÊNERO?

- Mulher cisgênero (Que se identifica com o sexo biológico de nascimento)
- Mulher transgênero (Que não se identifica com o sexo biológico de nascimento)
- Agênero (Que não se identifica nem com o sexo feminino e nem com o sexo masculino)
- Binário (Que se identifica com ambos os sexos)
- Outro: _____

2. COMO VOCÊ CLASSIFICARIA SUA COR?

- Branca
- Parda
- Vermelha (indígena)
- Preta
- Amarela (oriental asiático)
- Prefiro não declarar

3. QUAL É SEU ESTADO CIVIL?

- Solteiro(a)
- Casado(a)
- Separado(a) / Divorciado(a)
- Viúvo(a)
- Vivo com companheira
- Vivo com companheiro

4. QUAL É SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL?

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Pansexual
- Outro: _____

5. QUAL O SEU GRAU MÁXIMO DE ESCOLARIDADE?

- Ensino fundamental incompleto

- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Pós-Doutorado

6. QUAL É SUA RENDA FAMILIAR MENSAL (considerando a soma da renda daqueles que moram e contribuem para o sustento do lar)?

- Até dois salários mínimos (até R\$1.976)
- De dois a quatro salários mínimos (de R\$1.976 a R\$ 3.952)
- De quatro a dez salários mínimos (de R\$ 3.952 a R\$ 9.880)
- De dez a vinte salários mínimos (de R\$ 9.880 a R\$ 19.760)
- Acima de vinte salários mínimos (mais de R\$ 19.760)

7. QUANTAS PESSOAS SÃO SUSTENTADAS COM A RENDA FAMILIAR?

- Uma
- Duas
- Três
- Quatro
- Cinco
- Mais de cinco

B. PERGUNTAS SEMIESTRUTURADAS

Bloco 1 - História da torcedora com o futebol

1. Quando você começou a torcer e se interessar por futebol?
2. Quando você começou a frequentar o estádio?
3. Como foi sua primeira vez no estádio?
4. Você integra alguma torcida organizada de futebol? Caso sim, como é a experiência? Qual é a porcentagem de mulheres nesse grupo? É refletido sobre essa presença?

Bloco 2 - Relação da torcedora com o estádio

1. Com que frequência você vai ao estádio?
2. Como você vai ao estádio: meios de locomoção; com quais companhias ou sozinha?
3. Onde você costuma se sentar na arquibancada? Por quê?
4. O que assistir ao jogo no estádio representa pra você?
5. Você considera o campo um lugar seguro?

6. Quando você vai para o campo, você se preocupa com sua aparência ou roupa que está usando?
7. Você acha que o comportamento dos homens no estádio é diferente do das mulheres? Por quê?
8. Você já viveu ou presenciou alguma situação de constrangimento ou assédio no estádio?

Bloco 3 - Impressões sobre si mesma e práticas do torcer

1. Você acha que a presença das mulheres no campo é igual à dos homens?
2. Você se sente respeitada nesse ambiente?
3. Você se sente respeitada como torcedora, têm sua opinião ouvida?
4. Você considera o estádio um lugar confortável?
4. Com quem você conversa quando o assunto é futebol?
4. Você adota um ritual específico na hora de torcer?
5. Quem são seus/suas ídolos (as) no futebol? Que jogadores (as) são referências pra você?
6. Você acompanha outras modalidades do clube?
6. O que é ser remista/bicolor pra você?